

# PEQU

QUADRINHOS





## ALGUNS QUADRINHOS BRASILEIROS

Apenas alguns quadrinhos. E brasileiros.

Esta é a proposta desta revista. A de publicar quadrinhos feitos por brasileiros, principalmente os inéditos, os que não têm um veículo para divulgar seus trabalhos, os que são ignorados pelo mercado editorial.

A idéia inicial, no entanto, não era essa. A princípio pensei apenas em publicar um volume com o material que eu tinha e distribuir entre os amigos, colecionadores e fãs de HQ. Antes de continuar desenvolvendo este assunto, deixa eu contar primeiro uma história, não uma história-em-quadrinhos, apenas a minha história.

E a minha história é a de muitos outros. Um menino que sempre teve gosto pelo desenho e foi crescendo e desenhando e sempre imaginando seus heróis e personagens um dia publicados, nas bancas de revistas. Logo já está enviando HQs para as editoras sem sequer imaginar que a maioria do material publicado é comprado pronto. Mesmo as editoras que publicam material brasileiro, já têm seus desenhistas contratados, ou já têm sua linha editorial, de qualquer modo, não vão aceitar o trabalho de um novato - abre-se uma exceção para o Clube de Quadrinhos da Grafipar - e o que acontece é que o menino logo desiste.

E assim eu, um menino que já não cresce mais, me vi com um punhado de quadrinhos sem perspectiva de publicação. Ao mesmo tempo, fui entrando em contato com desenhistas na mesma situação que eu, sem condições de entrar neste mercado restrito que é o das revistas de HQ. Fui conhecendo também o mundo dos fãsines e, através de Historieta, o Pica-Pau e outros, fui vendo que existe um tipo de leitor que tem um interesse especial pela HQ, que coleciona gibis, que incentiva o quadrinho nacional, etc.

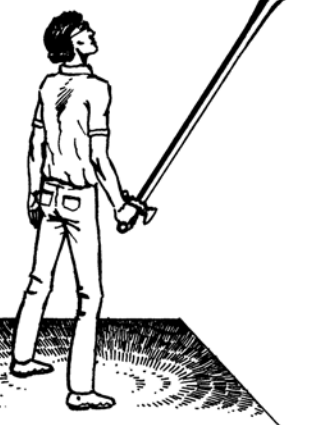
É a este leitor que esta revista é endereçada. Neste ponto volte à idéia inicial acima interrompida. Como disse, minha intenção era publicar uma revista avulsa reunindo as HQs e os cartuns que possuo e presentear-la aos colegas quadrinheiros.

Depois me veio a idéia de dar continuação à revista, publicando outros números. Este primeiro número segue a idéia inicial. Todas as HQs aqui publicadas foram feitas por mim nestes últimos 5 ou 6 anos. O próximo número pretendo reunir trabalhos de colegas desenhistas com quem mantenho contato ou que eu ainda venha a conhecer. Conto desde já com o apoio e colaboração dos colegas.

Com relação ao preço da revista, divulgação, distribuição, etc. Segundo a idéia inicial seria um presente, e presente não tem preço. No entanto, pensando melhor, achei que seria justo cobrar o preço de custo. Isto por um lado valorizaria a publicação e, por outro, ajudaria nos gastos que evidentemente não são poucos. Este primeiro número, eu o enviarei a quem já possui o nome e endereço pedindo a estes que me mandem endereços de outros colecionadores ou amigos interessados. Junto com a revista mandarei o preço de custo (que será o total do gasto de papel, mais impressão e mais acabamento dividido por 500 que é a tiragem) mais o preço de envio pelo correio. Aquele que, ao ver o primeiro número, não se interessar pela publicação não precisa se preocupar em pagá-la, aceite-a como um presente. O que se interessar e quiser receber os possíveis futuros números, por favor me escreva autorizando a enviar-lhe cada número, tão logo saia. O sistema que adotarei será este devido a não periodicidade da publicação. Tentarei fazê-la semestral ou seja, duas por ano, uma em junho e outra em dezembro, mas prefiro não fazer um juramento. O meio de pagamento será o único economicamente viável. Como o vale postal ou o reembolso são caros, peço ao leitor que me envie, tão logo recebam a publicação em sua casa, o dinheiro dentro de uma carta simples, bem disfarçado é claro, pois o correio não permite isso. No entanto, é o único meio viável.
















Neste último parágrafo quero desejar-lhes uma boa leitura e dizer que aguardo notícias suas a respeito disso que eu chamo ALGUNS QUADRINHOS BRASILEIROS.

EDGARD COUTINHO



# PSIU

## ÍNDICE

 <p><b>FALA, QUADRINHO</b></p> <p>ROBERTO PORTELLA CÂMARA Notas sobre um desenhista brasileiro.</p> <p>pág.04</p>	 <p>Quatro HQs com a dimensãc 190mmX290mm.</p> <p>pág.05</p>	 <p><b>FALA, QUADRINHO</b></p> <p>A PROPÓSITO DE HISTORIETA Tuas historietas ótimas.</p> <p>pág.09</p>
 <p><b>FESADELOS</b> Uma pequena história de terror.</p> <p>pág.10</p>	 <p><b>FALA, QUADRINHO</b></p> <p>QUADRINHOS DE AVENTURAS Uma aventura para os quadrinhos.</p> <p>pág.15</p>	 <p>Quatorze HQs de seis quadrinhos cada. 150 mm de largura por 50 mm de altura.</p> <p>pág.16</p>
 <p><b>FALA, QUADRINHO</b></p> <p>KEN PARKER: UM ANTI HERÓI DE VERDADE A vantagem de um seriado mensal.</p> <p>pág.23</p>	 <p>INGREM, UMA CIDAD INTEIRA DESTRUÍDA</p> <p>O METEORO Num mundo estranho, uma narrativa estranha.</p> <p>pág.25</p>	 <p><b>FALA, QUADRINHO</b></p> <p>A EBAL E SUAS PUBLICAÇÕES. Quadrinhos de qualidade.</p> <p>pág.27</p>
 <p><b>CARTUNS</b> 10 cartuns infelizes</p> <p>pág.28</p>	 <p><b>OS PITANGUEIROS</b> Nossos índios vivendo antes do Descobrimto</p> <p>pág.33</p>	 <p><b>CARTUM SEXORAL</b> Simplesmente horroroso</p> <p>pág.39</p>
 <p><b>FALA, QUADRINHO</b></p> <p>QUADRINHOS AMADORES Uma idéia de marginalidade.</p> <p>pág.40</p>	 <p><b>FÁBULAS MODERNAS</b> Chapeuzinho Vermelho os três porquinhos e o lobo ... juntos, como diria Stan Lee.</p> <p>pág.41</p>	 <p>Uma HQ realmente em tiras.</p> <p>Da página.04 à página.49</p>



**EXPEDIENTE**

**PSIU Nº 1**

**JUNHO DE 1982**

Responsável pela revista: Edgard José de Faria Guimarães  
Endereço: Praça Getúlio Vargas, 21 - Brasópolis - MG - CEP:37530 - Tel:(035)641-1372  
Impresso em off-set com tiragem provável de 500 exemplares  
Periodicidade: talvez semestral

APOIO MORAL: ASSOCIAÇÃO DE PROMOÇÕES CULTURAIS DE BRASÓPOLIS

# FALA, QUADRINHO

ROBERTO PORTELLA CÂMARA

Notas sobre um desenhista brasileiro.

A princípio pensei tratar-se de Jose Ortiz. Mas o que estaria fazendo este desenhista numa revista que só publicava quadrinhos nacionais. Ao verificar quem era o autor daquela história, dei de cara com um desenhista brasileiro com um traço parecidíssimo com o do José Ortiz. A revista era a Próton, da Grafipar e o desenhista, Roberto Portella Câmara.

Minha primeira impressão foi ótima. Explico: estava diante de um desenhista nacional que era capaz de fazer um desenho tão bom quanto o de um dos pontos máximos da revista Kripta, na época a melhor do gênero publicada no Brasil.

Roberto Câmara continuou publicando algumas outras histórias pela Grafipar, sempre no estilo Ortiz e chegou a ilustrar o romance 'a Bagaceira' publicada em revista pela Ebal. Foi um trabalho mais capricado, destacando-se sempre o cuidado ao fazer os balões, coisa rara de se ver. O estilo Ortiz continuou e saiu, pela Grafipar, um número da revista Aventura em Quadrinhos com o subtítulo O Jagunço, feito pelo Roberto Câmara, uma boa história, um bom desenho.

Uma opinião pessoal minha. Eu acho que se um desenhista consegue fazer um desenho igual ao de, por exemplo, Hal Foster, seja porque tem uma admiração pelo criador do Príncipe Valente, seja por outro motivo qualquer, isto não o desmerece em nada. É apenas uma questão de opção. Se o desenho de Hal Foster é bonito e eu procuro ter um desenho como o dele, e se consigo fazer uma história com um desenho tão bom quanto o dele, eu serei tão bom desenhista como ele.

Disse isso para justificar a minha primeira impressão ótima do segundo parágrafo. Evidentemente refiro-me apenas ao estilo. Não quero dizer com isso que aprecio quando encontro, numa história, um quadrinho idêntico, mesma posição dos personagens, mesmo enquadramento, etc., à outro já visto em outra história.

Foi num número de Especial de Quadrinhos, da Grafipar, que tive uma certa decepção com o Roberto Câmara. Estava lá na sua história 'o Hermafrodita' um quadrinho idêntico ao de uma história de Neal Adams, 'Schreck: o começo', publicada em Almanaque de Kripta nº1, da RGE, página 13.



Ao lado, no quadro menor, o desenho de Roberto Câmara. No quadro maior, o desenho de Neal Adams.



À esquerda, Matt Dillon e Festus, de Harry Bishop; à direita, Matt Dillon, do mesmo Bishop e ao centro, em primeiro plano, o Butch Cassidy, no desenho de Roberto Câmara. Repare, no quadro central, o rosto de um personagem secundário, em último plano.

Minha surpresa maior veio, entretanto, com a história 'A verdadeira história de Butch Cassidy e Sundance Kid' publicada na revista Histórias do Faroste nº16. Câmara nos apresentava um Butch Cassidy com cara de Matt Dillon e um Sundance Kid com cara de Ken Parker, e tinha abandonado o estilo Ortiz. Em determinado quadrinho, na página 12, o rosto de Sundance Kid está igualzinho ao de Ken Parker, desenhado por G. Trevisan no 2º quadrinho da página 91 da revista Ken Parker nº20, como é mostrado abaixo. Para encerrar, nesta mesma história do Câmara, aparece na página 8 um quadrinho bastante semelhante a um de Enric Sió, da história 'O Homem das Pirâmides', publicada pela Ebal na coleção Um Homem/Uma Aventura, na página 22.

Se Roberto Câmara parasse de desenhar, teria nos deixado uma lembrança pouco positiva, com HQs cheias de "homens-gens", no entanto, acredito que esse Roberto, que é um bom desenhista ainda nos dará muitos quadrinhos originais.

O tempo dirá.



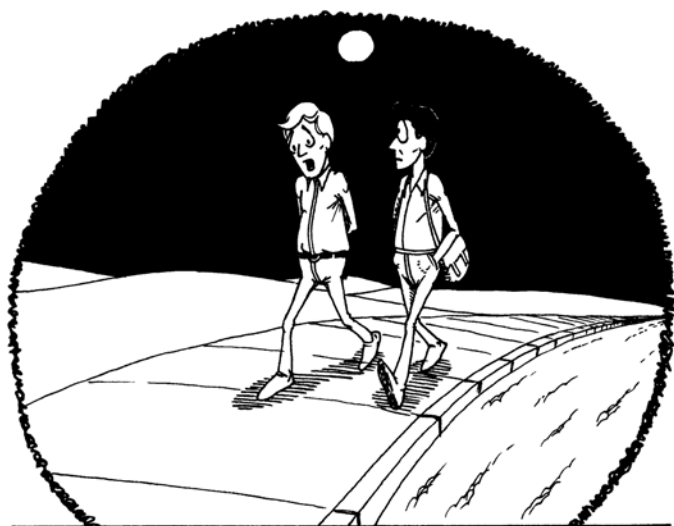
Ao lado, no quadro maior, o desenho de Enric Sió; no quadro menor, o de Roberto Câmara.



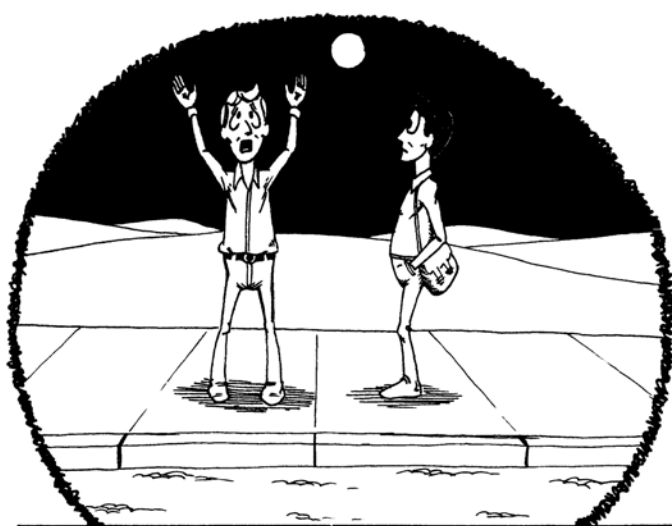
Acima, à esquerda, o Sundance Kid, de Roberto Câmara; à direita, o Ken Parker, de G. Trevisan.



Por mais que um desenhista tente se libertar nos seus quadrinhos, a dimensão da folha é sempre uma limitação. Foi ao constatar este fato que resolvi iniciar a série apresentada a seguir. O objetivo era, e é, fazer quadrinhos de uma página nos quais apenas a dimensão externa é constante. Ou seja, dentro de um espaço de 290 mm de altura por 190 mm de largura, procurei fazer as quadrinizações mais variadas possíveis, seja variando o número de quadrinhos por página ou seu formato, ou mesmo não existindo a delimitação do quadrinho. Neste número apresentamos quatro HQs nas quatro páginas a seguir. Num próximo número esta série continuará, como um atestado de minha criatividade. Ou da falta dela.



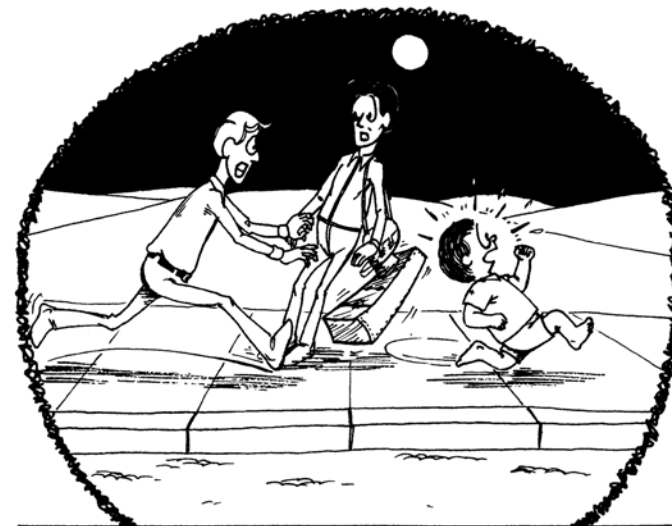
—“AGORA QUE PAPAI  
FALIU, QUE  
VOU FAZER ?...”



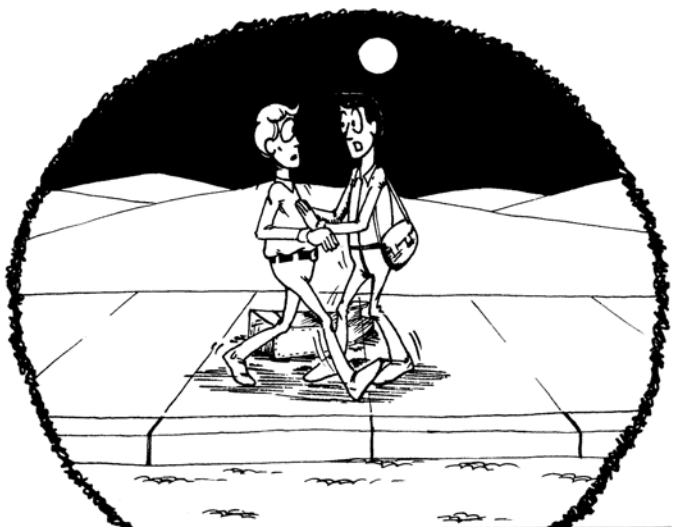
“...VOU PERDER  
O CARRO, O IATE,  
AS MENINAS...”



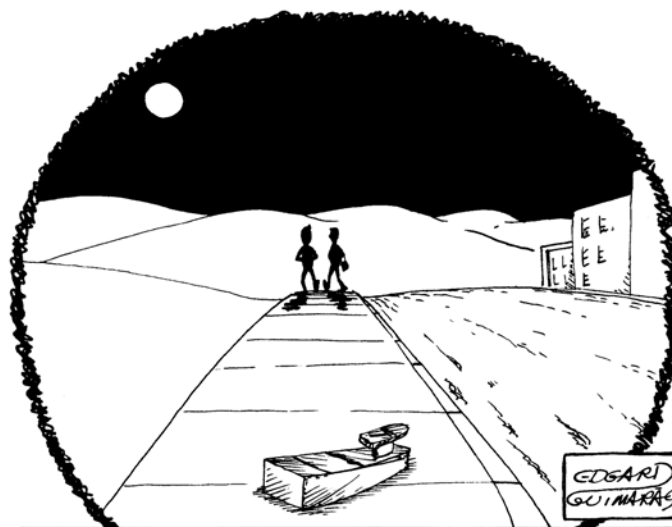
“...E VOU  
TER QUE  
TRABALH...”



—“ORA... VOCÊ ME INTERROMPEU!...  
VOU ACABAR COM VOCÊ,  
SEU PIRRALHO...”

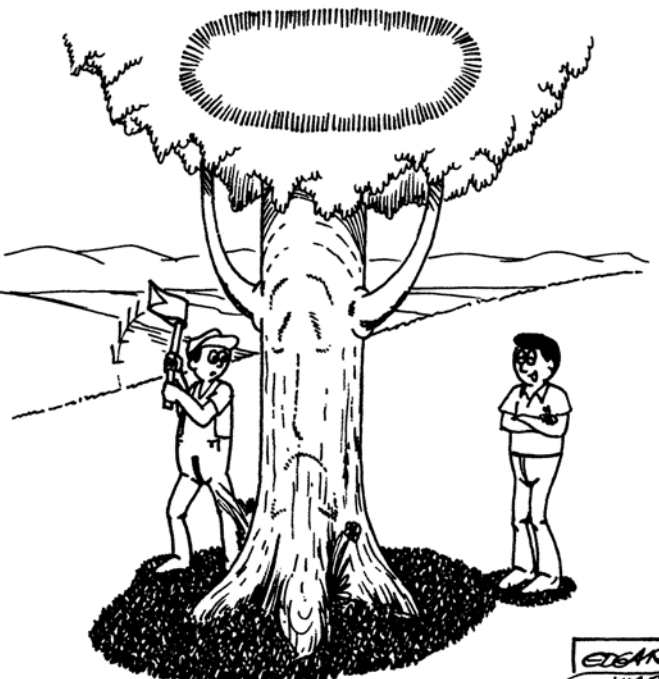
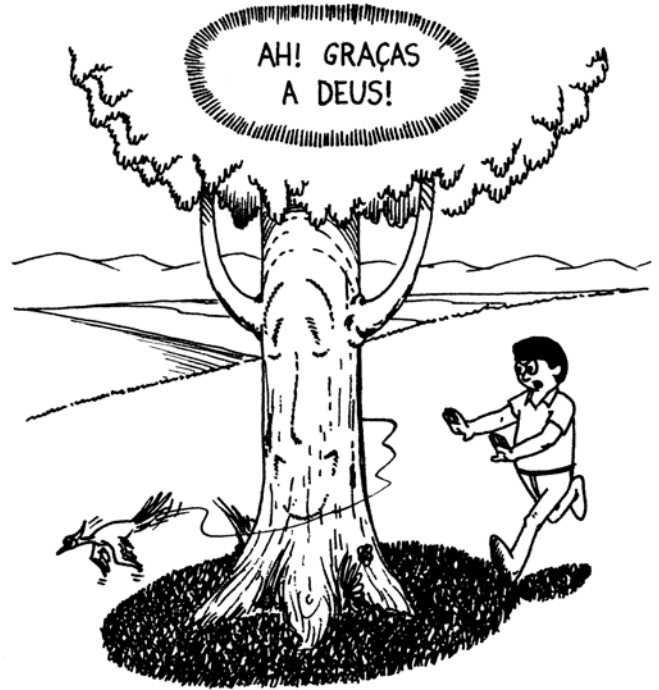
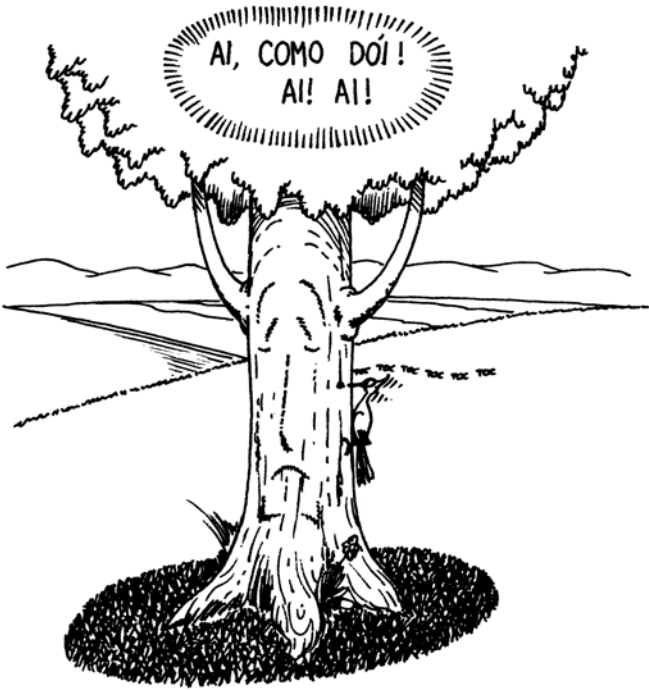
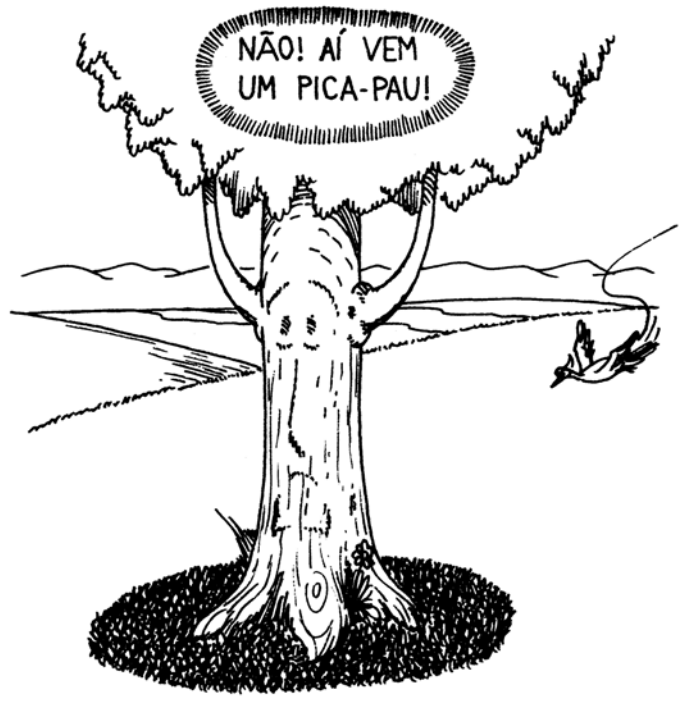
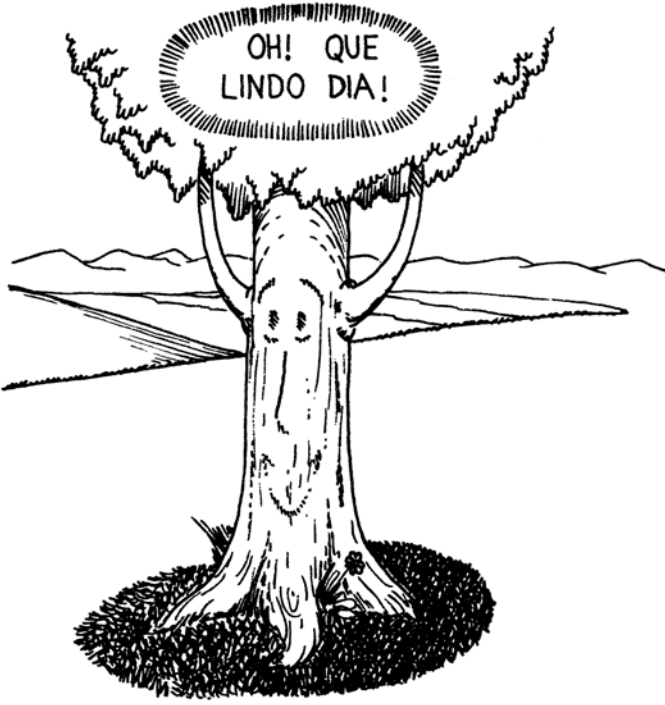


—“PARE!... VOCÊ NÃO PODE MAIS  
FAZER ISTO! SEU PAI PERDEU  
A FORTUNA... LEMBRA-SE ?...”



—“É MESMO!...  
VOCÊ TEM  
RAZÃO!...”

EDSARD  
GUIMARÃES



ESBARD  
GUIMARÃES



ORA, QUERIDA, VOCÊ SABE QUE A HUMANIDADE ESTÁ CORROMPIDA...



O MUNDO ESTÁ CADA VEZ MAIS POPULOSO E FICANDO MAIS DIFÍCIL TORNAR CULTO CADA UM DE SEUS HABITANTES...



ESTAMOS NUMA TERRÍVEL PROGRESSÃO QUE NOS LEVARÁ A OUTRA ERA BÁRBARA...



EU SEI, SÓ QUE, ÀS VEZES, EU PENSO SE NÃO É INJUSTO MATAR TANTA GENTE INOCENTE...



MAS É PRECISO... DEPOIS DE TUDO ACABADO, NÓS DOIS RECOMEÇAREMOS A VIDA, COMO ADÃO E EVA...



MAS, SE O MUNDO TODO VAI SER DESTRUÍDO, ONDE FICAREMOS?...



ACHO MELHOR ADIAR A OPERAÇÃO...

DEANI  
CURIOSAS



ONDE ESTOU?

OH, NÃO! MINHA MULHER ME ABANDONOU...

VOU ME SUICIDAR...

PRECISO DE UMA ÁRVORE...

PRONTO! AGORA É SÓ ELA CRESCER...

PELO VISTO, A CIDADE INTEIRA ESTÁ SE SUICIDANDO...

EDGARD GUIMARÃES



# FALA, QUADRINHO

## A PROPÓSITO DE HISTORIETA Duas historietas ótimas.

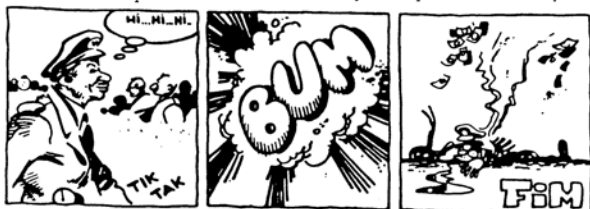
Dentre tudo o que a revista HISTORIETA publicou, faço uma referência especial a duas HQs. Em tempo, HISTORIETA é uma revista editada em Porto Alegre por Oscar Kern - deve ser um sonhador - com quatro números editados, até o momento em que escrevo, e uma tiragem, segundo me consta, de mil e quinhentos exemplares. A distribuição é feita, principalmente, através do Correio.

A melhora de HISTORIETA se deu notadamente de número para número e -podem crer- ainda não parou; tive notícia de que o número 5 está excelente, tem 100 páginas (o dobro de páginas do número 4), embora ainda não o tenha recebido.

Pretendo falar apenas de duas HQs mas, claro, HISTORIETA publicou muita coisa boa como os artigos 'Páginas de Ouro das HQ' de Jorge Barwinkel, o 'D.R. Fraud' de Canini, a HQ de ficção 'Contam as Lendas' de Paulo Carvalho e Alberto Crusius, interessantíssima, etc. No entanto, achei de um nível superior as HQs 'A Bomba' de Jonas, e uma história sem título de Gustavo.

A HQ de Jonas conta a trajetória de uma bomba usada no assalto a um banco. O assaltante que usa a bomba para o assalto é interceptado por um cliente que, de posse da bomba, a usa em seu proveito para continuar o assalto. É impedido pelo guarda que, ao ver a maleta cheia de dinheiro, coloca a bomba no bolso e dá prosseguimento ao assalto. A polícia chega ao banco, mas o guarda consegue fugir, com a bomba no bolso, no meio da multidão, pensando " enfim livre, rico para o resto da vida, viagens, mulheres... hi...hi...hi...", quando acontece a sequência final da história, que está reproduzida abaixo.

Esta história é o que podemos chamar uma BOA HQ. Não tem o que pudesse ser um erro. Possui, a meu ver, alguns 'mas'. A técnica de claro-escuro é ótima, o desenho é maduro, bonito de ver, achei, no entanto, um pouco apressado. Poderia ter sido mais caprichado. A quadrinização é boa, os quadros estão na posição certa, a história é original, dinâmica, não cansa a gente, tem um aspecto crítico, embora não tão profundo - a preocupação maior é divertir. Um dos 'mas' é o de ter, no começo, anunciado a história como sendo um "problema que enfrenta o Inspetor Biceps e seu pelotão de choque" e o tal Inspetor Biceps não tem destaque, nenhum destaque na HQ, nem ao menos é identificado. Poderia simplesmente ser uma HQ sem um personagem título. Talvez Jonas pretendesse dar sequência a uma série, em que outros episódios



Cena final da HQ "A Bomba", da autoria de Jonas, publicada em Historieta 2.

também tivessem a participação do Inspetor Biceps. Só que o Brasil, quando o assunto é o autor nacional, é o campeão em séries de capítulo único. Sai o primeiro capítulo e nunca mais. O outro 'mas' foi um pequeno erro de português no último quadrinho da página 3. Nada sério.

"A Bomba" de Jonas é uma história que você lê e, quando acaba, não tem aquela sensação de que perdeu seu tempo. Bom.



Tupac de Gustavo

A outra história já começa bem, antes de começar. No Editorial de HISTORIETA 3, onde foi publicada, está escrito "... e Gustavo comparece com uma história diferente, começando pelo fato de não ter título. Se um grupo de amigos se reúne para contar histórias, não as intitula: simplesmente começa a contar." Estamos tão acostumados aos títulos garrafais, ao bombardeio constante da televisão e dos outdoors que, quando alguém nos diz algo simples assim, nos causa surpresa.

O desenho de Gustavo é horrível, a impressão que temos é que foi feito direto no nanquim, a separação dos quadros é grosseira, há uma desproporção entre o tamanho dos quadros entre as diversas páginas, e a 'malfeitura' dos desenhos, até certo ponto, dificulta a compreensão da história. Quem está folheando a revista, não se encoraja a lê-la o que seria uma pena. O texto dessa história ao contrário, é o que há de melhor. Uma poesia em quadrinhos. Compensa a insuficiência do desenho. Gustavo conta a história de um grupo de centauros liderados por Tupac, fugitivos e perseguidos de perto por seus inimigos. Quando torna-se impossível continuar a fuga, há o confronto entre as duas forças, do qual resta vivo apenas Tupac, o herói que não consegue o descanso, que tem que permanecer vivo para outras lutas, "sua terra ainda está em mãos dos tiranos". Mais importante que a própria história é a maneira como Gustavo a conta, seja nas falas e pensamentos dos personagens, seja nas divagações do autor, presentes em toda a história. Logo no primeiro quadrinho, há a crítica do apego material dos humanos nas palavras "...meu Deus, somos vento, no todo, e tanto me do temos de perder esse nada que somos..." A poesia de Gustavo continua e só se poderia senti-la totalmente, lendo a história toda, diversas vezes. Espero reencontrar Gustavo.



Cena da história do centauro Tupac, uma das cenas finais, e que termina com as palavras: "...e sua terra ainda em mãos dos tiranos... Enquanto existir uma bandeira a erguer e até a reconquista da liberdade, a opção será resistir!!!".



Mais ou menos por volta de 77, entusiasmado pelo espaço aberto ao desenhista brasileiro na revista Spektro, da Editora Vecchi, resolvi fazer uma HQ de terror na esperança quase certa de vê-la publicada nesta revista. Fiz a HQ, que intitulei 'Pesadelos', aliás a única com desenho não caricatural que possui completa, e a enviei, pela correio, à Editora Vecchi. Dispensável dizer que cada número de Spektro que saís, eu o comprava como se trouxesse minha história. Algum tempo depois, recebi um envelope trazendo a Editora Vecchi como remetente. Dentre de envelope, minha história 'Pesadelos', ligeiramente amassada - uma cortesia de serviço de correio - acompanhada de uma carta do Otacílio, editor da Vecchi, dizendo que a HQ não se enquadrava na linha de Spektro. Agora 'Pesadelos' está aí.

CLAI!

COMO VAI?

ELE SEMPRE VIVEU NO MEIO DE

# PESADELOS...

DESDE CRIANÇA QUE JOÃO NÃO VIVE TRANQUILO...

SUA VIDA SEMPRE ESTEVE POVOADA DE FIGURAS MONSTRUOSAS, GROTESCAS, REPELENTES...

POR ISSO, NUNCA TEVE TRANQUILIDADE...

...SEMPRE TEVE MEDO...

# GRRRAAUUU

NÃO!...  
OUTRA VEZ?...

NÃÃÃOO!!!



QUE LUGAR É ESTE?  
NÃO SEI! EU ACABEI DE CHEGAR.

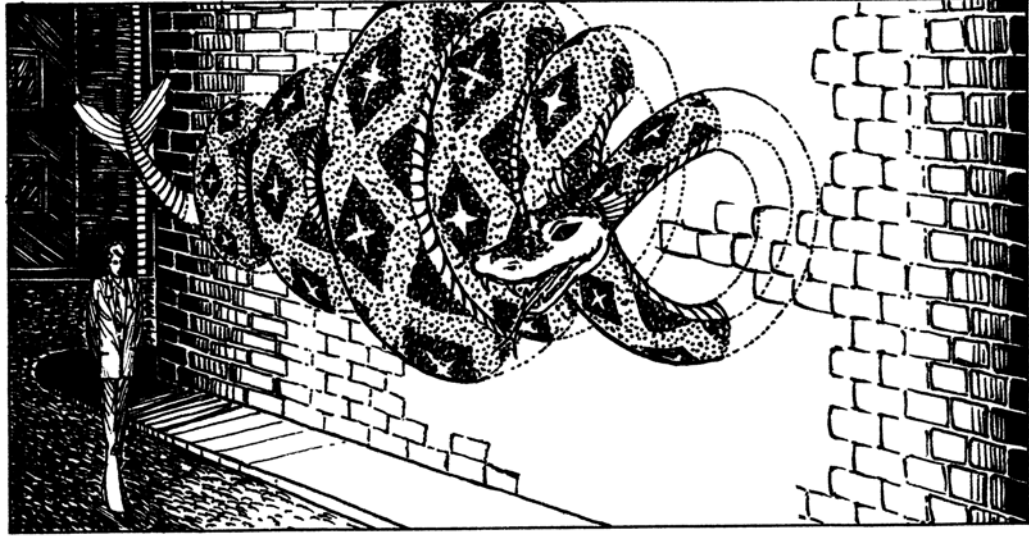


É TRISTE  
ESTA INSEGURANÇA...

NÃO PODER ANDAR  
TRANQUILO PELAS RUAS...

JOÃO DESEJA QUE  
ESSES MONSTROS  
NÃO APAREÇAM MAIS...

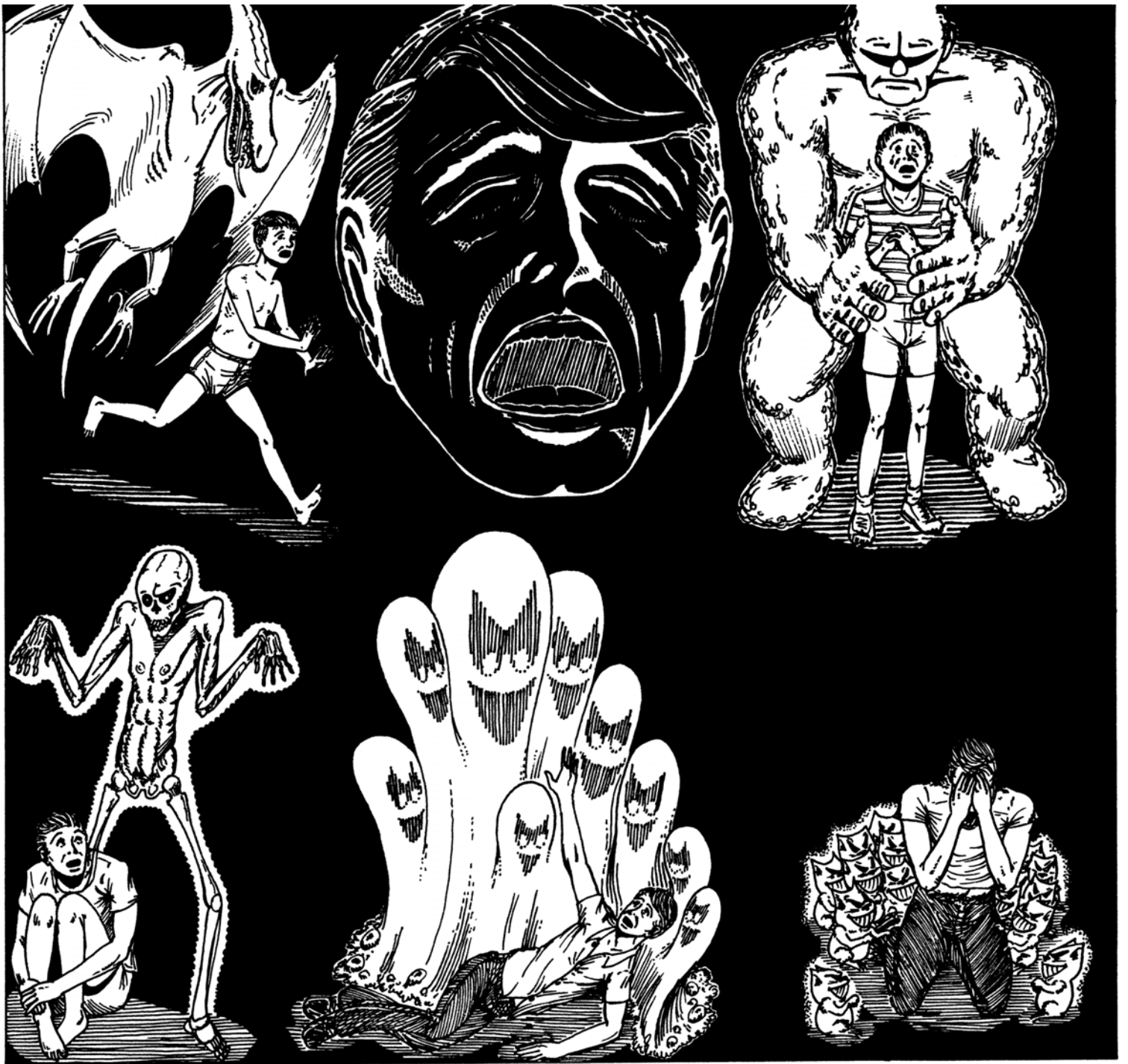
ELE ACHA QUE  
SÓ ASSIM TERA PAZ...



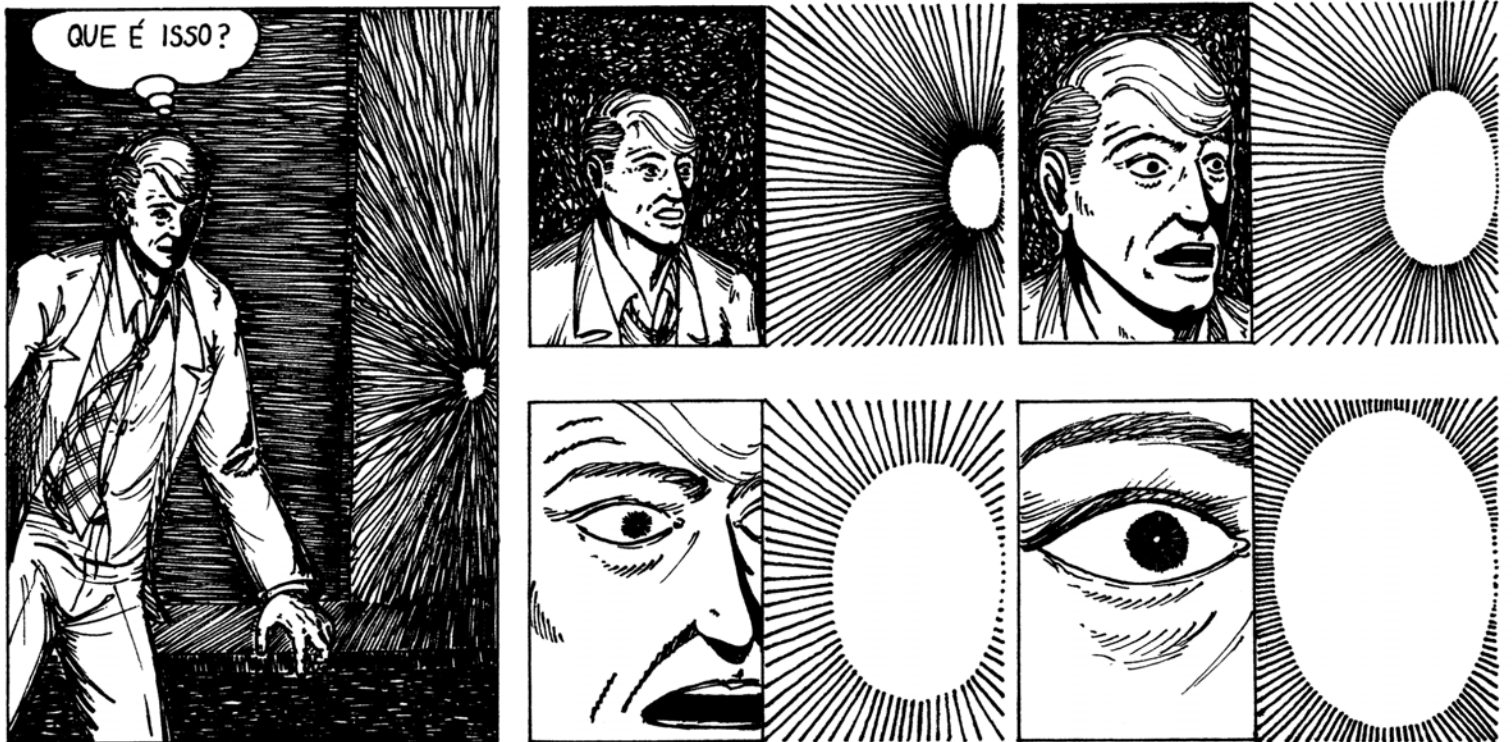
???

QUE COISA ESTRANHA!

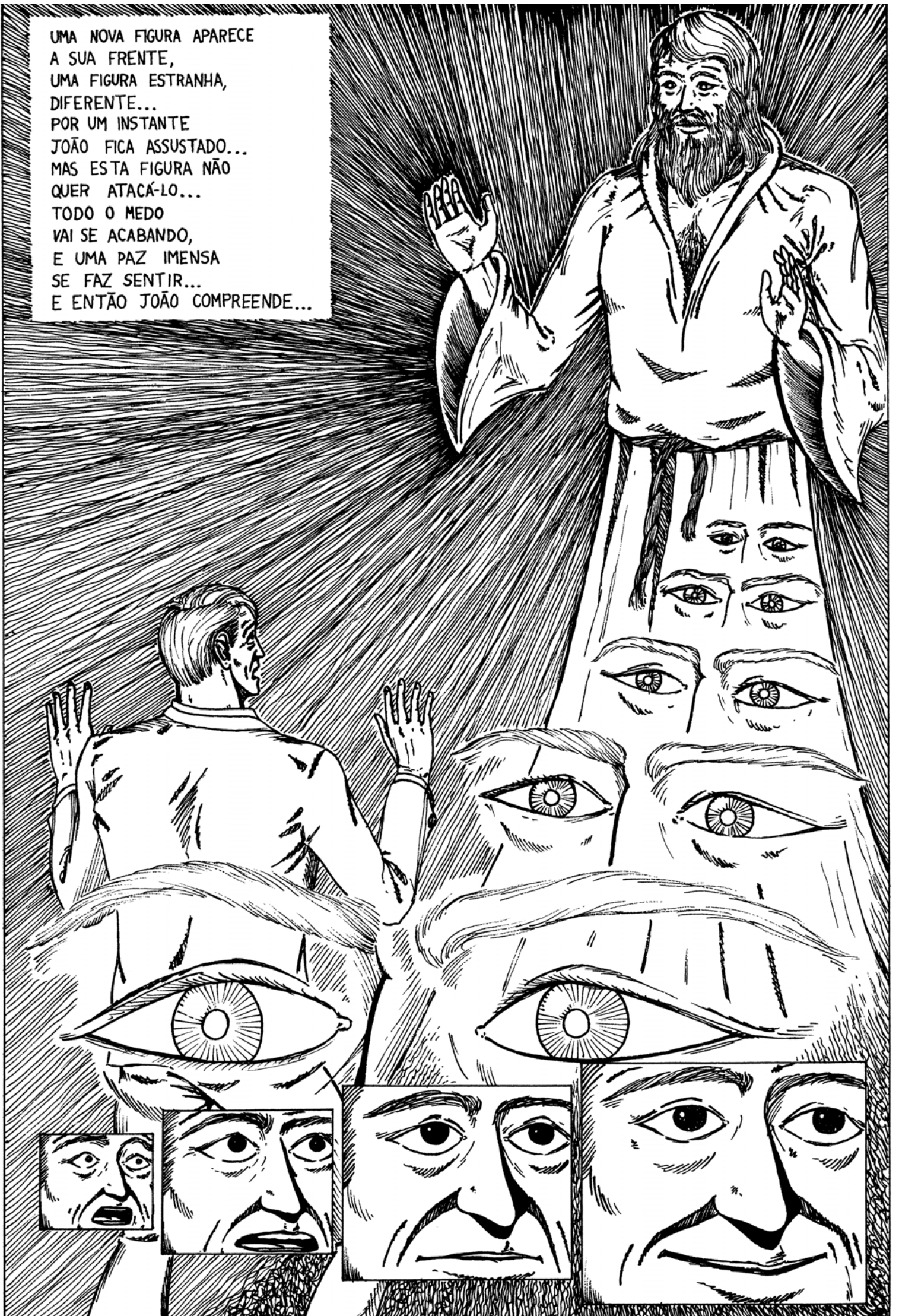
EI, AN VEM ALGUÉM! TALVEZ ELE SAIBA ALGUMA COISA!



JOÃO CRESCU E OS MONSTROS CRESCERAM COM ELE.



UMA NOVA FIGURA APARECE  
A SUA FRENTE,  
UMA FIGURA ESTRANHA,  
DIFERENTE...  
POR UM INSTANTE  
JOÃO FICA ASSUSTADO...  
MAS ESTA FIGURA NÃO  
QUER ATACÁ-LO...  
TODO O MEDO  
VAI SE ACABANDO,  
E UMA PAZ IMENSA  
SE FAZ SENTIR...  
E ENTÃO JOÃO COMPREENDE...



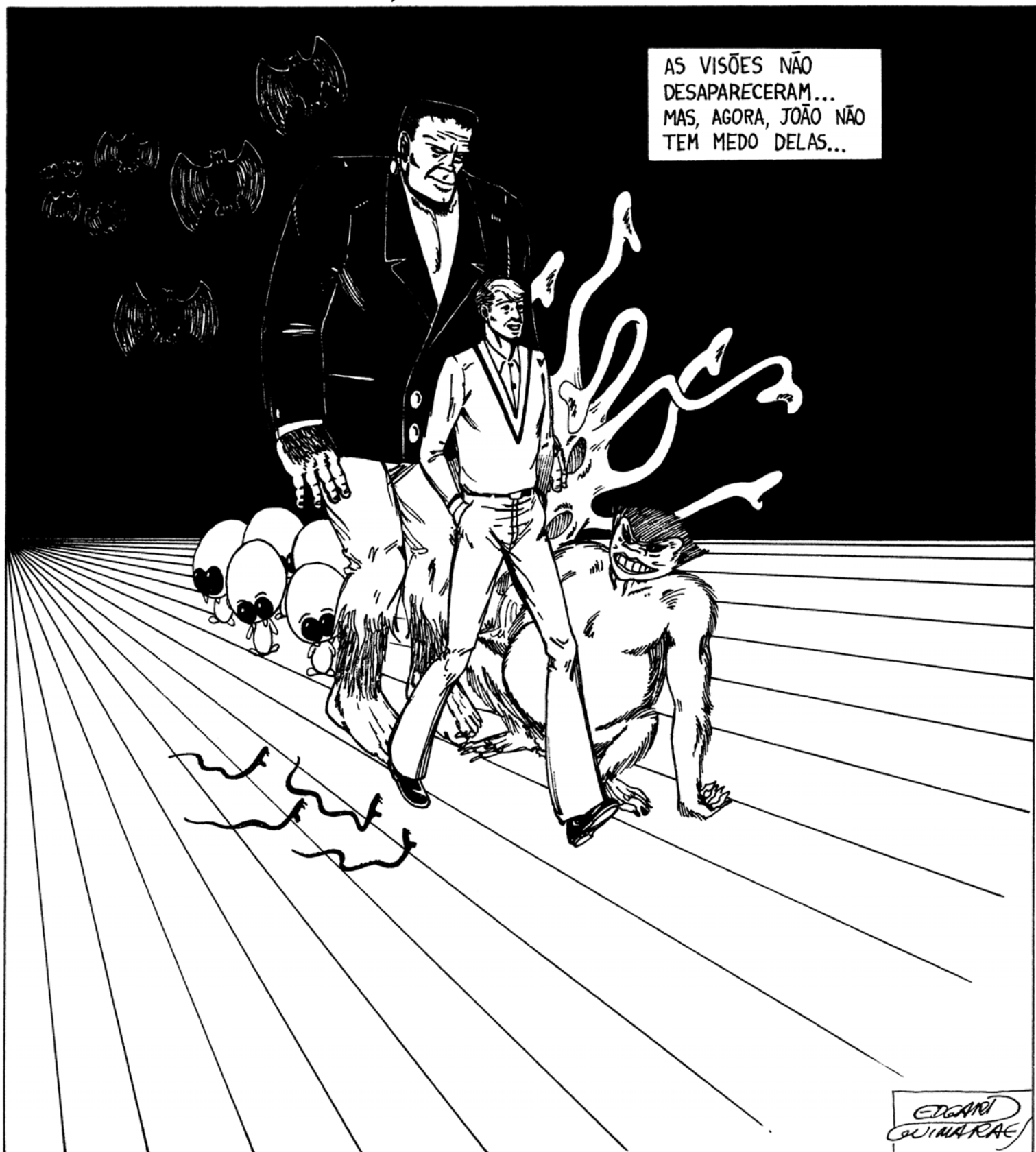


COMPREENDE QUE ESTEVE PROCURANDO A SOLUÇÃO ERRADA.

DESAPARECEU...

AGORA EU JÁ SEI SEGUIR SOZINHO...

A PARTIR DAÍ, SUA VIDA MUDOU COMPLETAMENTE...



AS VISÕES NÃO DESAPARECERAM... MAS, AGORA, JOÃO NÃO TEM MEDO DELAS...

EDGARD  
GUIMARÃES



# FALA, QUADRINHO

## QUADRINHOS DE AVENTURA

Uma aventura para os quadrinhos.

Foi ao ler o editorial de primeiro - e único - número de Eureka Aventura (publicada pela Editora Vecchi em março de 77) que eu comecei a reparar na existência de diversos gêneros de Histórias-em-Quadrinhos.

"No Brasil, já há bastante tempo não surgia uma revista nesse gênero, tão popular em outros países. Houve algumas tentativas que não foram adiante - talvez por motivos ligados à distribuição e à comercialização. Mas nós temos certeza de que existe um público ávido por histórias de aventuras.". Este é um trecho da apresentação da revista. Realmente Eureka Aventura trouxe HQs de aventuras de diversos países, da Espanha, da Inglaterra, da Bélgica e da Itália. Este foi um ponto positivo da revista, e de trazer aventuras produzidas na Europa, já que no Brasil a maior parte das HQs publicadas são de origem americana. Eureka Aventura nos mostrou as HQs 'Andrax' e 'Capitão Terror', espanholas, 'O Garra de Aço', inglesa, 'O Águia' e 'Chinatown', belgas, 'Smith e Wesson' e a excelente 'O Mestre', italiana, entre outras.



Andrax

O Mestre

Capitão Terror

As séries, todas, eram boas, não deixavam nada a desejar, considerando, é claro, que eram de aventuras, e não tinham nenhuma proposta mais séria que não a de divertir. Os desenhos mantinham um nível bom contando com desenhistas do quilate de um Jesus Blasco ou um Sérgio Toppi ou um Bernet. Ainda assim "o público ávido por histórias de aventuras", com o qual a Vecchi contava, não se manifestou e, sem que houvesse um segundo número, Eureka Aventura foi uma aventura sem final feliz.

Na mesma época a Editora Abril lançou Audax. Até o número 6 tinha 44 páginas e publicava três histórias por número. A partir de número 7 passou a ter 84 páginas e uma média de 6 histórias. As HQs de Audax também tinham procedência européia, provavelmente italiana e eram também boas, se bem que inferiores, no geral, às de Eureka Aventura. Não se sabe quem eram os autores dessas HQs pois a Editora Abril não as divulgava, nem as HQs eram assinadas. Pude descobrir uma HQ do Enrique Breccia no nº 3 e duas de Lalia, uma no nº 4 e outra no nº 8. As histórias de Audax não tinham per-



HQ de Breccia

HQ de Lalia

HQ de 'Robny'

sonagem fixo, eram histórias avulsas, mas na maioria HQs de aventura, ou policial ou de faroeste. Audax parou no nº 11, que por coincidência, como se fosse uma despedida honrosa, trouxe a melhor história publicada na revista, intitulada 'Robny, o vagabundo'.

Outra aventura foi a coleção Aventuras em Quadrinhos, lançada pela Grafipar, um dos poucos títulos desta editora que não tinha o sexo como tema. Esta revista começou intercalando aventuras de 'Katy Apache' e 'Fargo', ambas de faroeste, até o nº 6. A partir daí cada número era dedicado a um personagem novo. As HQs que saíram foram, na maioria, muito boas, destacando-se 'Tupã' de Rodval Matias, 'Comanche' de Watson e 'O Jagunço' de Roberto Câmara. Aventuras em Quadrinhos, que pela linha que vinha seguindo, prometia muito, acabou no nº 12.

Quem retomou o caminho da aventura foi a Vecchi lançando em dezembro de 79 a revista Skorpion, em formato de revista, com média de 100 páginas, com séries produzidas para a Skorpion argentina. Este foi o melhor lançamento feito no Brasil, pela Vecchi, só comparado a Ken Parker e Eureka. Todas as séries da revista Skorpion eram ótimas, tanto o roteiro como os desenhos. Podemos destacar 'Distrito 56', 'Louco' Sexton', 'Alvar Mayor' e 'Skorpion'. Havia ainda as séries 'Henga', 'Nekrodamus', 'Watami' e diversas histórias não pertencentes a séries. A Vecchi ainda lançou um Almanaque Skorpion e uma edição Skorpion Super, em formato de revista, na tentativa de consolidar a vendagem de Skorpion. Em vão. Skorpion só durou até o número 12, infelizmente.

Vejamos qual editora irá se aventurar neste gênero.



"Louco" Sexton

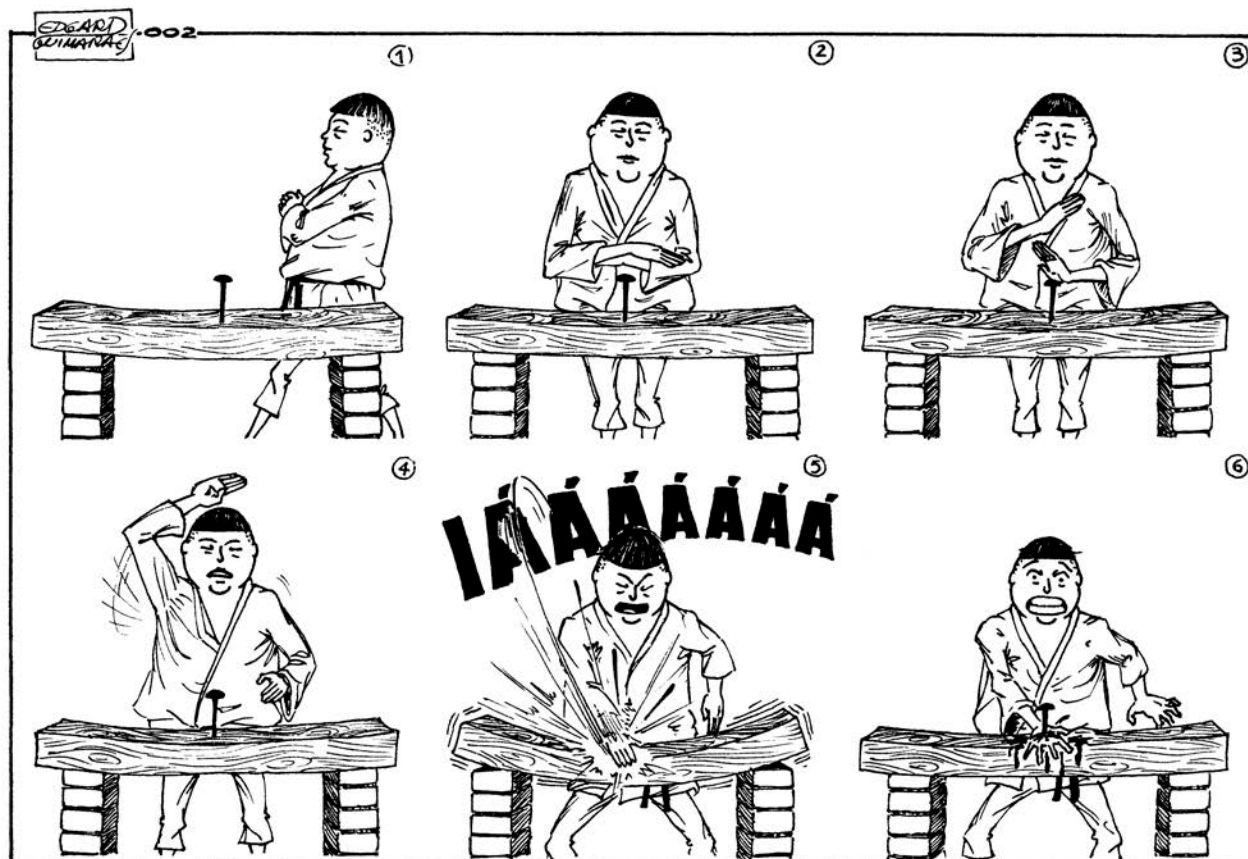
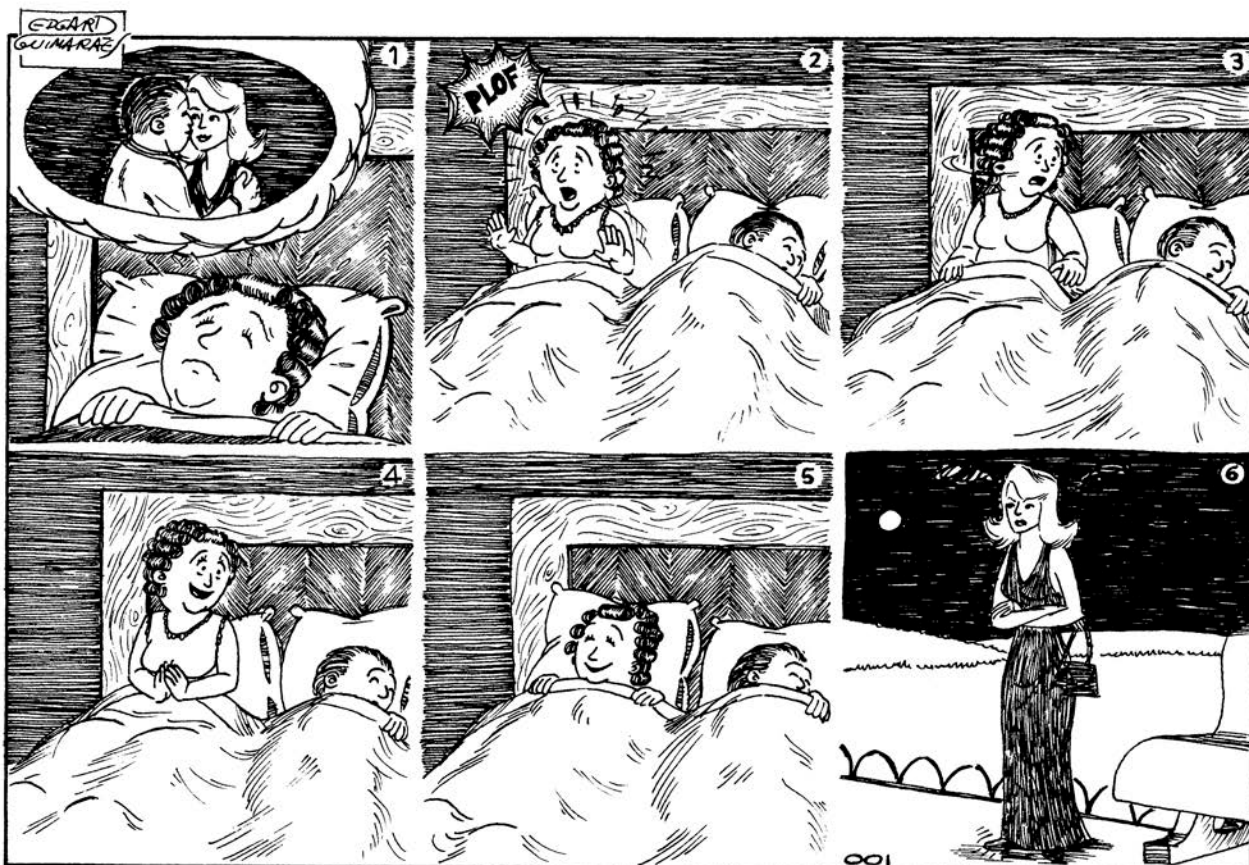
Skorpion

Alvar Mayor



No começo do ano de 78, foi lançado na cidade de Itajubá, onde estudava, um jornal com o nome 'O Clarim' que, não sei porque, resolveu colocar na última página uma seção de Divertimentos. Depois de muita hesitação, fui à redação do jornal, com um punhado de quadrinhos meus. Eles queriam uma tira de 5x15 cm, que não ocupasse muito espaço, já que quadrinhos não vende jornais e horóscopo sim. Como eu tenho uma certa dificuldade em ter ideias para histórias curtas (por exemplo, de 3 quadrinhos) fiz o que achei equivalente a duas tiras seguidas, ou seja, uma HQ de 6 quadrinhos, duas linhas de 3 quadrinhos cada. Eles aceitaram e, mediante pagamento gratuito, ficou acertada minha colaboração. Daí resultou esta série de 14 histórias que seguem, das quais apenas 6 foram publicadas no 'O Clarim'.

Os amigos colecionadores Antônio Sérgio Federighi e Manoel Carmelo Gomes me escreveram sugerindo que eu colocasse em PSIU uma ou mais páginas de mercado de revistas, promovendo assim um maior intercâmbio entre colecionadores. Quando eu recebi suas cartas PSIU 1 já estava toda planejada e eu não havia previsto um espaço com esta finalidade. Este espaço também estará ausente nos próximos números já que a continuidade desta revista é uma incerteza. Vejam um exemplo: PSIU 1 era para sair em setembro de 81 e está saindo em junho de 82. Devido a esses atrasos involuntários as listas de compra/venda/troca de revistas que eu recebesse se desatualizariam, o que torna uma seção desse tipo impraticável em PSIU.

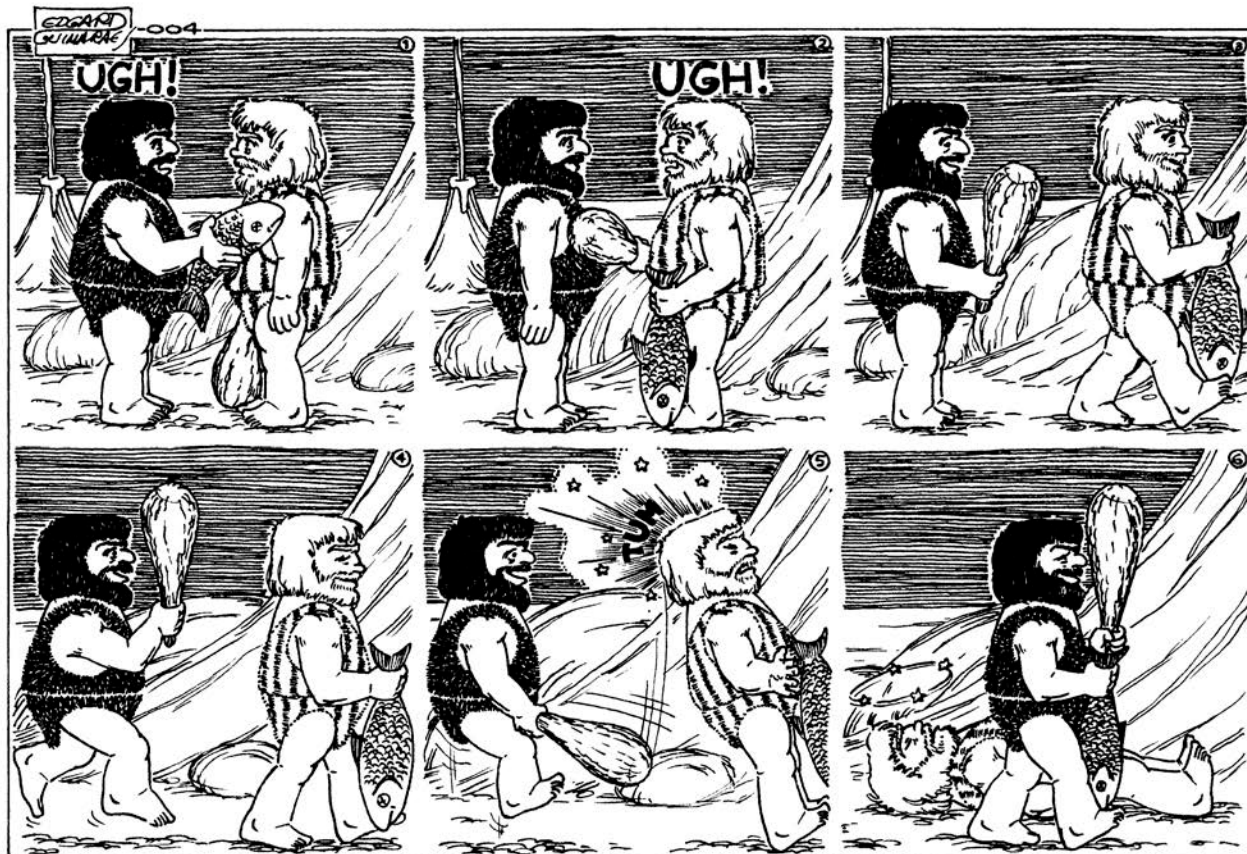
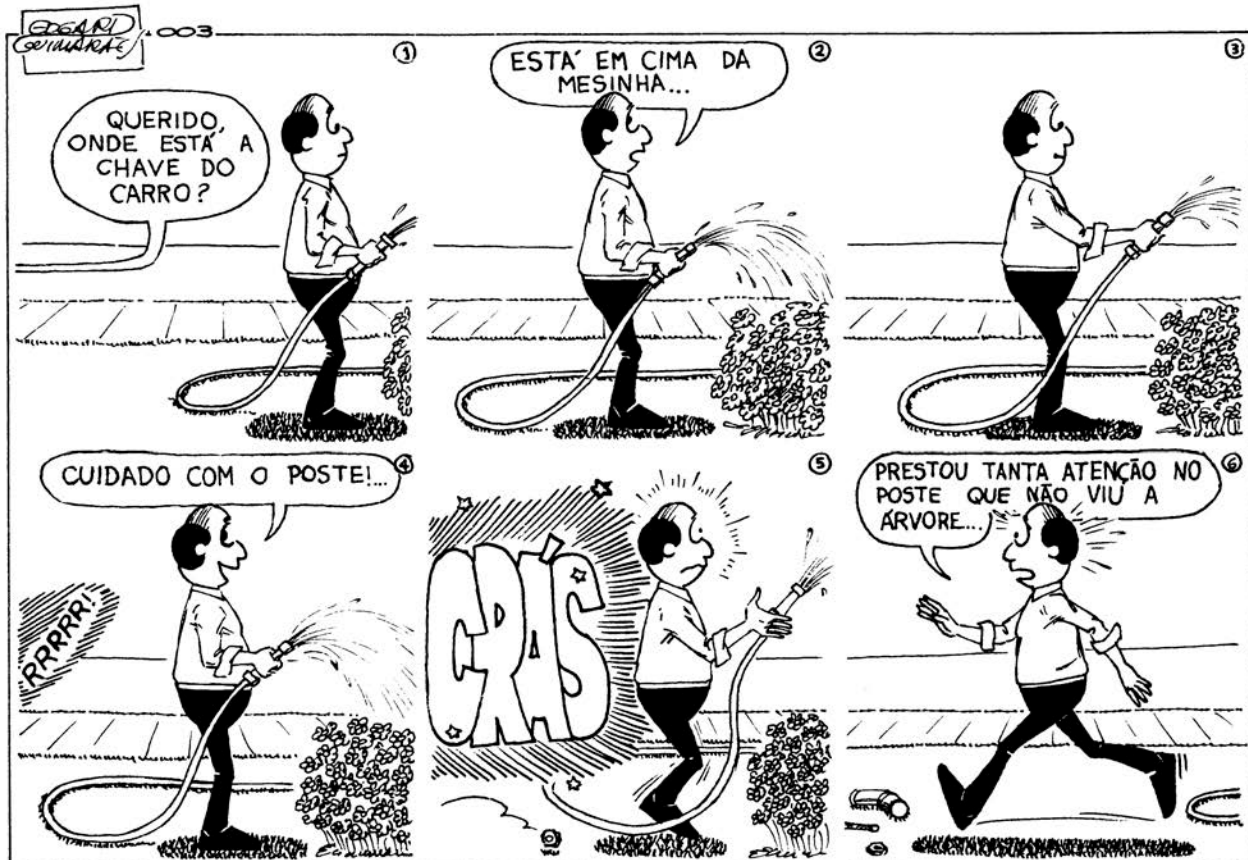






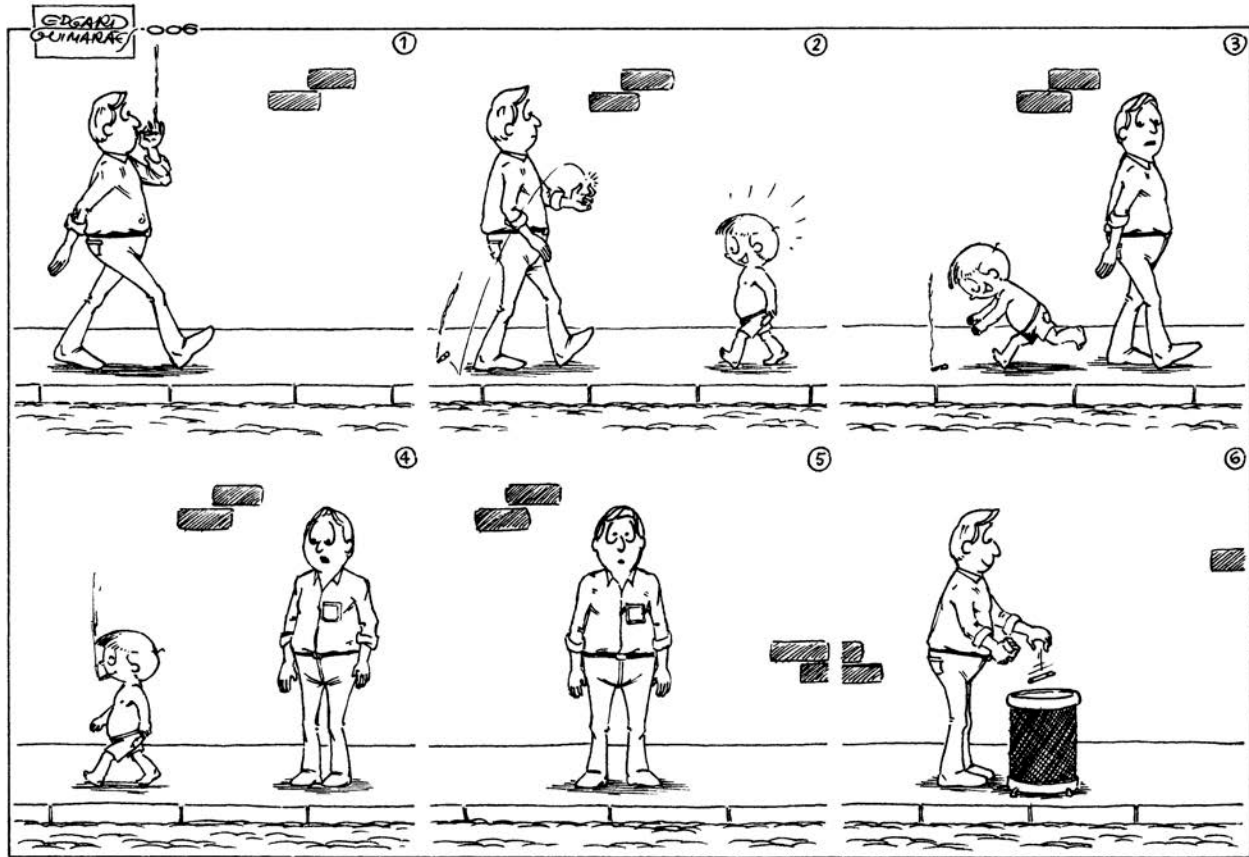
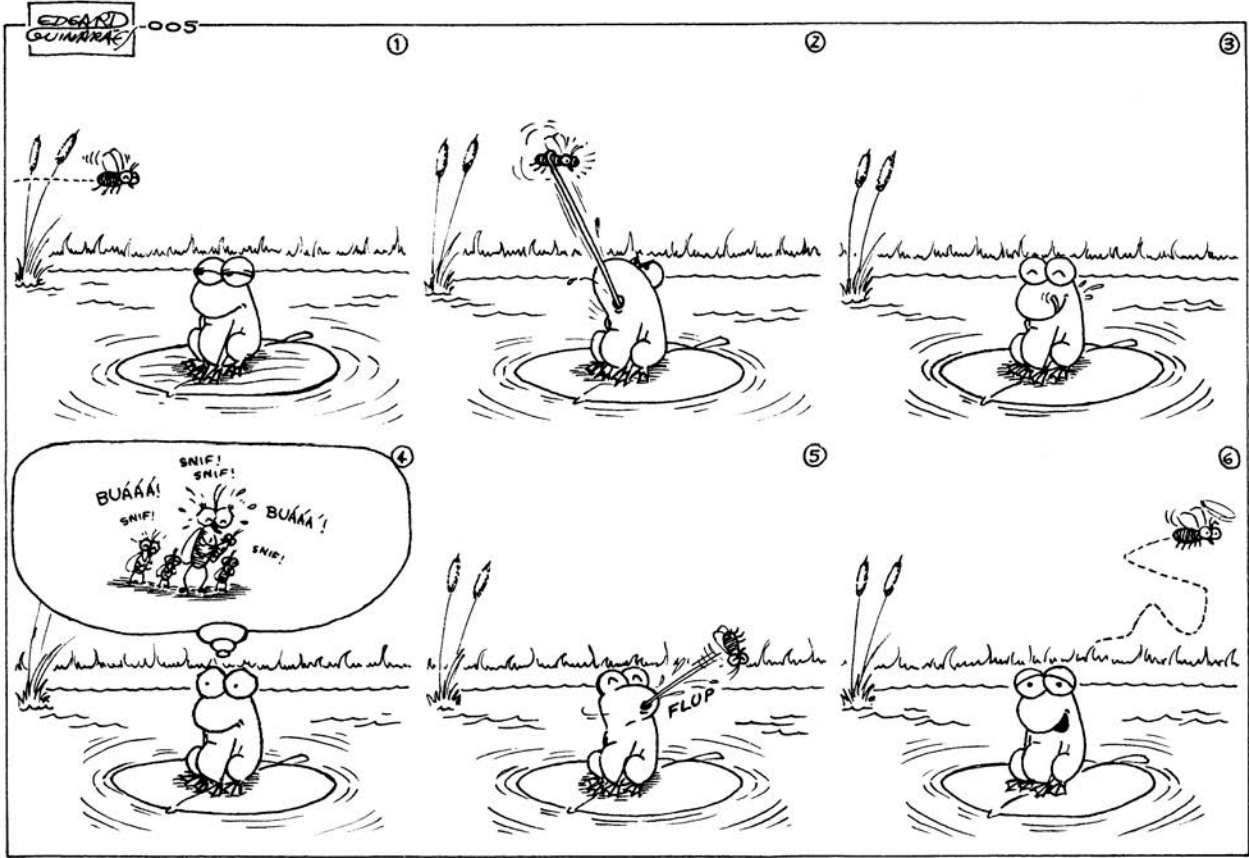
A impraticabilidade da seção de classificados em PSIU não me impede, porém, de prestar um serviço aos colecionadores. O mesmo Manoel Carmelo sugeriu que eu publicasse seu nome e endereço como interessado em negociar com gibis. Assim é que abaixo estão os endereços do Manoel e de Antônio Sérgio.

- . Manoel Carmelo Gomes  
Travessa Monte Claro, 51 - Bairro Cruzeiro - Bragança Paulista - SP - 12900
- . Antônio Sérgio Federighi  
Rua Afonso Celso Assis Figueiredo J.r, 116 - V. Nogueira - Campinas - SP - 13100



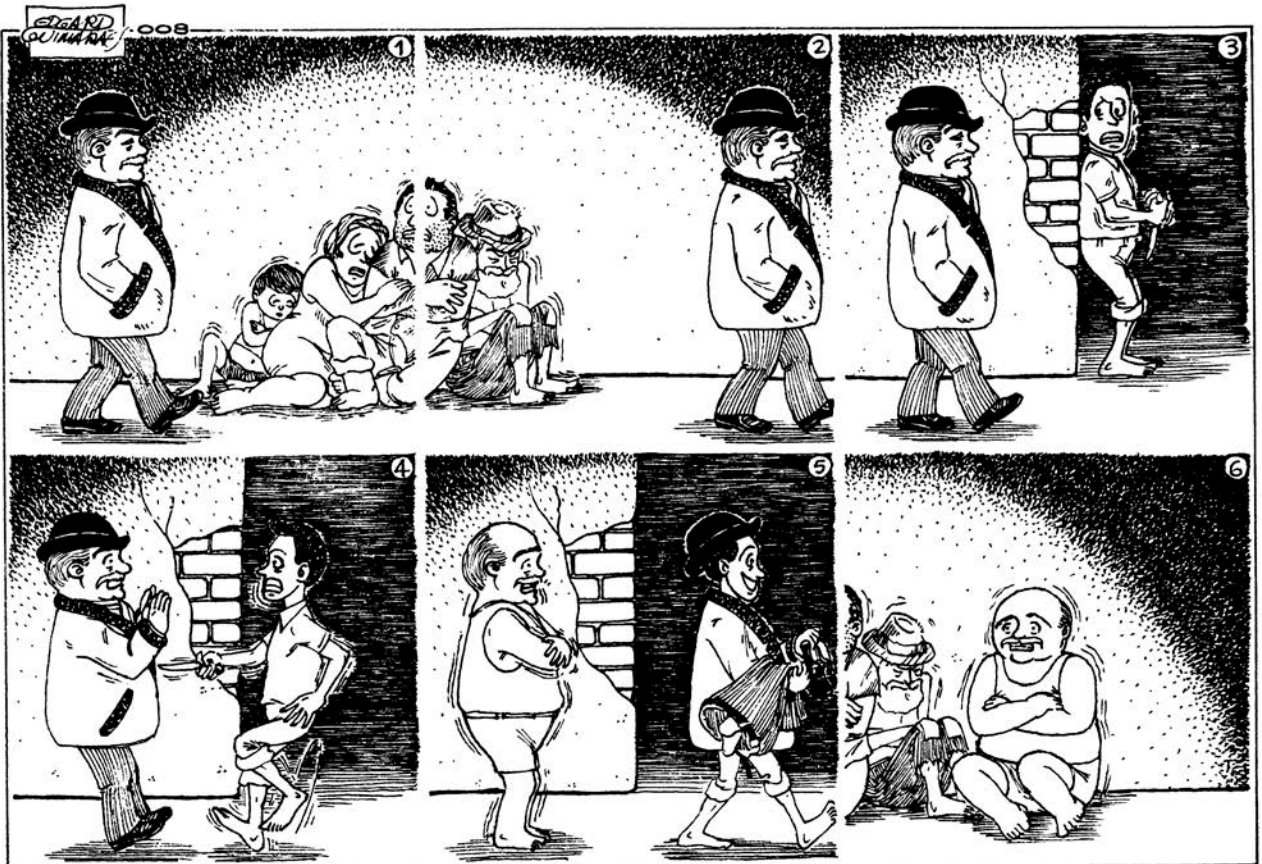
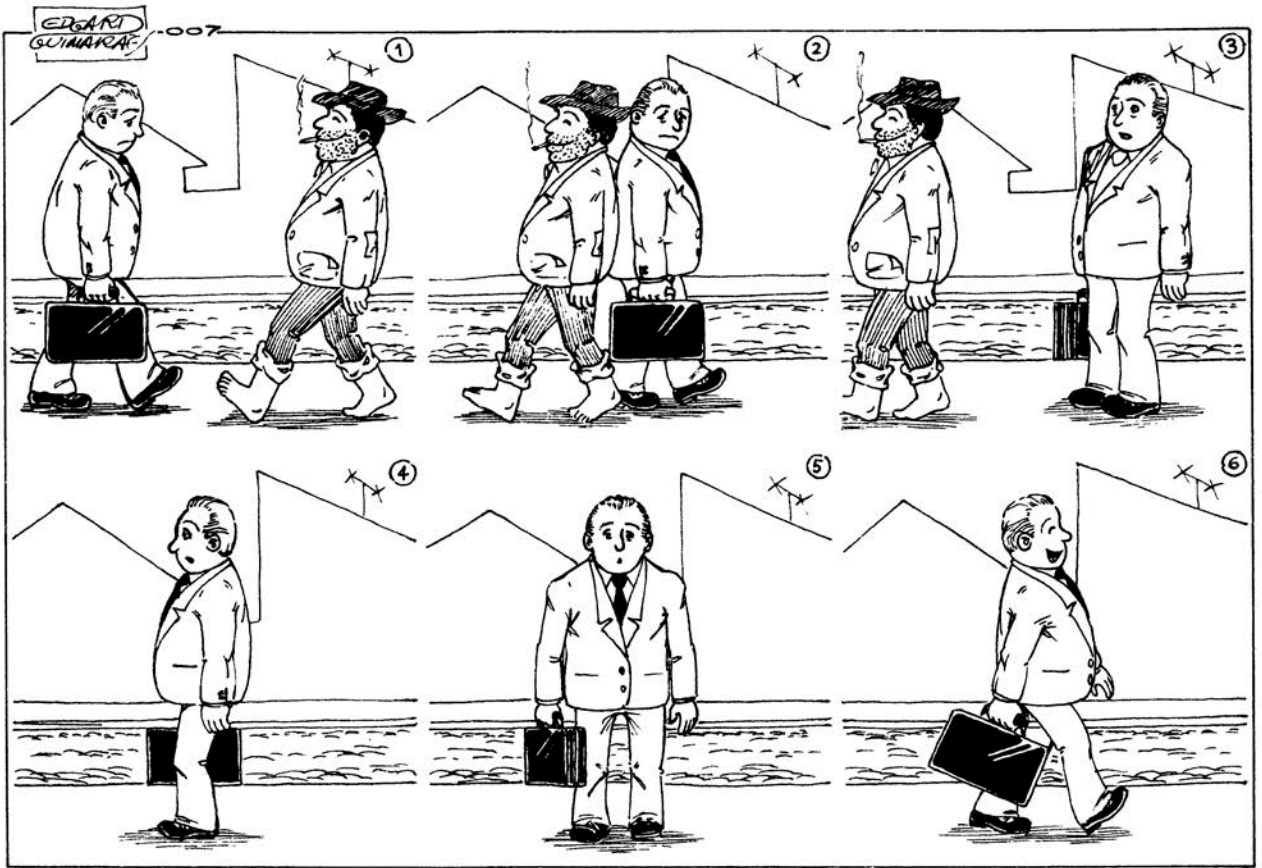
Tome a liberdade de publicar também os endereços dos amigos José Carlos e João Carlos sem ter lhes pedido permissão. É que sei se tratarem de dois amantes da HQ, que na certa irão querer intensificar seus contatos com outros quadrinistas para negociações ou troca de idéias e que - espero - irão colaborar comigo em PSIU 2.

- José Carlos Neves  
Caixa Postal, 477 - Montes Claros - MG - 39400
- João Carlos Reiners Terron  
Banco do Brasil S/A - Fátima de Sul - MS - 79700



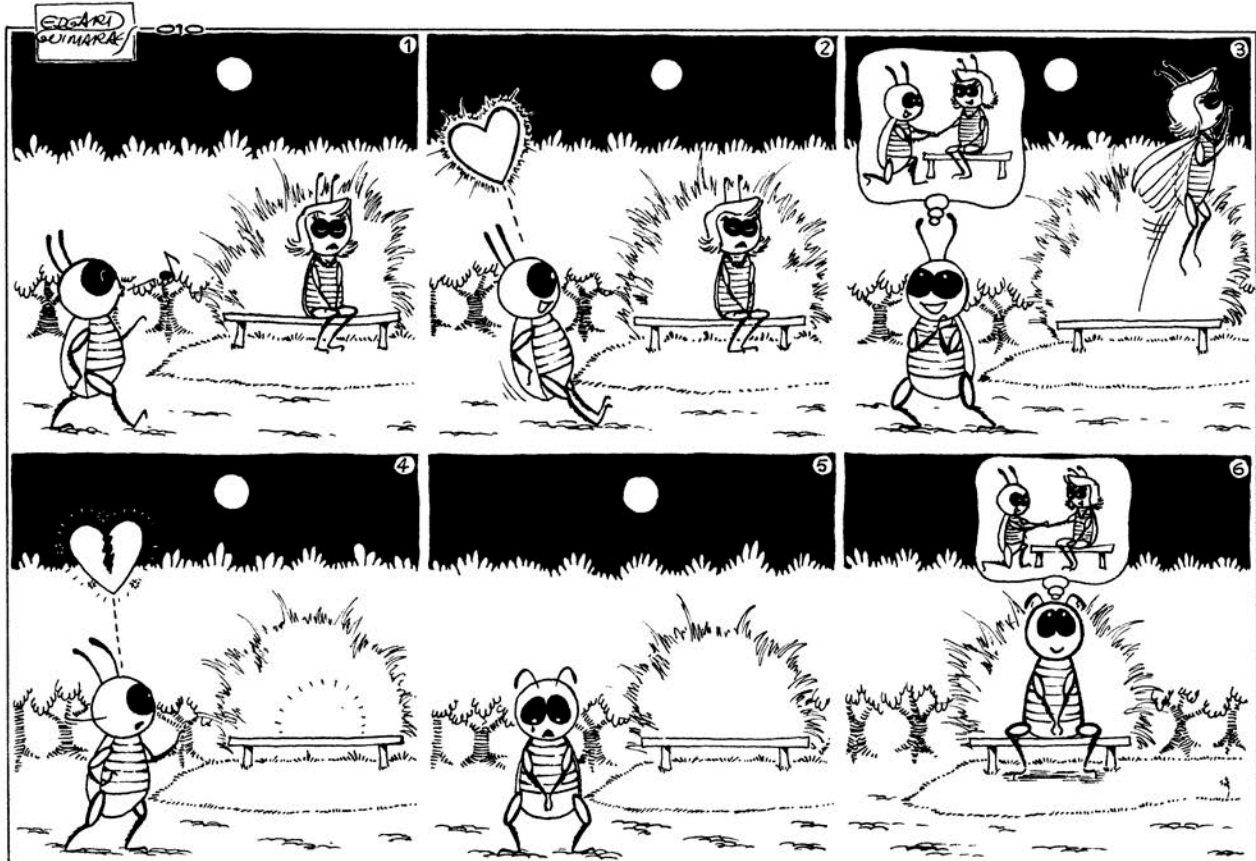
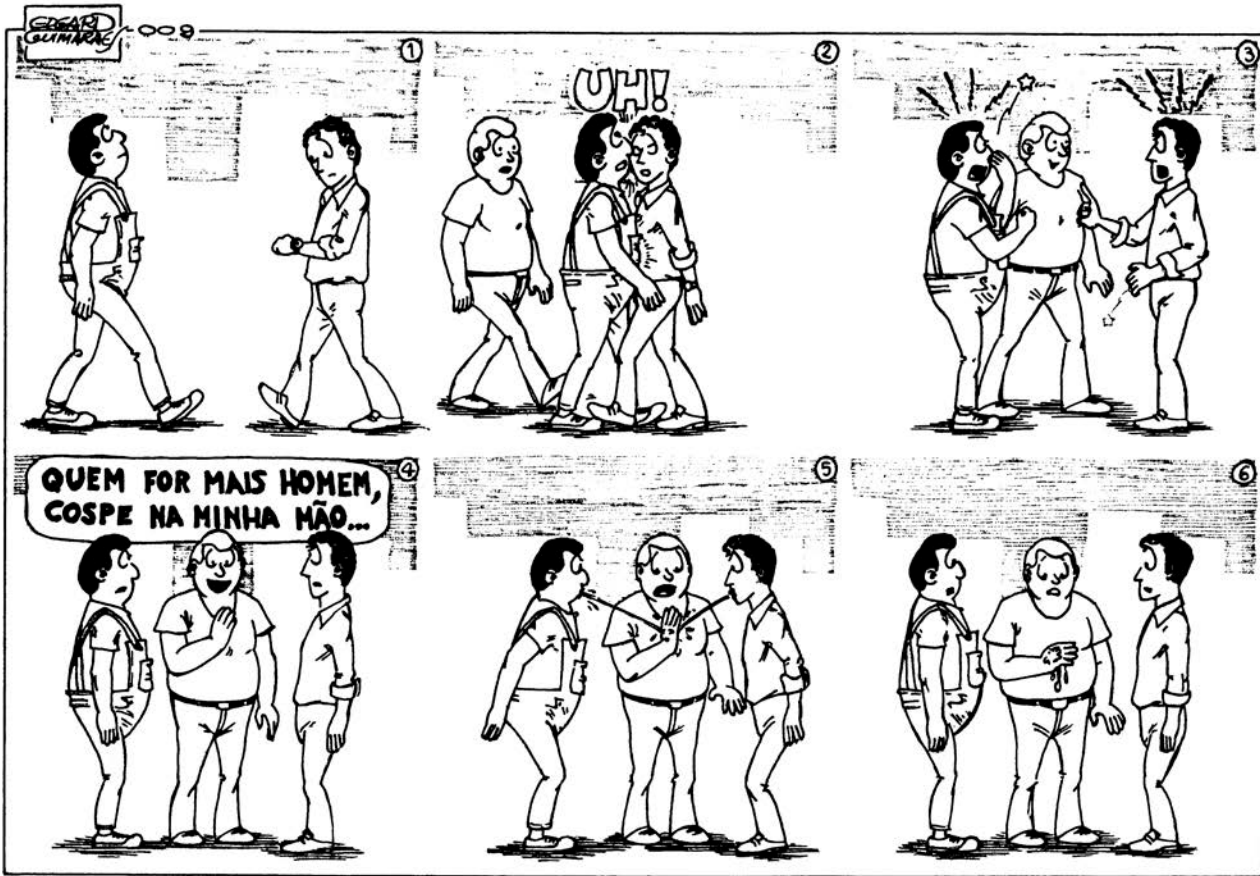


Dentro do espírito de divulgar a produção marginal relacionada à HQ no Brasil, enumero abaixo alguns fanzines que eu conheço e que por achá-los muito bons recomendo aos aficionados. Esta propaganda que faço - "Consumam fanzines que é melhor e não faz mal" - pode parecer mais inútil, e realmente é. O que acontece é que os leitores, que eu busco para PSIU são os próprios leitores destes fanzines e, evidentemente, já os conhecem. Mesmo assim, faço este anúncio redundante, quem sabe, algum destes fanzines tenha passado despercebido por algum leitor e, se for o caso, o anúncio terá cumprido seu objetivo. A título de observação, alguns destes fanzines estão no momento parados, mas, quero crer, logo logo estarão de novo em cena. Aplausos, quando for a hora.



Pela ordem, o nome do fanzine, seu responsável e seu endereço:

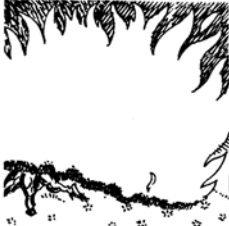
- . HISTORIETA - Oscar Kern  
Caixa Postal 6068 - Porto Alegre - RS - 90000
- . O PICA-PAU - Armande Sgarbi  
Rua D.r Clemente Marques, 23 - Santíssimo - Rio de Janeiro - RJ - 23000
- . NOSTALGIA DOS QUADRINHOS - Aimar Aguiar  
Parque Res. Ant.º Carlos Magalhães - Bloco 02 - Apt.101 - Cabula I - Salvador - BA



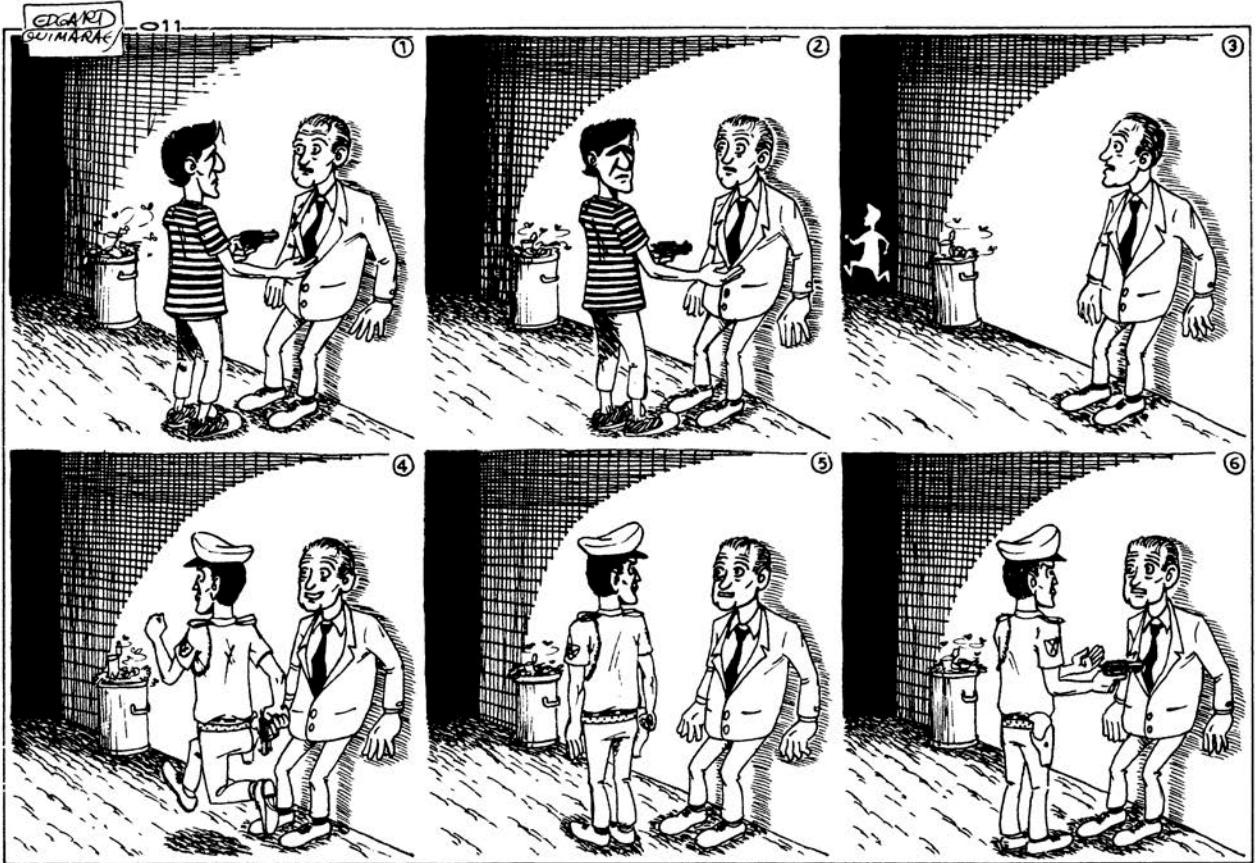
EU, VOCÊS JÁ  
PROCURARAM VER  
SE HÁ OUTROS  
LUGARES ALÉM DESSE?



NÃO! NÓS NÃO  
TIVEMOS TEMPO...

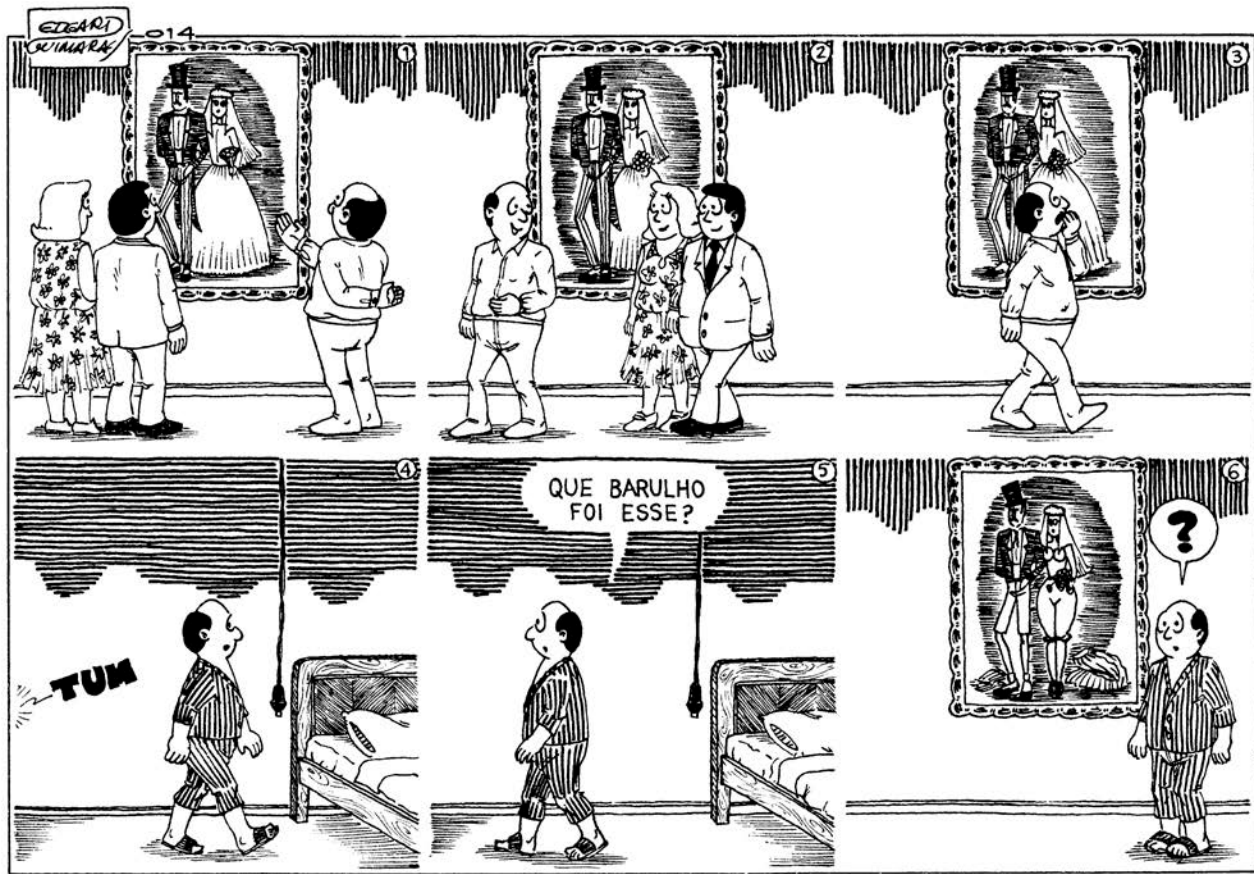
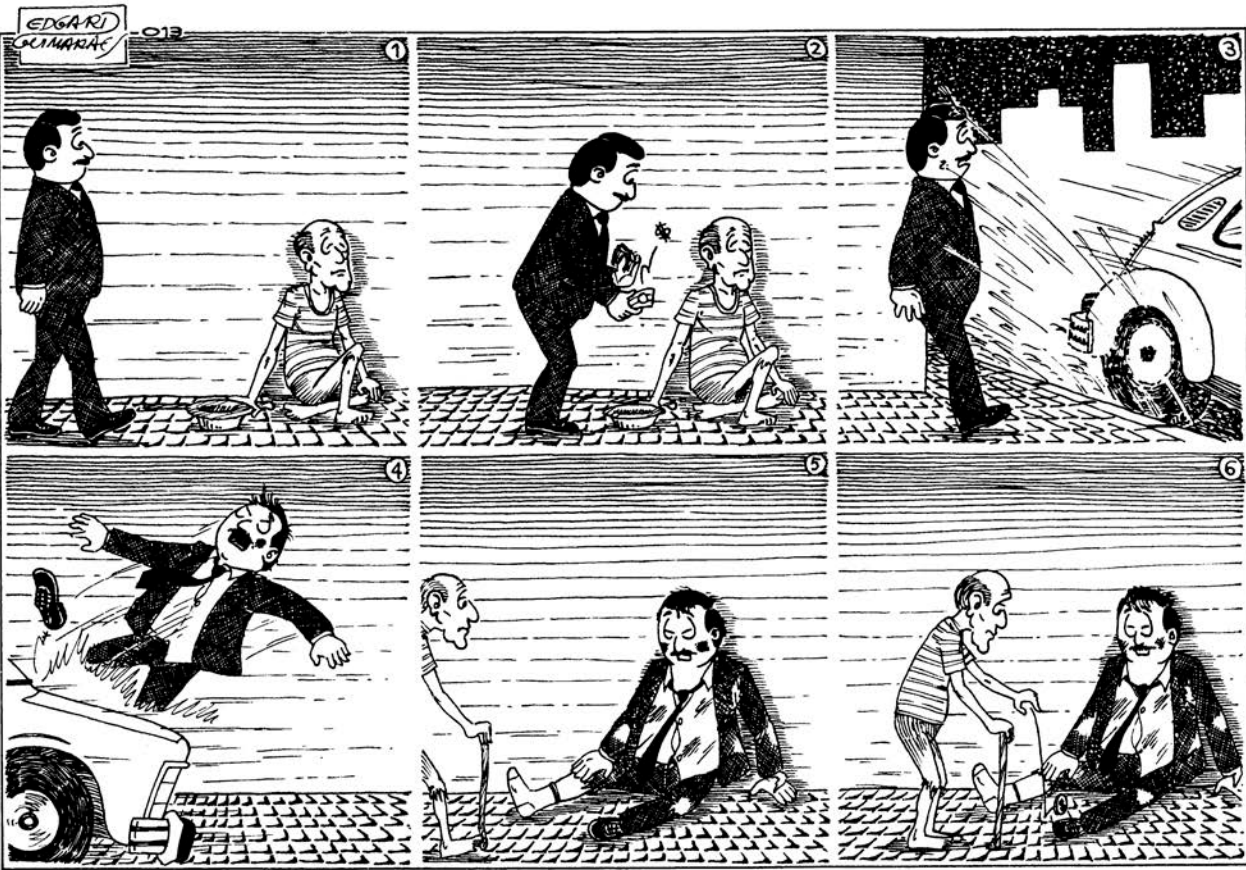


Aviso aos navegantes: tempo instável e temperatura tendendo a baixar. Se estiver pensando em sair, não esqueça a capa e o guarda-chuva. Digo isso a quem, porventura, tenha visto no MAD 93 (março de 82), na 4ª capa, a HQ de Al Jaffee e tenha achado alguma 'leve' semelhança com a HQ que publique neste PSIU I na pag.17. Antes que o temporal desabe, me ponho na defensiva ressaltando que a HQ aqui publicada foi feita em 78, na época em que eu colaborava com um jornal da região, 'O Clarim', como já disse. Meu alibi, no entanto, não é perfeito pois a HQ em questão não está entre as seis que eu consegui publicar n'O Clarim. É nesta situação, pendente entre o ridículo e o embaraço, que não me resta senão esperar que vocês acreditem em mim mutiasgratias.





Para terminar de encher estes espaços, seguem esta histerinha:  
Um dia um editor de uma grande revista se encontrou com o editor de um fanzine, não lembro se foi durante uma missa ou numa reunião do sindicato. O primeiro, depois de contar, satisfeito, que sua revista tinha alcançado a tiragem de 700.000 exemplares semanais, perguntou ao segundo qual a tiragem do fanzine deste. Ao invés de responder citando simplesmente uma cifra, o editor do fanzine respondeu citando o nome de cada um de seus leitores e, assim tendo feito, saiu, sorrindo monialmente, como se conhecesse o segredo do mundo, como se o mundo possuísse uma verdade absoluta...  
Acabou mas tem muito mais!





# FALA, QUADRINHO

## KEN PARKER: UM ANTI-HERÓI DE VERDADE A vantagem de um seriado mensal.

O primeiro texto que eu vi falando de Ken Parker foi na revista Eureka nº 12, mas por serem essas duas revistas da mesma editora, a Vecchi, considerei o texto mais um anúncio que uma análise. Diziam ser Ken Parker, "seguramente, a melhor revista de faroeste editada neste ano." O ano, no caso, era 79. Diziam também, "...suas histórias se situam num clima mais realista..." e mais "Ken Parker não é um mocinho que dá mais de cinquenta tiros com um só revólver nem um super-herói capaz de varrer todos os criminosos da cidade de uma vez, mas sim um homem normal, cujas histórias poderiam realmente ter acontecido." Como anúncio até que falaram pouco.

Alguns meses depois, vi uma pequena nota, falando bem de Ken Parker, no fanzine de Luiz Antônio Sampaio, o "Opar Boletim" - e aproveitando o parágrafo - um excelente fanzine. A nota era pequena e achei insuficiente.

Agora, nesta oportunidade, procurarei falar um pouco mais desse personagem, excelente desde o vestuário, os costumes até o logotipo da revista.



Quem é interessado por HQ e passa por uma banca de revistas não pode deixar de reparar em Ken Parker, já que sua capa é uma boa mostra da qualidade da revista. As capas nestes mais de quarenta números já publicados mantiveram um padrão: sempre desenhadas por Milazzo, capa dupla, sendo que a metade superior da 4ª capa é em branco, e que dá uma certa distinção à revista. As cores são fortes, vivas, na maioria das vezes no tom marrom ou bege.

No primeiro episódio já se tem contato com o texto inquieto e original de Berardi. Nas pág.s 11 e 12, Bill, irmão mais novo de Ken Parker, é morto de maneira violenta e assim, desejoso de vingança, "inicia a primeira caçada ao homem de Ken Parker". Neste primeiro episódio já notamos o senso de observação do herói, pois no final ele descobre um dos assassinos de seu irmão simplesmente por ter observado uma incoerência nas palavras deste. A cena final mostra um diálogo entre Ken Parker e o índio Mandan que confirma a qualidade de Berardi como escritor. Este final está reproduzido abaixo.

O senso de observação de Ken Parker, de que falei acima, volta a aparecer no quarto episódio, onde ele descobre

Após Mandan ter salvo a vida de Ken Parker, há este diálogo no final do 1º episódio, pag.98, quadros 3,4 e 5.



No episódio 2, Berardi nos mostra o pensamento de Ken Parker com relação a religião. No episódio 25, Berardi volta a este assunto. A cena acima é de KP 2, pag.35, quadros 5 e 6; pag.81, quadro 2.

o assassino de um amigo seu. No sexto episódio, usando o raciocínio, Ken Parker faz, no final, uma reconstituição de um crime, o que obriga o criminoso a se revelar. A impressão é a de ser uma HQ de mistério e não de faroeste. Este aspecto da personalidade de Ken Parker, onde ele se revela um perfeito detetive, parece não encaixar bem em sua roupagem de homem simples, rude, do oeste, um caipira. No entanto, Berardi continua fazendo Ken Parker solucionar casos, como nos episódios nºs 12 e 17, o que, a meu ver, dá à série um ar inverossímil. O próprio Berardi redime a série fazendo, no episódio nº 21, o raciocínio de Ken Parker falhar e o herói reconhecer o erro no último quadro na página 97, com as palavras "às vezes me vem a tentação de me descobrir infalível mas, por sorte, depois descubro sempre que não passo de um idiota qualquer...". Depois disso, seu raciocínio acerta no episódio 29 e erra nos episódios 36 e 37 e acerta novamente no episódio 38.

Quando coloquei como subtítulo deste texto "A vantagem de um seriado mensal", estava me referindo a um recurso extra de que pode utilizar o roteirista na elaboração de suas histórias: o recurso de interligar os episódios dando assim uma satisfação a mais ao leitor que vem seguindo a série desde o início. Berardi faz isto. Já no episódio 4 podemos encontrar o agente da Pinkerton Oake Barnum, que havia aparecido pela primeira vez no episódio 3. O episódio 4 possui outro detalhe original. No final, Ken Parker vê todos os seus amigos serem mortos pelos índios e ele próprio é deixado como morto no último quadrinho, atingido na cabeça por um tal Donald Welsh. No episódio 5 aparece um Ken Parker desmemoriado, vagando pelas florestas até que passa a viver numa tribo de peles-vermelhas. No final desse episódio, recobra a memória e aí passa a caçar o homem responsável pelo massacre de seus amigos e pelo tiro em sua cabeça. No episódio 7, na pista de Welsh, Ken Parker, numa cena confusa e violenta, reencontra seu amigo Dash, que imaginava morto no massacre do episódio 4. Ken e Dash continuam a caçar Welsh, mas este escapa no final do episódio 7. A caçada termina no episódio 8, com o confronto entre Ken Parker e Welsh, resultando na morte deste.

Em KP 4, pag.32, quadros 2,3 e 4, uma parte da sequência em que Ken Parker vai a uma reunião do Parlamento americano. Após falar, ele se retira.





Em KP 16, pág.64, quadros 3,4 e 5, parte da fala de Butch, um caçador de escalpos de peles-vermelhas, um vilão que denuncia como verdadeiros vilões os que detêm o poder.

No início do episódio 9, Ken e Dash se despedem e tem início um novo ciclo de aventuras. Ken Parker é sequestrado para trabalhar como marujo num baleeiro, que se dirige para o norte. Os episódios 10 e 11 mostram Ken Parker nas terras do norte, sua vida entre os esquimós e, principalmente, o tipo de vida dos esquimós. No final do episódio 11, Ken Parker vai parar no Alasca, onde é preso.

No episódio 12, Ken Parker é confundido com um criminoso local e é condenado à morte. Vemos pela primeira vez Ken se referir a seus pais, quando tenta escrever a eles uma carta. Neste episódio Ken encontra a personalidade controversa de Pat O'Shane, uma menina que fica sozinha no mundo ao ver seu irmão ser assassinado. Pat acompanha Ken Parker nos episódios 13,14 e 15. No episódio 15 há uma particularidade interessante. Ken Parker procura alguns cowboys para conduzir uma manada, entra num saloon e encontra um escritor de estórias de faroeste que, não é difícil imaginar, é o próprio Berardi. Este vai mostrando a Ken Parker todos os presentes no saloon e temos oportunidade de ver entre eles presentes a figura de Cisco Kid, Tex Willer, Kit Carson Larry Yuma, Zagor, entre outros. Milazzo também aparece no saloon - é o ilustrador das estórias que Berardi escreve. No final do episódio 15, Ken Parker se despede de Pat. A partir daí, Ken Parker passa a trabalhar como guia do exército. Em Ken Parker há uma valorização extrema dos personagens secundários, tanto que no episódio 8, a figura de Ken Parker só aparece na pág.44. No episódio 22, há um incontável número de dramas paralelos.

Em Ken Parker 26 evidencia-se a importância da interligação dos episódios. Cercado por índios, Ken Parker e um pequeno grupo de pessoas, principalmente mulheres, tentam se defender. Uma a uma as pessoas vão morrendo e, no desespero Ken Parker se expõe gritando que acabem logo com aquilo. O chefe dos índios é Mandan, que o reconhece e manda parar o ataque. O diálogo que se segue entre Ken Parker e Mandan é de uma profundidade raramente vista numa HQ. A conclusão deste diálogo está nos três quadros reproduzidos abaixo. Essa passagem é fundamental na vida de Ken Parker pois, embora ele ainda continue no exército, estes fatos juntados aos ocorridos no episódio 32 o fazem deixar definitivamente

Seqüência final do reencontro de Mandan com Ken Parker no episódio 26, pág.98, quadros 2,3 e 4. Repare que no quadro 2 Mandan se refere ao episódio 1.



Berardi volta a mostrar, em KP 31, pág.111, quadros 1, 2,5 e 6, que o bandido nem sempre é o que mata ou rouba,mas o que manipula as leis e parece estar acima delas.

os casacos-azuis. Revela-se "cansado de ter de se dividir entre o dever e a consciência:".

No episódio 27, quando ainda no exército, Ken Parker tira uma licença para ir ver os pais. No episódio 29, já a caminho de casa, viaja junto com um Wild Bill Hickok já que se cego e neste episódio, no final, Berardi nos dá outra mostra da falibilidade do herói. O mesmo Ken Parker que acerta um tiro impossível na seqüência entre as páginas 55 e 58 no episódio nº 1, erra o tiro na seqüência entre as páginas 101 e 105 no episódio 29.

No episódio 30, já perto de casa, Ken Parker passa no túmulo de seu irmão - oito anos se passaram desde sua morte no episódio 1 - e, finalmente, reencontra seus pais. Aqui há uma pequena falha na seqüência. No final do nº 30, Ken Parker está em sua casa, com seus pais, e no início do nº 31 ele já está no Wyoming setentrional. Neste episódio 31 há outro detalhe interessante. Pela segunda vez, Ken Parker faz justiça com as próprias mãos, passando por cima da lei, e o modo como o faz, com dinamite, é o mesmo usado no episódio 2. Ele explode o prédio onde se encontram os criminosos.

Quando vi não acreditei. A Vecchi, não sei o porquê, substituiu o branco de fundo das capas de Ken Parker por cores gritantes a partir do nº 33. É de se lamentar esta quebra no padrão da publicação.

O episódio 36 é especial. Intitulado 'Direito e Avesso' traz a palavra 'fim' no 1º quadrinho e o título da história no final do episódio. Neste episódio, Ken Parker é auxiliado por um travesti e Berardi utiliza este episódio para fazer uma crítica à sociedade machista da época e à de hoje, tendo em vista que os preconceitos ainda não foram eliminados. Não é a primeira vez que aparece um homossexual nas histórias de Ken Parker. No episódio 8, já aparecera um nas páginas 82/83.

No episódio 37, Berardi mostra através das falas de Ken Parker, suas repulsa à pena de morte e no episódio 38 Ken Parker diz, meio desiludido, a um senhor que desconhece um poeta famoso que no oeste "a fama só alcança os pistoleiros e os fabricantes de uísque:".

São estes e muitos outros detalhes que só nos são mostrados com a leitura completa de todos os episódios que fazem de Ken Parker a melhor revista de HQ publicada no Brasil

Cena final de KP 37, pág.112, q.4 e pág.113,q.s 1 e 2.



Uma grande perda para os quadrinhos brasileiros foi a extinção do suplemento de quadrinhos da Folha de São Paulo. Este suplemento trouxe, em sua maior parte, material nacional inédito. Vimos os traços seguros de Pertence, Rogeria e Osnei, as histórias bem-boladas d'Os Bandeirantes, da dupla Moretti-Nicoletti, sem contar as HQs de Ricardo Dutra e Cassiano Roda, o Capitão Bandeira da Conceição Cahú, etc. Houve muitas histórias fracas, a meu ver, tanto no argumento como no desenho, mas a impressão que ficava a respeito desse suplemento era a de um espaço aberto ao quadrinista desconhecido. Cada número era uma surpresa, revelava um artista novo e eu, contagiado por este espírito, me soltei sobre o papel fazendo a HQ 'O Meteoro' que agora lhes apresento.

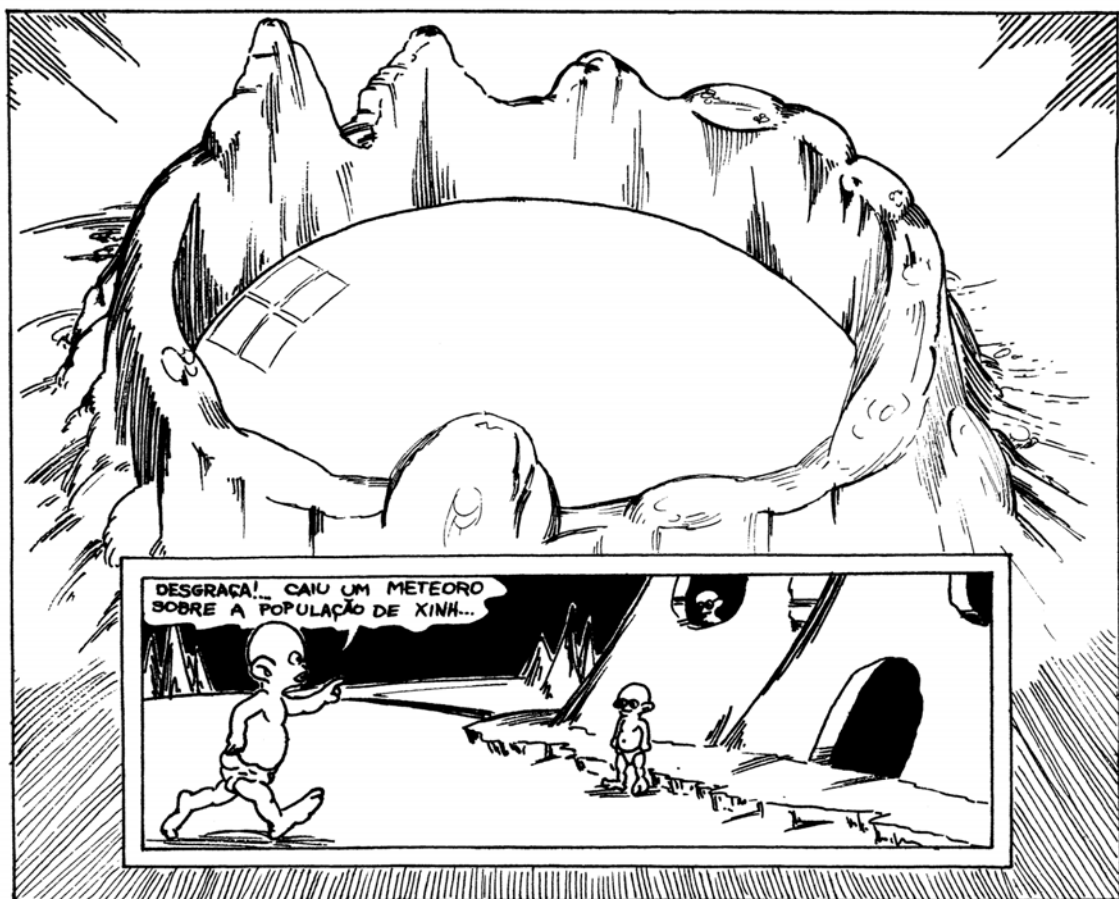
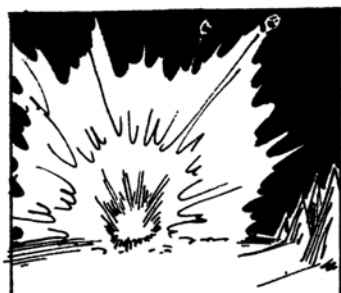


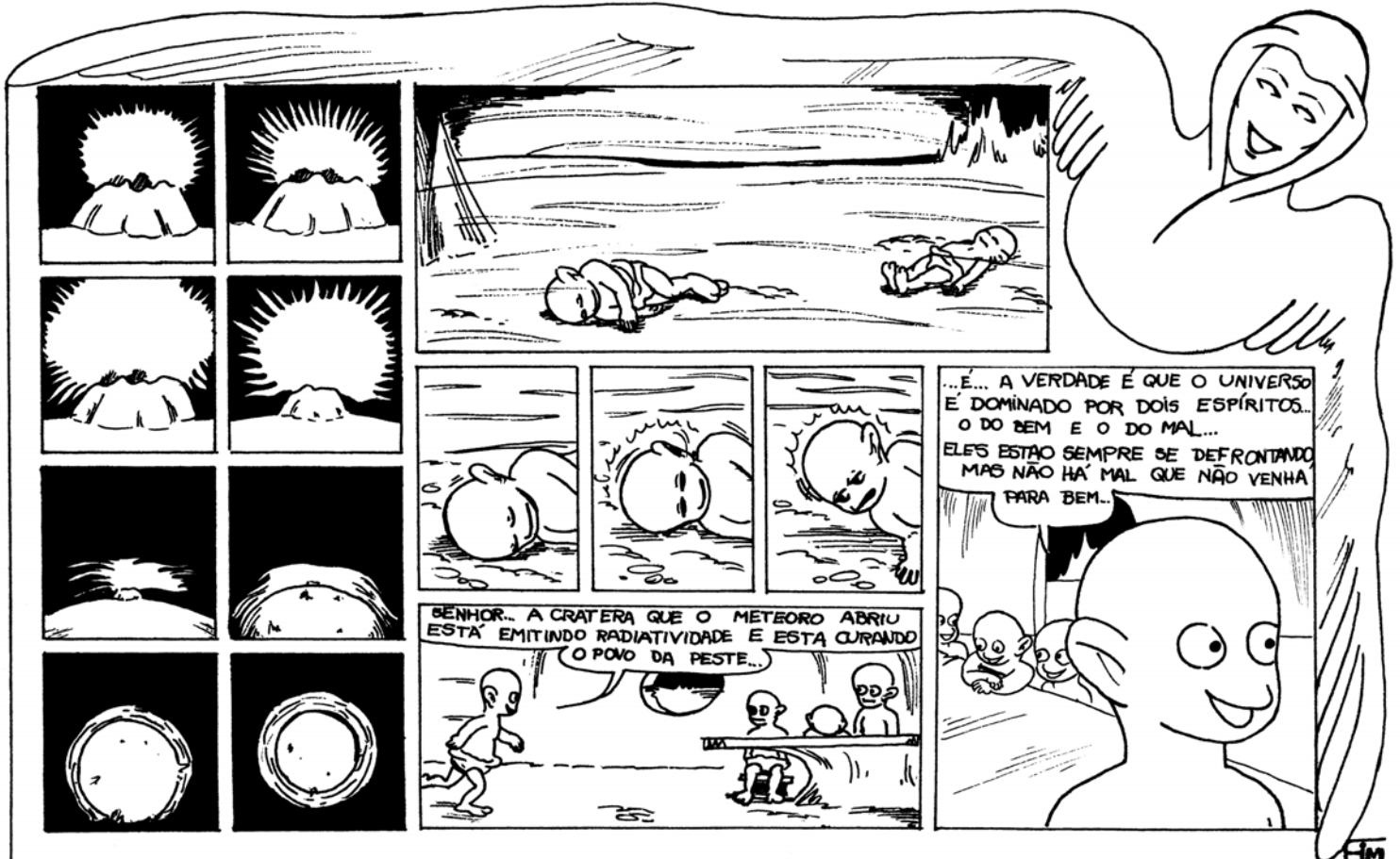
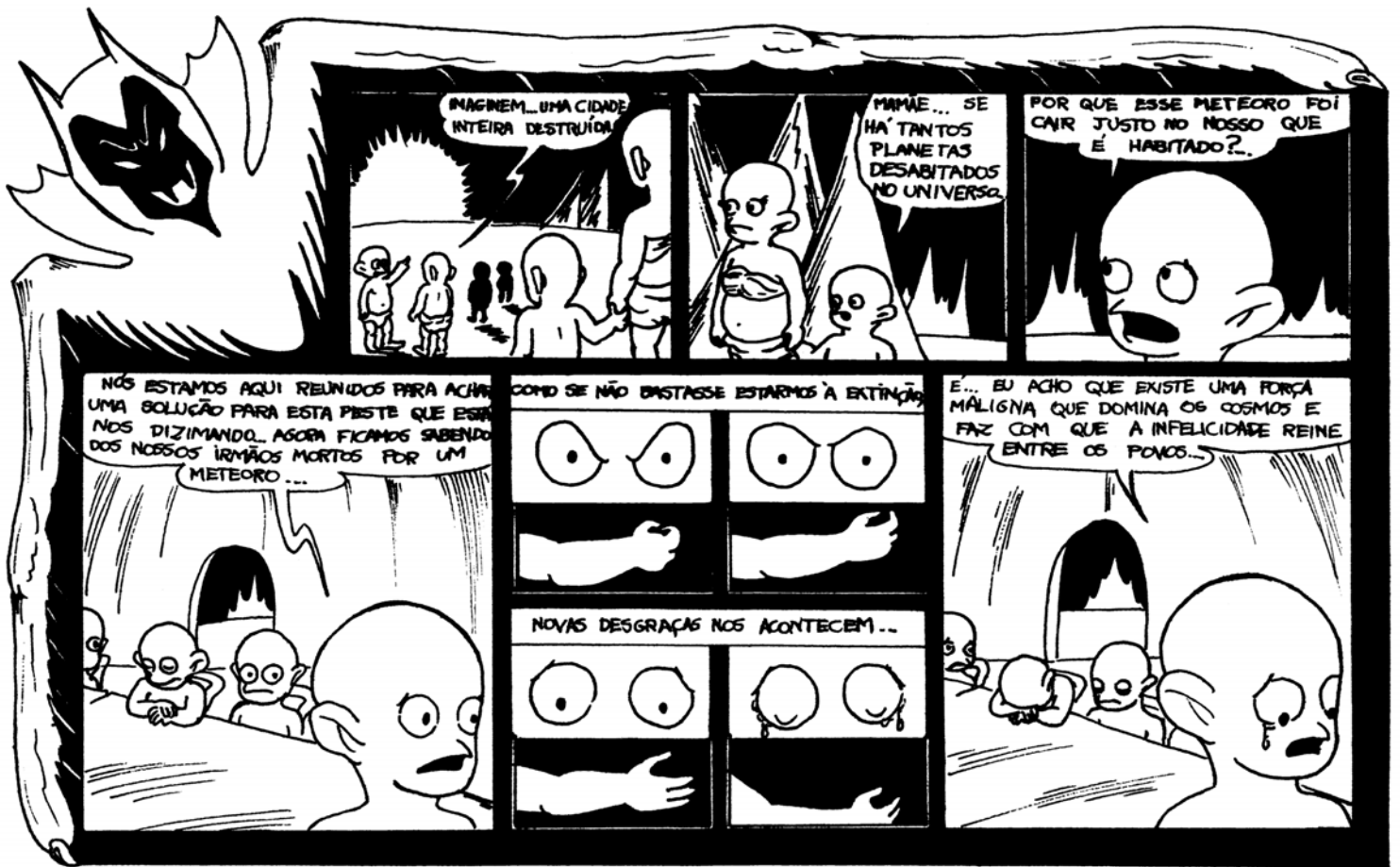
O QUE  
FOI?



COMO É QUE NÃO  
PODEMOS PENSAR NO  
FUTURO SE NEM SEQUER  
TEMOS PASSADO?...

# METEORO





NÃO PODEMOS CONTAR  
SUA ORIGEM POR NÓS  
NÃO SABEMOS...

É UM POVO QUE NÃO SABER  
DE ONDE VEIO, NÃO SABERÁ  
PARA ONDE IR...

# FALA, QUADRINHO

## A EBAL E SUAS PUBLICAÇÕES Quadrinhos de qualidade.

"...o quadrinho de qualidade pode ser um negócio rendoso desde que explorado devidamente. Resta ver quando poderá ser feito no Brasil algo semelhante.". O texto acima é a conclusão de um pequeno artigo intitulado "Underground de luxo" publicado na revista Eureka nº 11 de junho de 78. O artigo falava das revistas Métal Hurlant e Heavy Metal, salientando que esta última "já se transformou numa indústria e sob seu selo são publicados álbuns da maior qualidade..."

Quando li este texto lamentei o fato de não possuímos publicações de luxo e cheguei a sentir uma inveja dos leitores americanos ou europeus. Só hoje me dou conta que nós, quadrimaniacos, não estivemos tão desamparados assim. Dando uma olhada para minha coleção de revistas de HQ, vejo o número surpreendente de revistas e álbuns de qualidade que a EBAL pôs ao nosso alcance. É claro que o número dessas publicações não é o suficiente, mas devemos levar em consideração que um quadrimaniaco nunca estará satisfeito.

Entre as editoras brasileiras, a EBAL foi a que mais investiu neste ramo de publicações e se disséssemos que é porque este ramo se mostrou lucrativo, não estaríamos traduzindo a realidade brasileira. Não creio que a EBAL tenha ganho rios de dinheiro com estas publicações, pelo contrário, eu acho que, se não teve prejuízo, foi por ser uma empresa grande e poder manter uma revista em estoque por um tempo maior.

Veja um exemplo. Quando saiu o álbum "Flash Gordon no Planeta Mongo" eu não tinha dinheiro para comprá-lo. Só pude adquiri-lo uns dois anos depois, comprando-o pelo Reembolso, da própria EBAL. Ora vejam, dois anos após a publicação, ainda havia exemplares em estoque. Nenhuma publicação foi feita para ficar dois anos em estoque.

Vamos ver se vocês que me leem concordam comigo no que eu chamo de publicação de qualidade.

As pranchas dominicais de Tarzan desenhadas por Russ Manning começaram a



'As Trigêmeas' de Homero

ser publicadas no formato original desde a primeira (14 de janeiro de 68) em álbuns no formato horizontal. Saíram 5 álbuns, sendo que a última prancha publicada foi a de 2/4/72. Também em álbuns no formato horizontal saíram as aventuras das Trigêmeas, de autoria de Homero. Durou até o número 6 e tinha o selo 'HQ para Adultos'. O fato dessas duas coleções terem sido interrompidas vem comprovar a não lucratividade desse tipo de publicação. Vale a pena lembrar que a coleção de álbuns de Flash Gordon tem resistido, já está no volume 7 e o citavo e último está previsto para sair este ano. Espero que a EBAL agora se dedique a continuar a coleção Príncipe Valente, cujo primeiro volume saiu em agosto de 74.

A EBAL publicou um álbum do Mandrake de Lee Falk e Phil Davis, o Agente Secreto X-9 de Dashfield Hammett e Alex Raymond, 5 álbuns do Fantasma de Lee Falk e Ray Moore, 4 volumes de James Bond, com desenhos de John McLusky, o volume Os Lusíadas de Nico Rosso, o volume Tim e Tok de Lyman Young e o luxuosíssimo Tarzan, o Filho das Selvas de Burne Hogarth. Tem um lugar de destaque nesta lista, a coleção Um Homem/Uma Aventura que está parada, por enquanto, no volume 7. Cada volume conta uma aventura de um determinado personagem, sendo cada narrativa desenhada por um desenhista famoso. Já tivemos Sérgio Toppi, Dino Battaglia, Hugo Pratt, Gino D'Antonio, Enric Sió e G. Alessandrini. Recentemente a EBAL lançou novos álbuns começando por Zephid - um homem em busca da luz, de Azpiri, a heroína Axa, de Romero e Korsar, de Esteban Maroto.

'O Homem da Zululândia' de Gino D'Antonio



'Tarzan' de Russ Manning



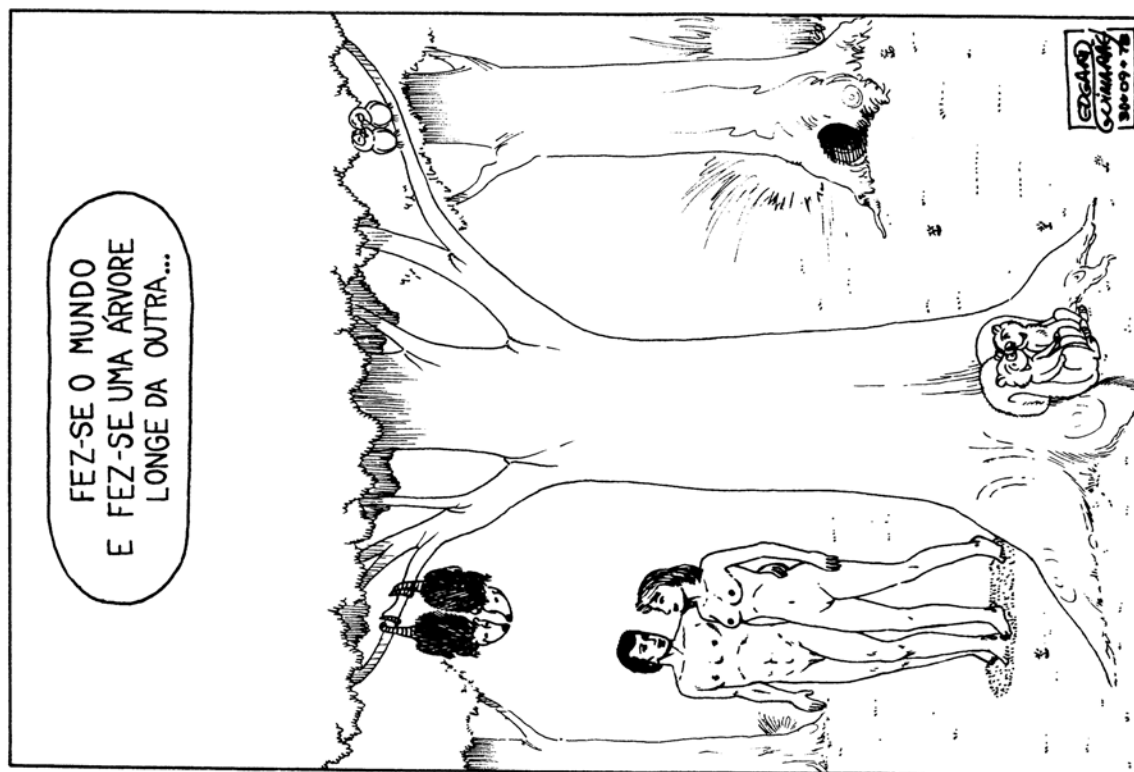
'Korsar' de E. Maroto



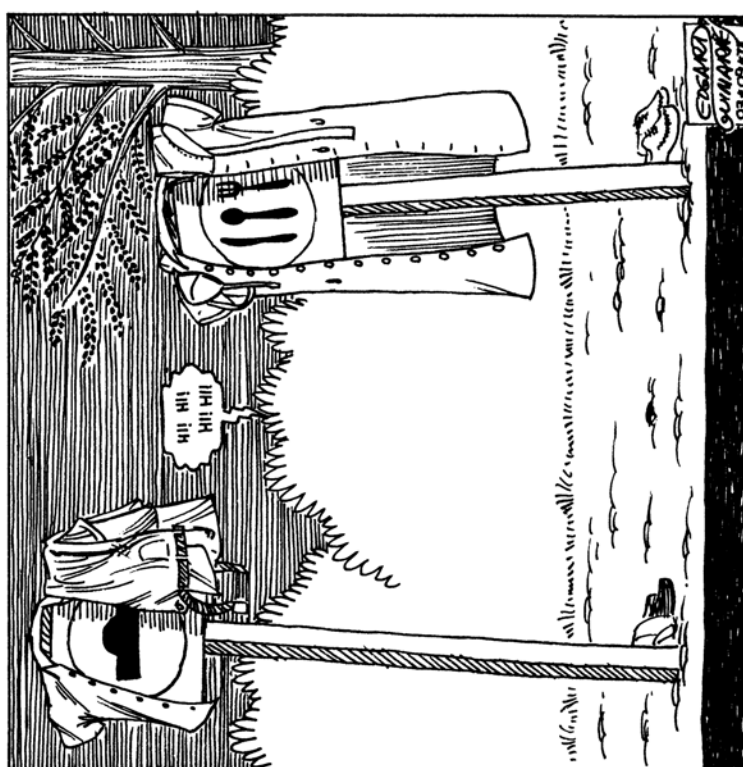
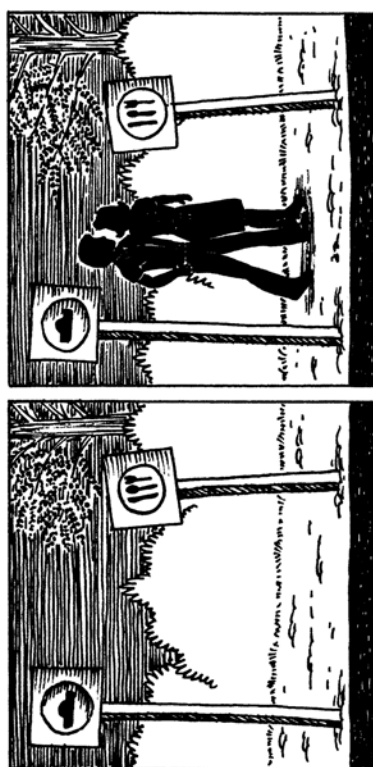
Espero que o idealismo do senhor Aizen continue aceso e que a EBAL continue a publicar estas HQs de qualidade, para nosso prazer.

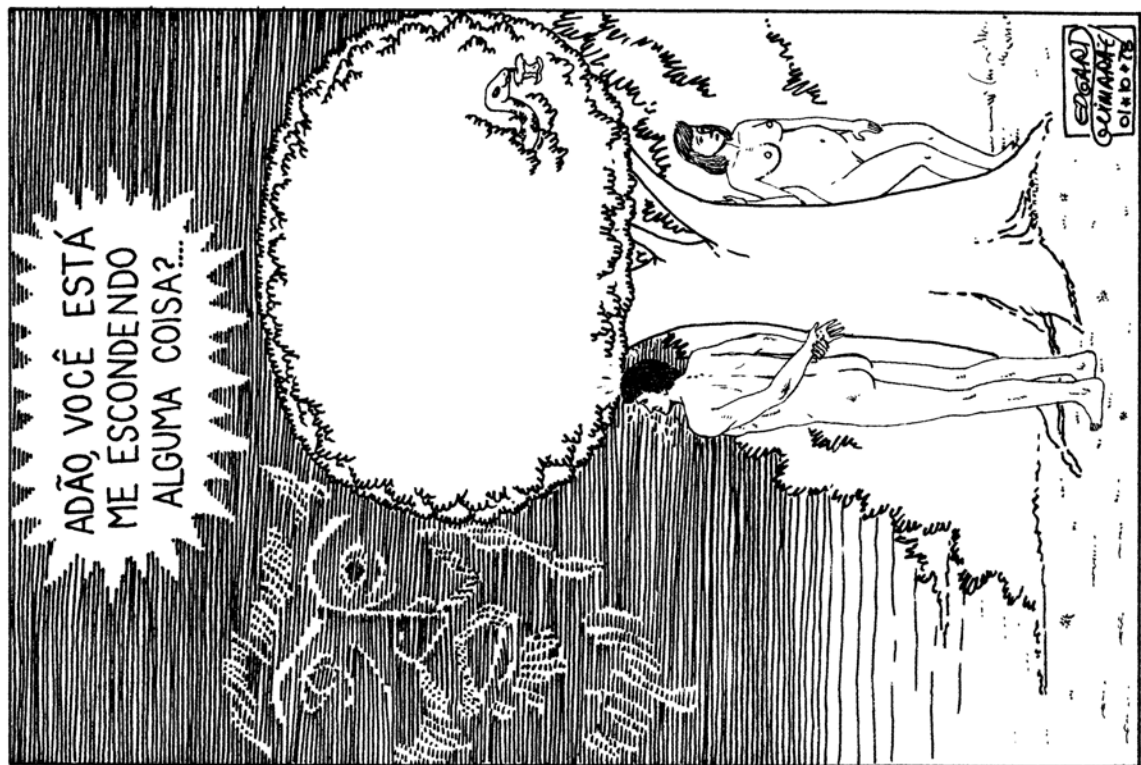
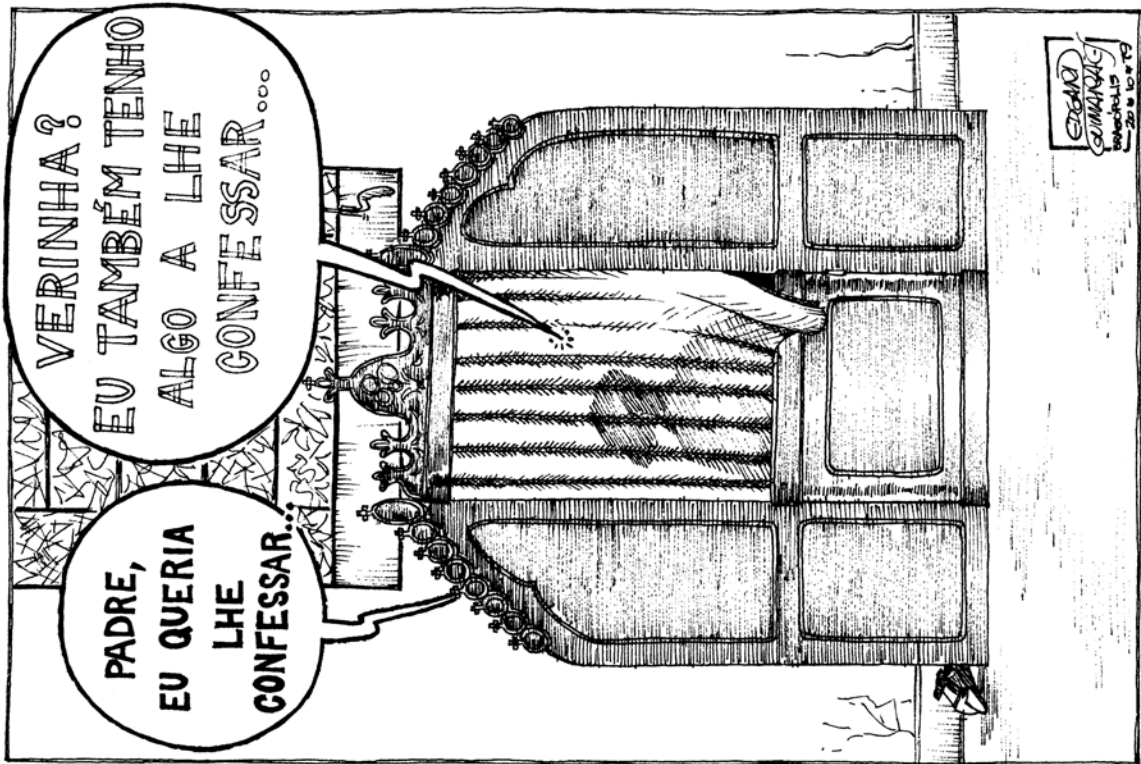


Ou muito me engano ou a Grafipar iniciou suas atividades no campo dos quadrinhos com uma revista de cartuns, piadas escritas e desenhadas, mulheres boas e peladas e outras rimas desse tipo. O nome da revista era Personal Humor e seu número um já trazia na última capa um anúncio de Eros, primeira revista de quadrinhos eróticos da Grafipar, pioneira de uma vasta gama de títulos publicados por esta editora. Personal Humor continuou saindo e não tardou a promover concursos de cartuns, desafiando o leitor a por no papel o que tinha na cabeça. Comecei a ler, fiz em setembro de 78, três cartuns, mas o receio de perder o original fez com que eu não enviasse esses cartuns à Grafipar. Em outubro de 79, tomado de novo ânimo, fiz mais 7 cartuns e tanto enrolei que a revista acabou. Estes 10 cartuns estão agora em PSIU.



Esta HQ foi feita originalmente no formato vertical, duas colunas de nove quadrinhos cada. Ao lado da HQ havia um espaço em branco, já que se tratava de um papel de cartas. Neste papel eu enviei cartas a muitas pessoas. Dentre elas, duas me responderam intitulado minha HQ. Armando Sgarbi a chamou de a HQ do "pintor de dias" e Oscar Kern se referiu a ela como a HQ do "quadrinho negro". Eu não teria dado título melhor.

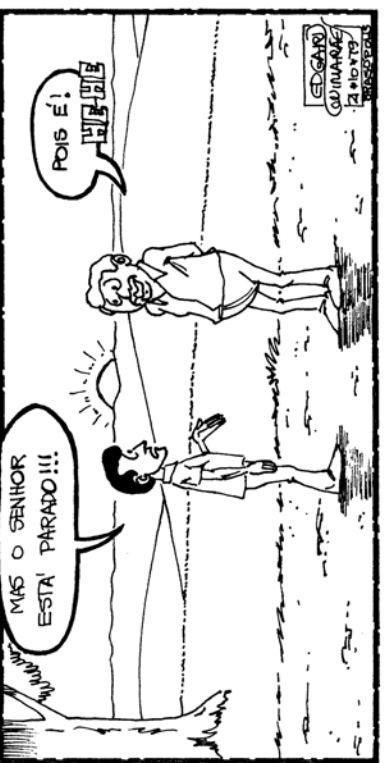
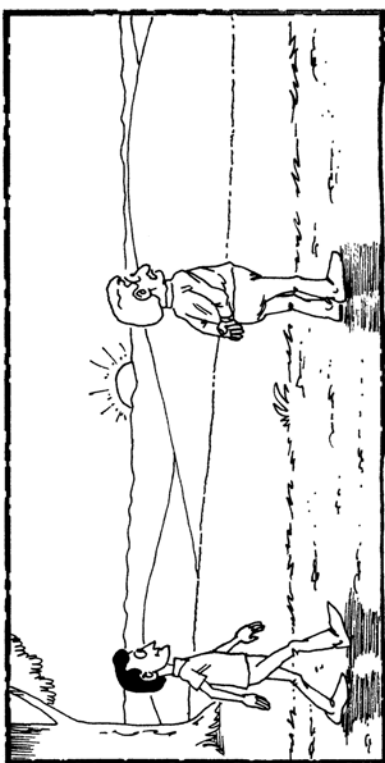
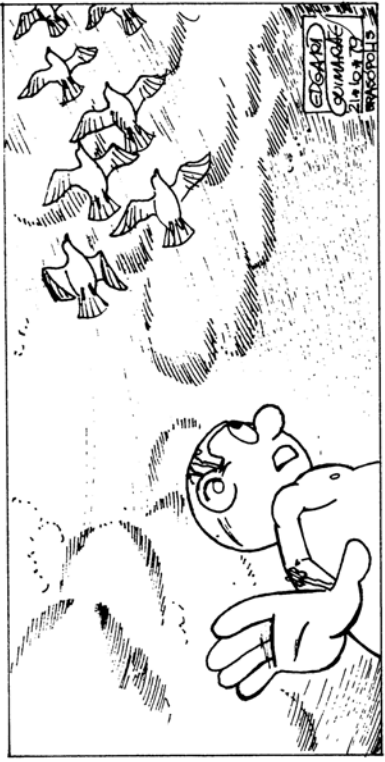
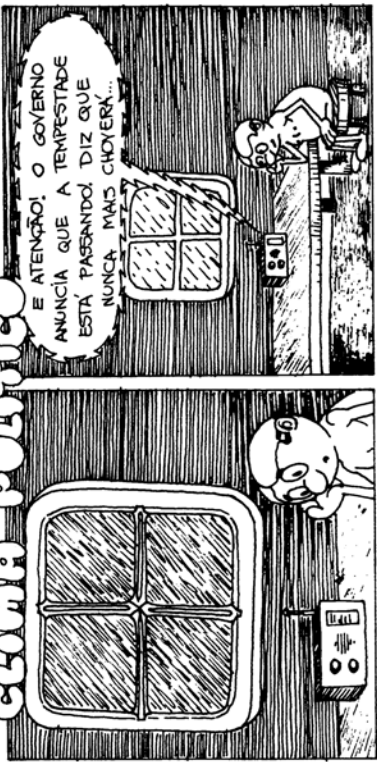




A GENTE PODEA INVENTAR  
UMA HISTÓRIA DE QUE SOMOS  
CRIADOS POR UM DEUS  
SUPERIOR...



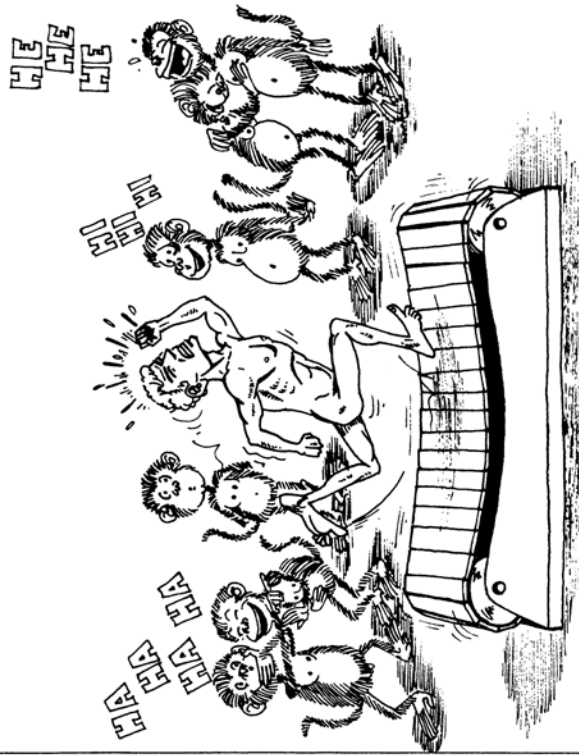
**CLIMA POLÍTICO**



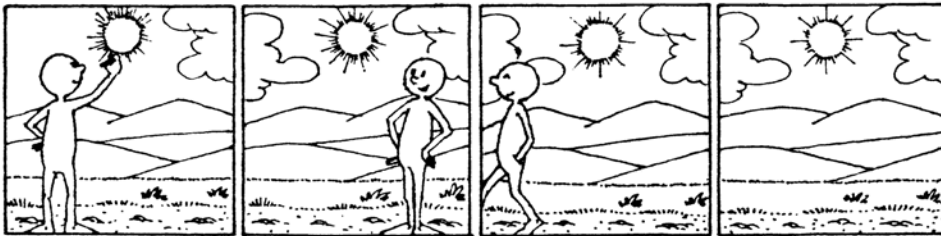
EDGAR  
GUIMARÃES  
21/03/79  
WASHINGTON

TÁ! ACHO UMA BOA IDÉIA!  
E DIRÁMOS QUE ESTE SER SUPERIOR NOS FEZ A SUA IMAGEM E SEMELHANÇA!...

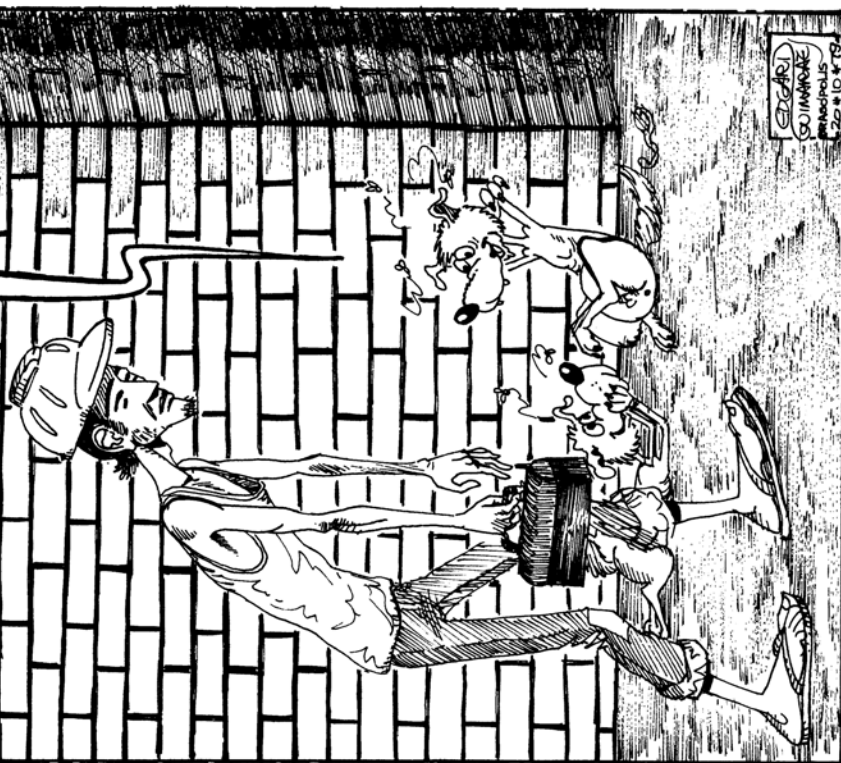
# A SITUAÇÃO ATUAL DA EVOLUÇÃO DO HOMEM



EDGAR  
SOIMARÉ  
2010-173  
BRASILPOLIS



VIDA DE CACHORRO POR VIDA DE CACHORRO, EU PREFIRO A MINHA, QUEI, PELO MENOS, NINGUÉM ENCHE O RABO DE DINHEIRO ÀS MINHAS CUSTAS...



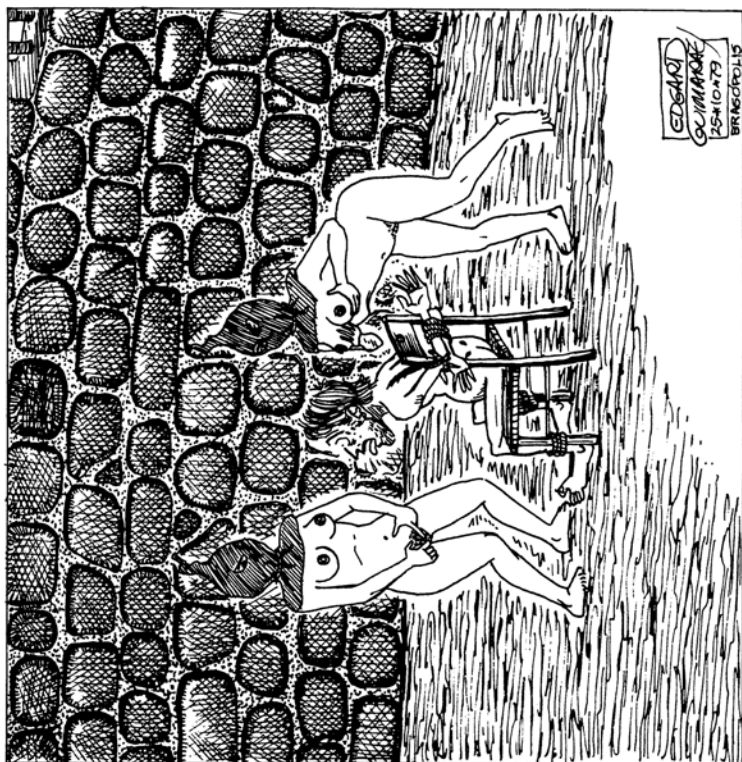
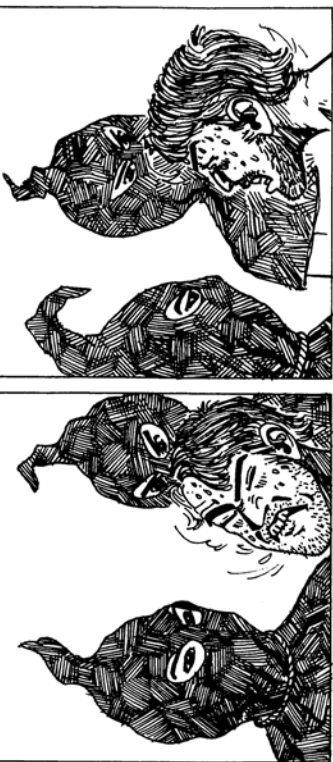
EDGAR  
SOIMARÉ  
BRASILPOLIS  
2010-173

E NÓS, COMO SEUS FILMOS, DEVEMOS SEGUIR SEU EXEMPLO DE BONDADÉ!

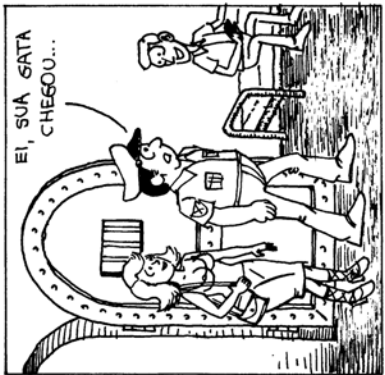
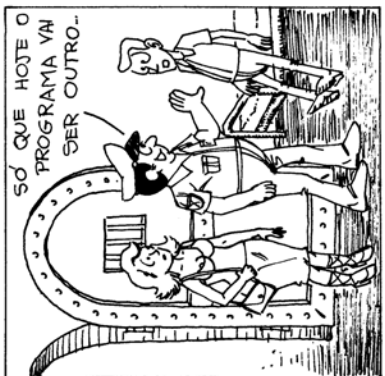
EXCELENTE!



# A TÉCNICA É A TORTURA

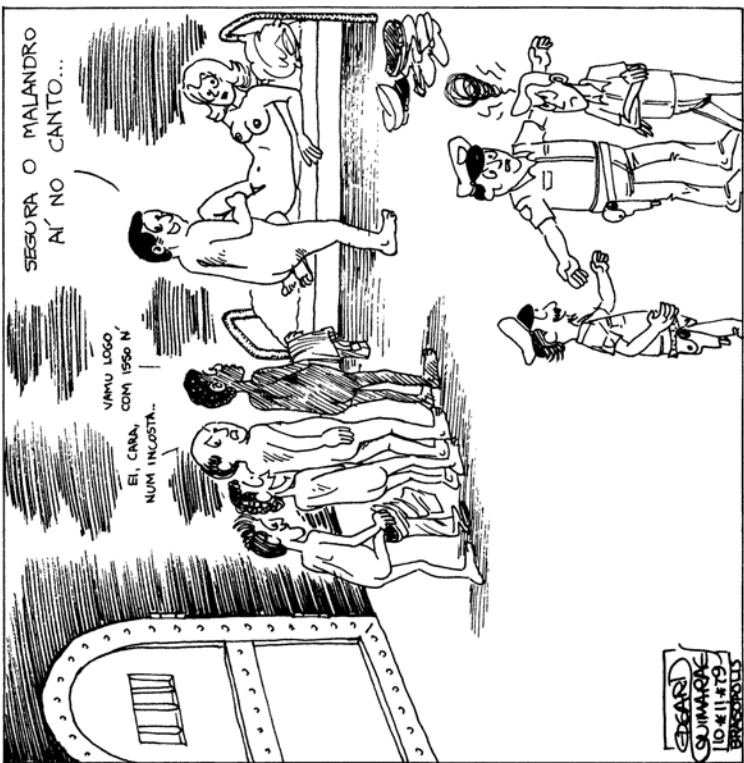


EDSAR  
GUIMARÃES  
1954-1979  
BRAGANÇOLIS



SÓ QUE HOJE O PROGRAMA VAI SER OUTRO...

EI, SUA GATA CHEGOU...



SEGURA O MALANDRO AI' NO CANTO...

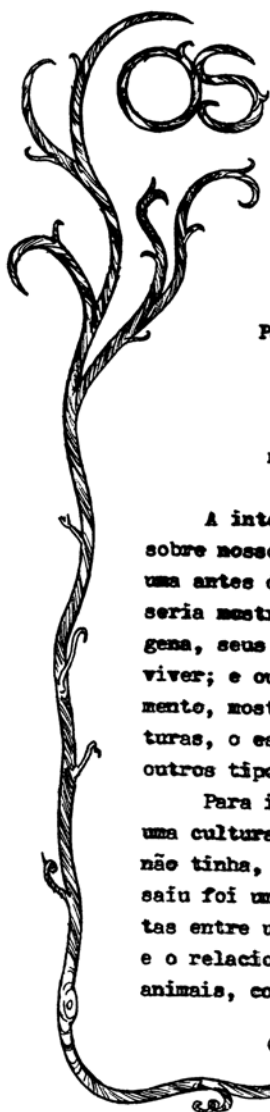
VAMU LOGO, EI, CARA, COM ISSO N' NUMA ILUSTR...

EDSAR  
GUIMARÃES  
1954-1979  
BRAGANÇOLIS





ASSIM OS QUE VIEREM  
DEPOIS DE NÓS TERÃO UM  
OBJETIVO NA VIDA, TERÃO  
UMA RAZÃO PARA VIVER...

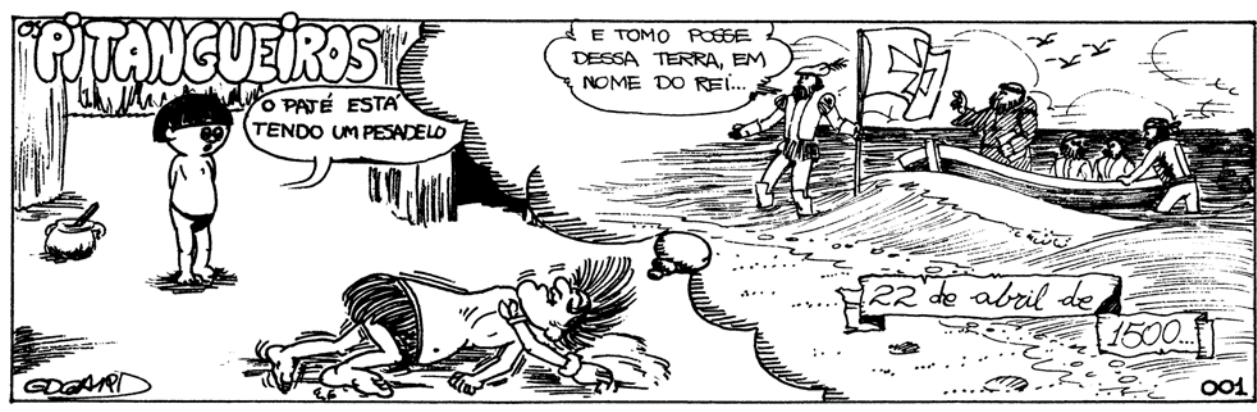


# OS PITANGUEIROS

"Foi o vento:  
Ele que trouxe  
a má notícia:  
Passou entre meus cabelos  
dentro do meu ouvido  
e então eu soube  
que a vida  
não seria mais a mesma!"

A intenção era fazer uma HQ sobre nossos índios em duas fases: uma antes do descobrimento, onde seria mostrada a civilização indígena, seus costumes, seu jeito de viver; e outra depois do descobrimento, mostrando o conflito de culturas, o esforço da catequização e outros tipos de violência.

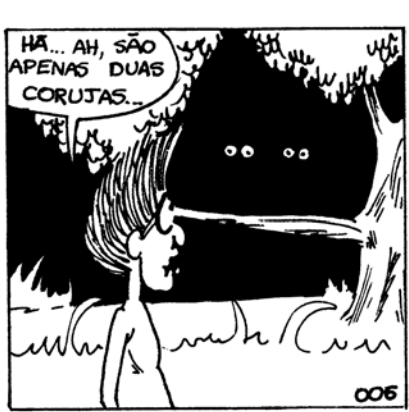
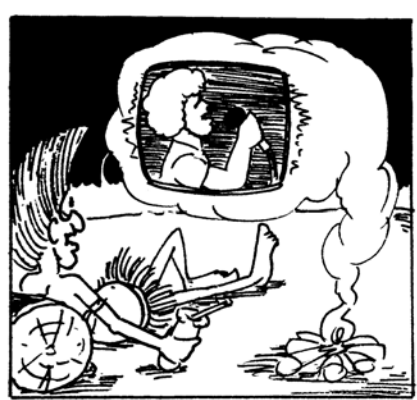
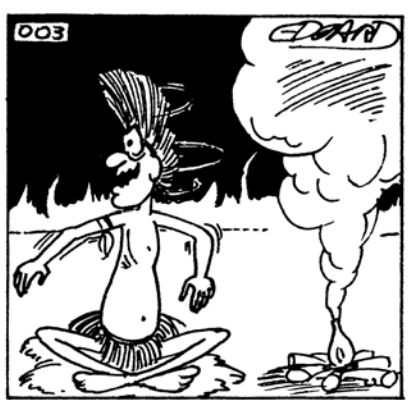
Para isso seria necessária uma cultura que eu evidentemente não tinha, e não tenho, e o que saiu foi uma HQ contando as disputas entre um pajé e um indiozinho e o relacionamento deste com os animais, como vocês poderão ver.



E NOSSA ESPÉCIE VIVERIA TENTANDO EVOLUIR, SER SEMPRE MELHOR...

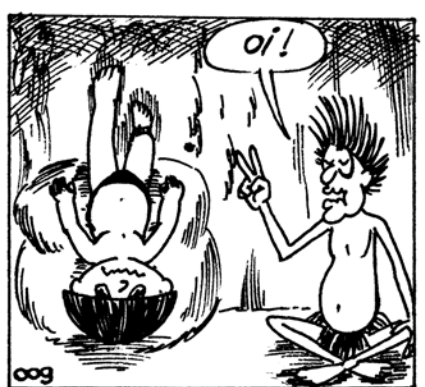
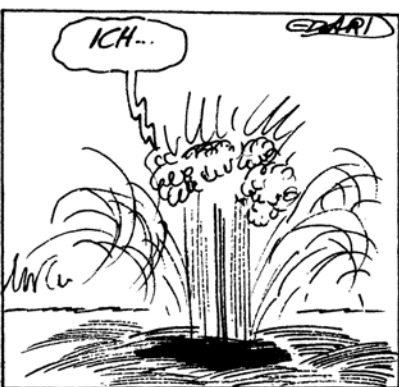
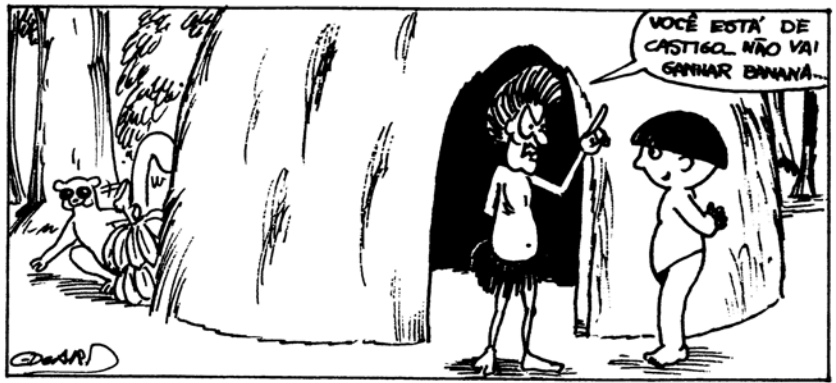


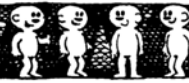
NESSE FUTURO, DESSE MODO, SÓ PODERÁ SER BOM...



E DEVE HAVER A PROMESSA DE UM DESCANSO ETERNO PARA DEPOIS DA VIDA...

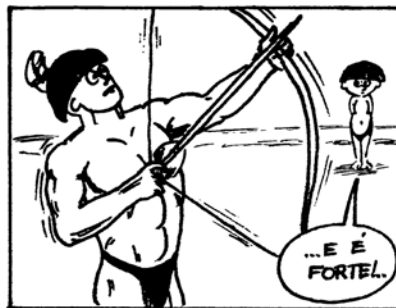
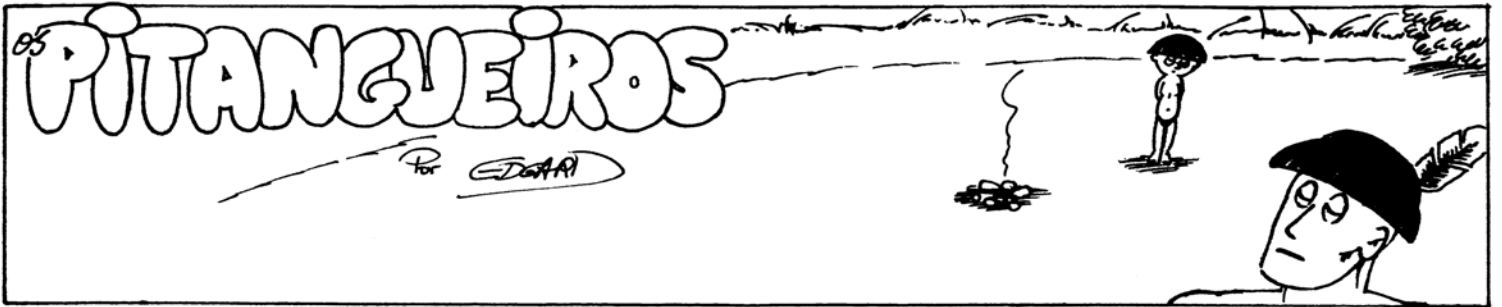
SIM, COMO RECOMPENSA PARA QUEM SEGUIR O CAMINHO DO CRIADOR...



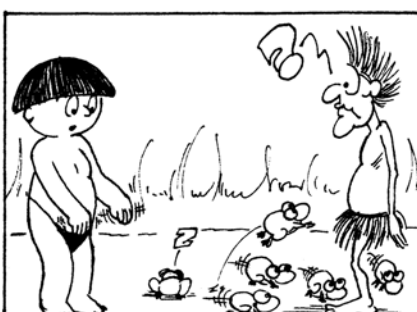
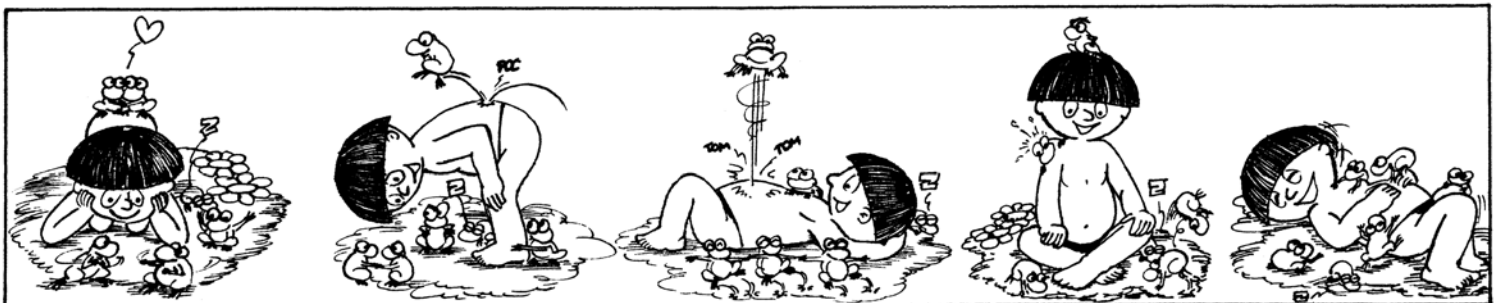
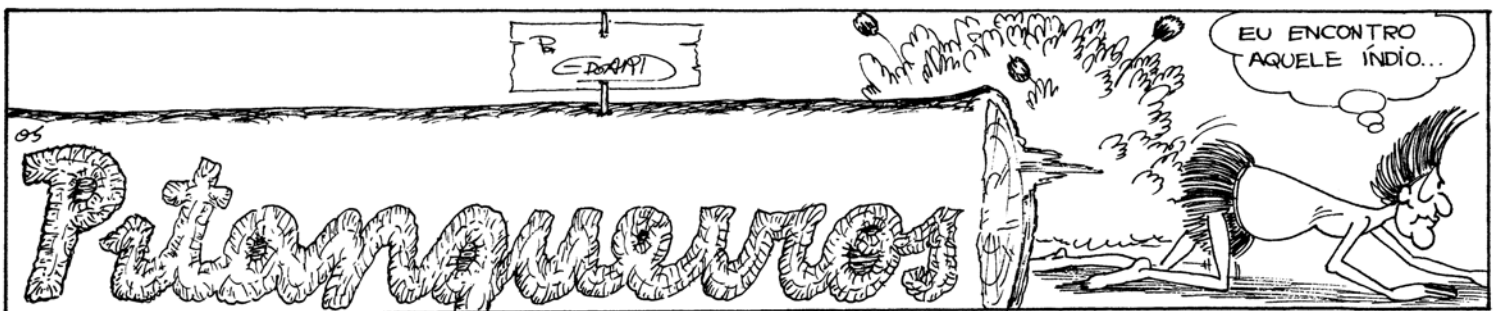


# PITANGUEIROS

Por EDGAR

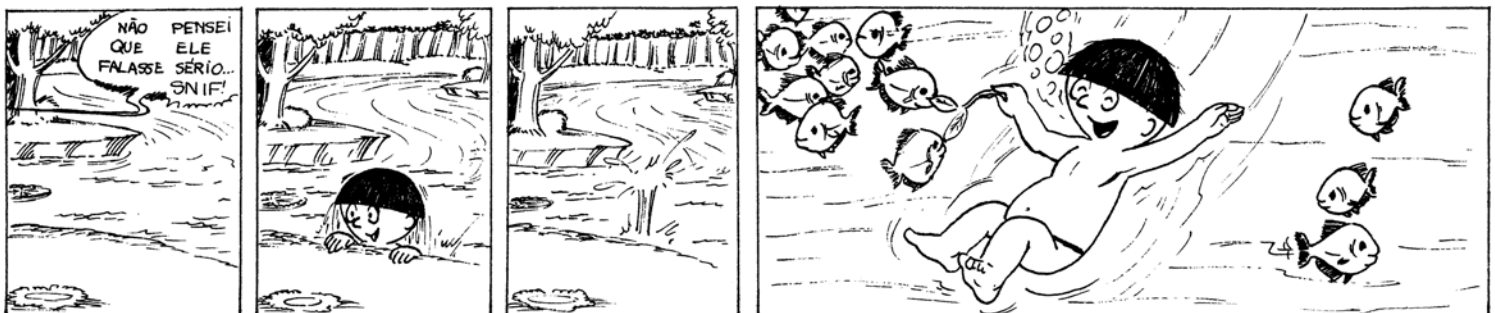
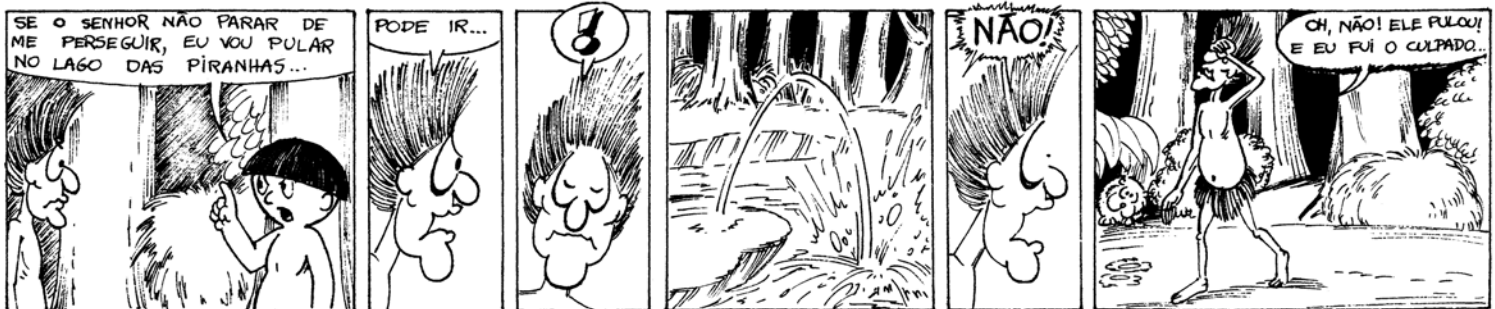
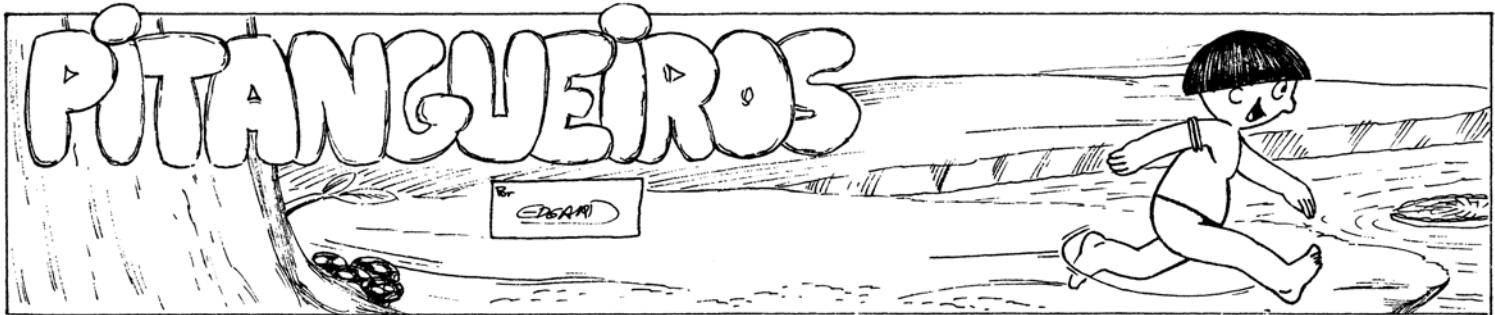


FIM





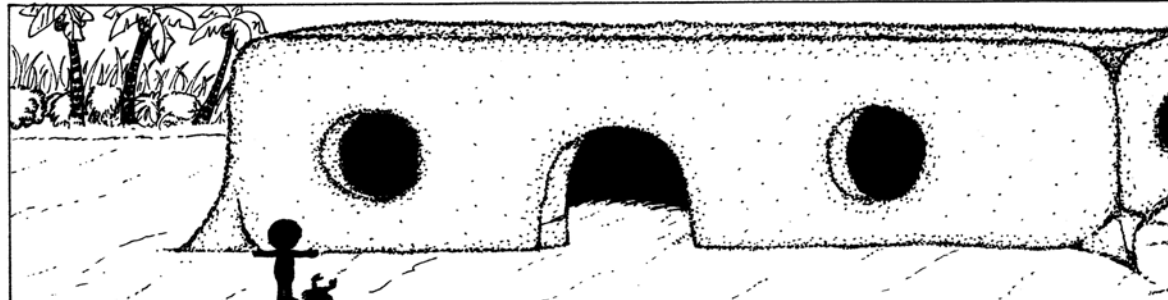
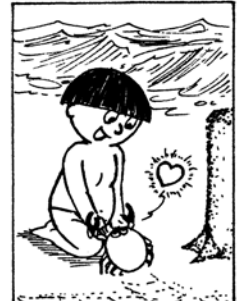
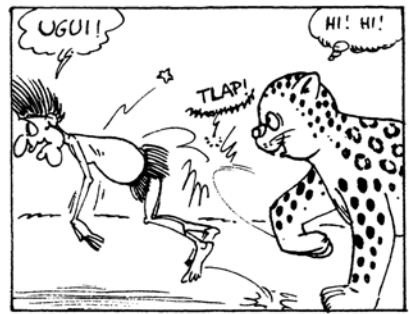
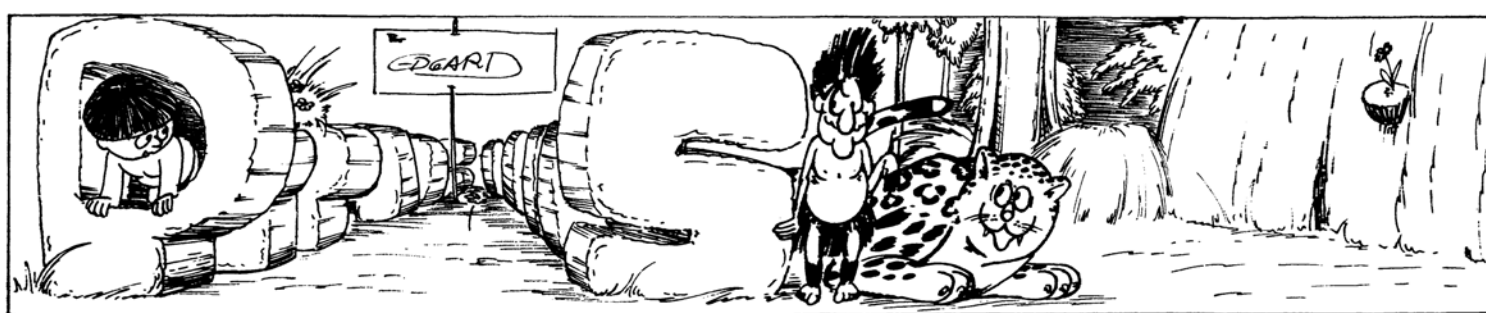
DEVEMOS AGORA INICIAR UMA SOCIEDADE QUE POSSIBILITE AO NOSSO POVO SE DESENVOLVER...

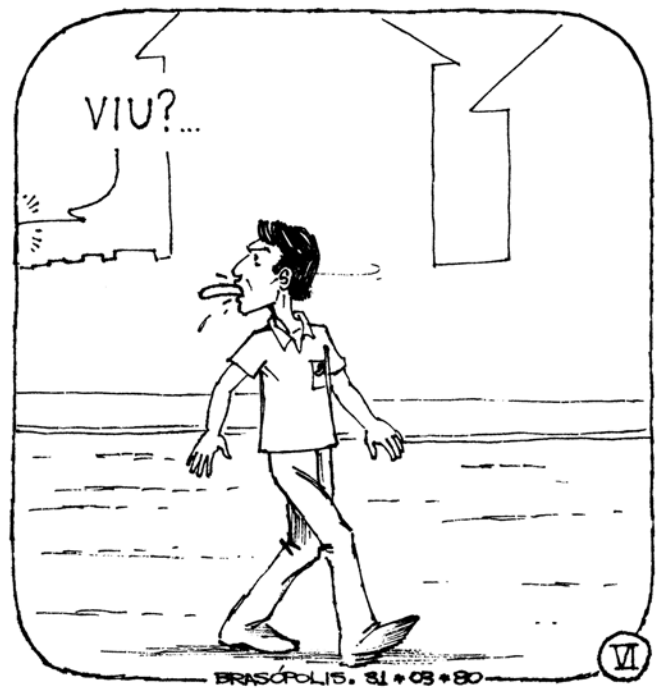
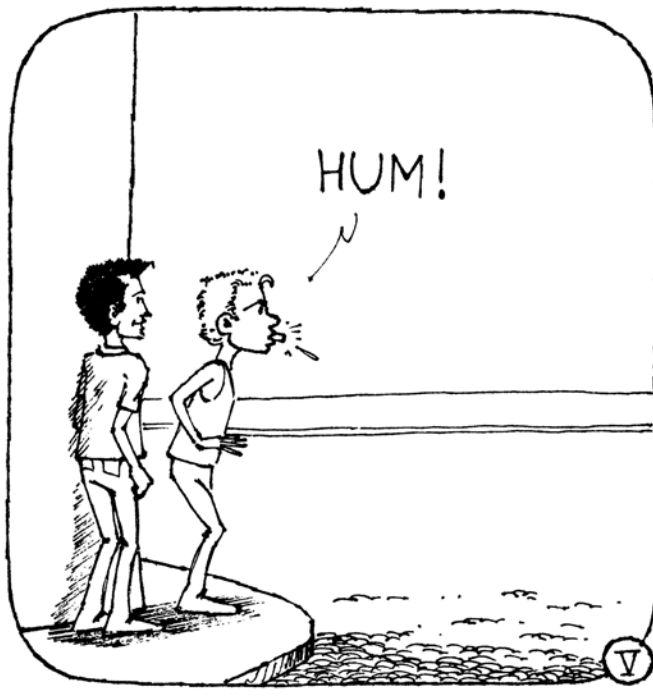
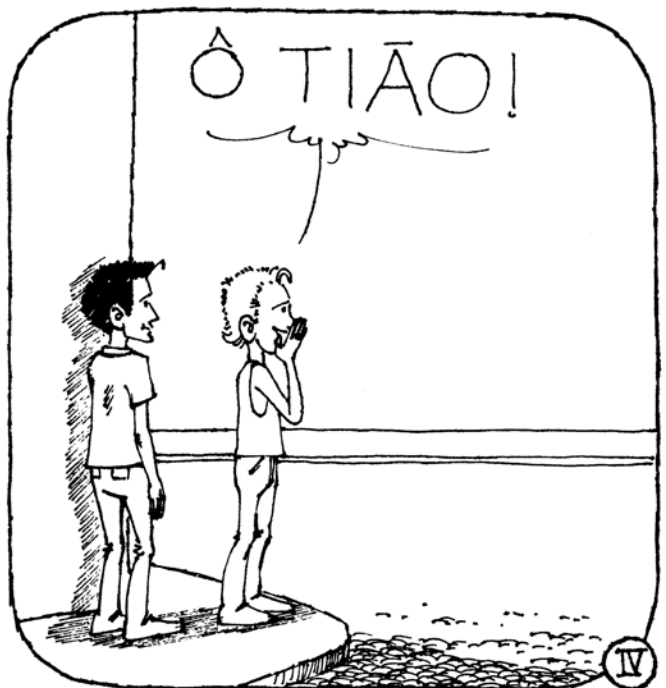


UMA SOCIEDADE JUSTA, QUE SEJA IGUAL PARA TODOS OS SEUS MEMBROS...



CADA MEMBRO TENHA DIREITOS IGUAIS DIANTE DESSA SOCIEDADE.







# FALA, QUADRINHO

## QUADRINHOS AMADORES

Uma idéia de marginalidade.

Eureka, Crás, Klik, Novo Gibi Semanal, Kiai, Fradim, o Gripho, Skorpio, A Turma do Pererê, Novo Gibi Mensal, O Bicho, Shock, Forte Navajo, Almanaque do Gibi Nostalgia, Personagens do Oeste, Comanche, O Grande Livro do Terror, entre outras.

O que estas publicações têm em comum? Segundo o que eu penso, foram todas boas publicações, bem acima da média e não conseguiram sobreviver.

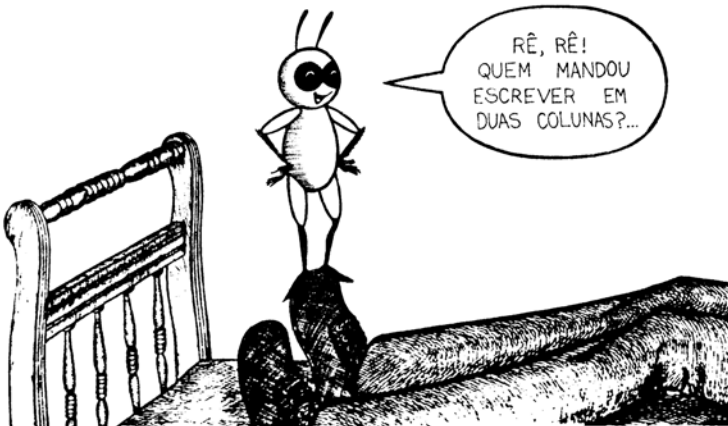
Eu não possuo dados estatísticos precisos para poder expor o assunto de maneira mais objetiva. Não sei por exemplo qual foi a tiragem prevista para Skorpio, da Vecchi, de modo a manter um preço acessível e qual foi o total de vendas real. No entanto, posso dizer que o Gibi Semanal começou com uma tiragem de 160000 e teve que reduzir para 35 mil, que era o que conseguia vender. Este número não foi o suficiente para manter a revista e ela parou. Quer dizer, para o Gibi Semanal uma tiragem de 35000 não foi suficiente. O fanzine Historieta, segundo me informou seu idealizador Oscar Kern, começou com uma tiragem de 5000 mas o nº 4 já foi impresso com 1500 exemplares. Estes mil e quinhentos são insuficientes, já que o nº 5 de Historieta está 'sai não sai'. Qualquer pessoa que entenda um pouquinho de quadrinhos sabe que tanto Historieta quanto o Gibi Semanal são publicações que não podiam ter parado, pela qualidade com que eram feitas, entretanto, não encontraram leitores suficientes que as valorizassem. A conclusão é que a qualidade não é um fator determinante para que uma publicação dê certo. Há diversos outros fatores que a mim me parecem imprevisíveis e é esta incerteza que me preocupou quando pensei em lançar uma revista. Meu esforço foi o de fazer algo de bom, que se distinguísse pelo capricho, pelo esmero, e que tanto trabalho não ficasse na dependência de um resultado de vendas.

Talvez o sistema capitalista venha nos dizendo esse tempo todo que todo empreendimento deve resultar num produ-

to com um determinado preço e que a multiplicação deste preço pelo número de unidades vendidas nos dá o total das vendas do qual, subtraído o total dos custos, resulta o lucro que, afinal, é o objetivo do empreendimento. Isto é o que o capitalismo diz mas o que eu digo é que não queria lançar uma revista e um belo dia descobrir que as vendas eram inferiores aos gastos e que a publicação teria que parar. Seria extremamente frustrante. Daí que eu resolvi encarar esta revista como um prejuízo. Este primeiro número está saindo e não está dependendo da vendagem, o preço cobrado por ela vai apenas diminuir este prejuízo. Assim eu não terei que parar a revista por insuficiência de vendas. Evidentemente eu não poderei pagar pelas HQs de quem porventura venha a colaborar comigo nos próximos números. Esta é a idéia de marginalidade a que me referi no título. PSIU não está aumentando o mercado para os profissionais de HQ. Pelo contrário, está destinada a divulgar o trabalho de quem faz um quadrinho amador, um quadrinho que, tenho certeza, é feito por muita gente, mas permanece desconhecido. Quanto ao público a que me dirijo é o que há de melhor, é o público leitor de fanzines, é o público colecionador, é o público interessado em HQs, não como diversão, mas como arte, como literatura, como forma de expressão.

Finalmente, levando em consideração que as árvores que eu conheço não dão frutos de ouro, a chuva que por aqui cai não é de pedras preciosas e o chão em que piso não contém tesouros escondidos, a única forma de pagar o prejuízo que PSIU me dá é trabalhando. E trabalhando, o tempo que me sobra para dedicar a PSIU é pouco. Assim, creio que a periodicidade semestral é ideal; me dá tempo de fazer a revista bem trabalhada e tempo de ajuntar dinheiro que cubra seus gastos.

Creio ter explicado de maneira satisfatória o que é a revista PSIU e espero que ela seja do agrado, se não de todos, pelo menos de grande parte.



Se você leitor esteve acompanhando o que andei escrevendo neste rodapé, ao longo da revista, deve estar imaginando se eu fiz a HQ a seguir para algum concurso ou com o objetivo de publicá-la em determinada revista. Nem um nem outro. O caso é que certo dia um primo meu, de seus seis anos, queria porque queria que eu fizesse um desenho para ele. Após um bocado de insistência da parte dele, peguei um papel de rascunho e fui contando e desenhando uma história em que Chapeuzinho Vermelho, o lobo e os três porquinhos se misturavam procurando desenvolver o enredo para um final imprevisível, não sem antes inverter alguns valores. Ao terminar a história, esse meu priminho encarregou-se de divulgá-la entre os familiares e, não havendo quem muito desgostasse dela, resolvi refazê-la com maior capricho. Olha o que deu.



MAS VOCÊS ACHAM QUE  
ESTA MANEIRA DE VIVER É  
A MAIS CORRETA?



SE REPRESENTA A VONTADE  
DE TODOS NÓS, NÃO PODE ESTAR  
ERRADA...



MORAVAM NUMA CASINHA, UMA MENINA CHAMADA  
CHAPEUZINHO VERMELHO E SUA VOVÓ.

①

A AVÓ DE CHAPEUZINHO ESTAVA DOENTE, MORRENDO DE FOME E NÃO HAVIA NADA  
DE COMER EM SUA CASA.



CHAPEUZINHO DECIDIU ENTÃO SAIR PARA CAÇAR,  
POIS TINHA QUE ALIMENTAR SUA AVÓ.

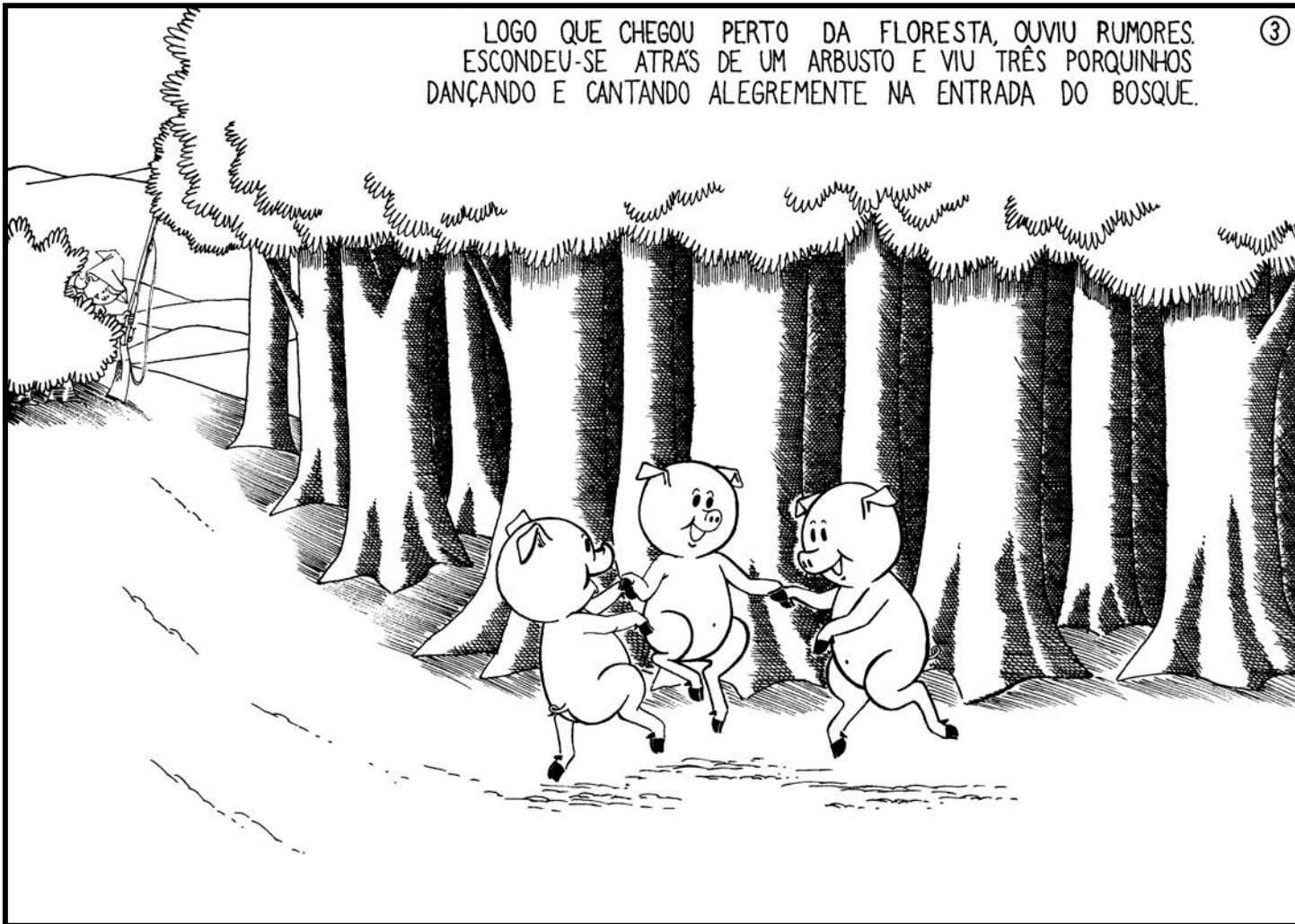
②

PEGOU A ESPINGARDA QUE FOI DO VOVÔ  
E SAIU RUMO À FLORESTA.



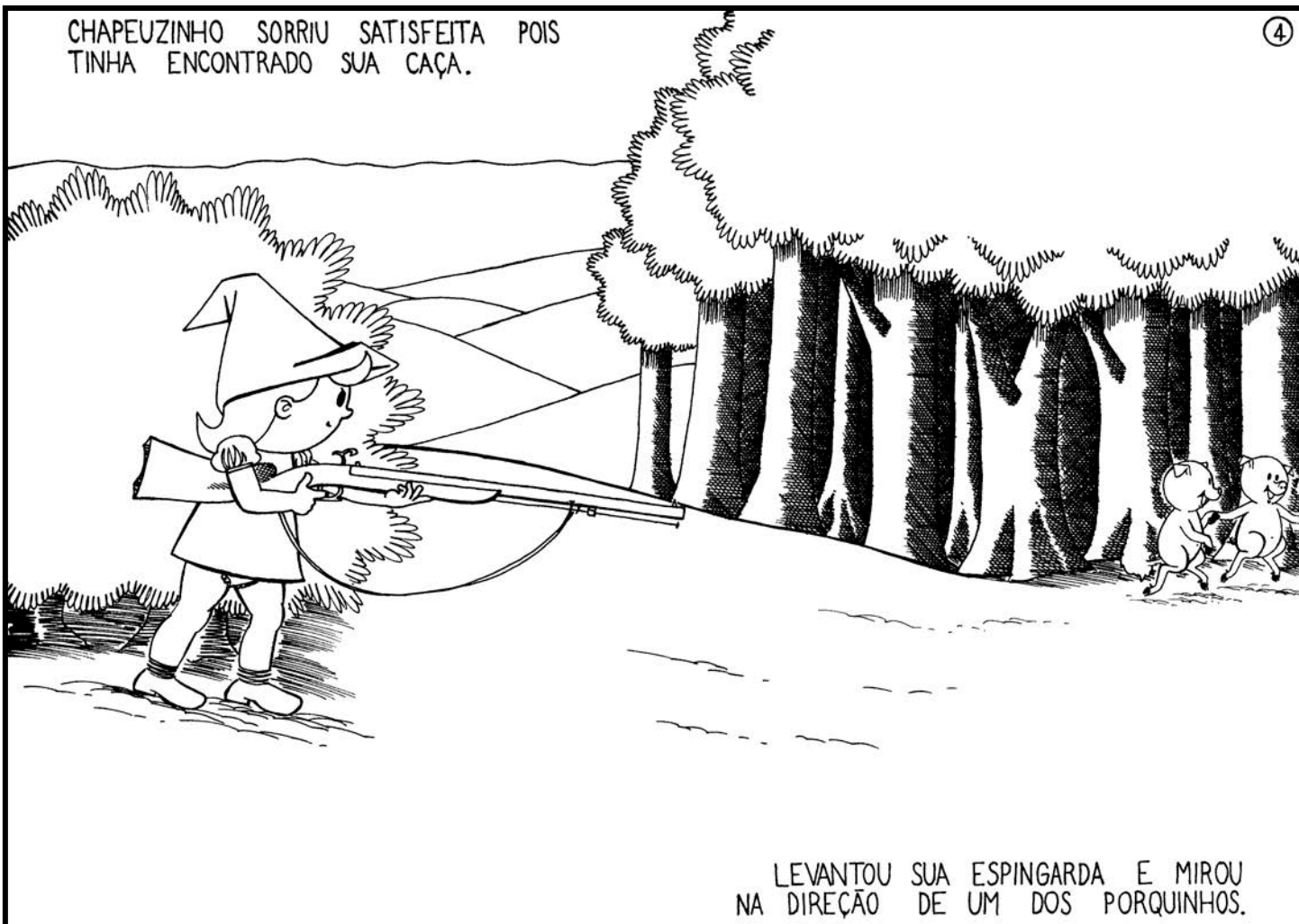
LOGO QUE CHEGOU PERTO DA FLORESTA, OUVIU RUMORES.  
ESCONDEU-SE ATRÁS DE UM ARBUSTO E VIU TRÊS PORQUINHOS  
DANÇANDO E CANTANDO ALEGREMENTE NA ENTRADA DO BOSQUE.

3



CHAPEUZINHO SORRIU SATISFEITA POIS  
TINHA ENCONTRADO SUA CAÇA.

4

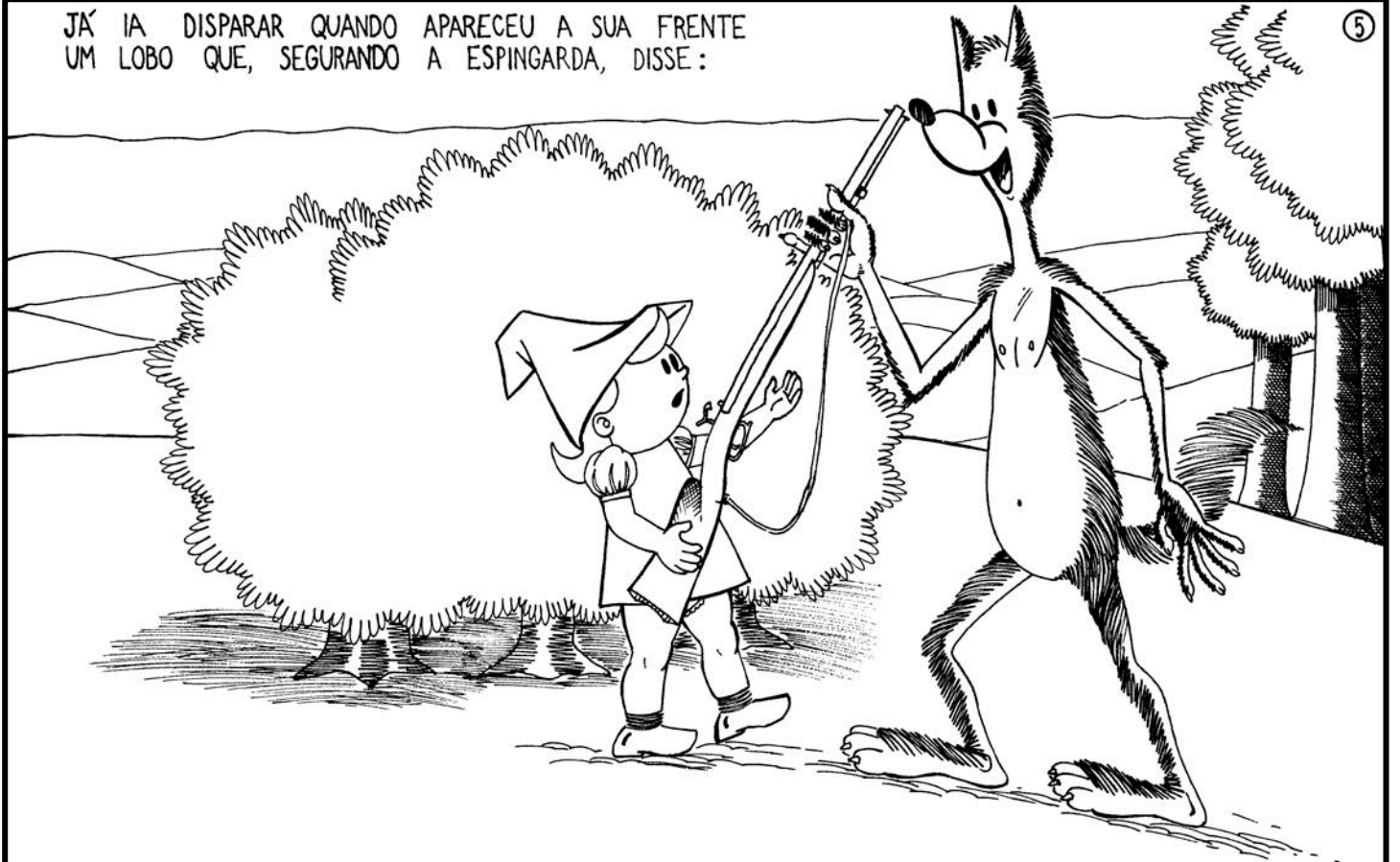


LEVANTOU SUA ESPINGARDA E MIROU  
NA DIREÇÃO DE UM DOS PORQUINHOS.



JÁ IA DISPARAR QUANDO APAREceu A SUA FRENTE  
UM LOBO QUE, SEGURANDO A ESPINGARDA, DISSE:

5



-EU SOU O LOBO, PROTETOR DOS ANIMAIS DA FLORESTA, E NÃO POSSO DEIXAR  
QUE VOCÊ ATIRE NUM DOS PORQUINHOS.

ASSIM QUE SE RECOBROU DO SUSTO,  
CHAPEUZINHO SE LEMBROU DA AVÓ DOENTE,  
SEM COMIDA E COMEÇOU A CHORAR.

6

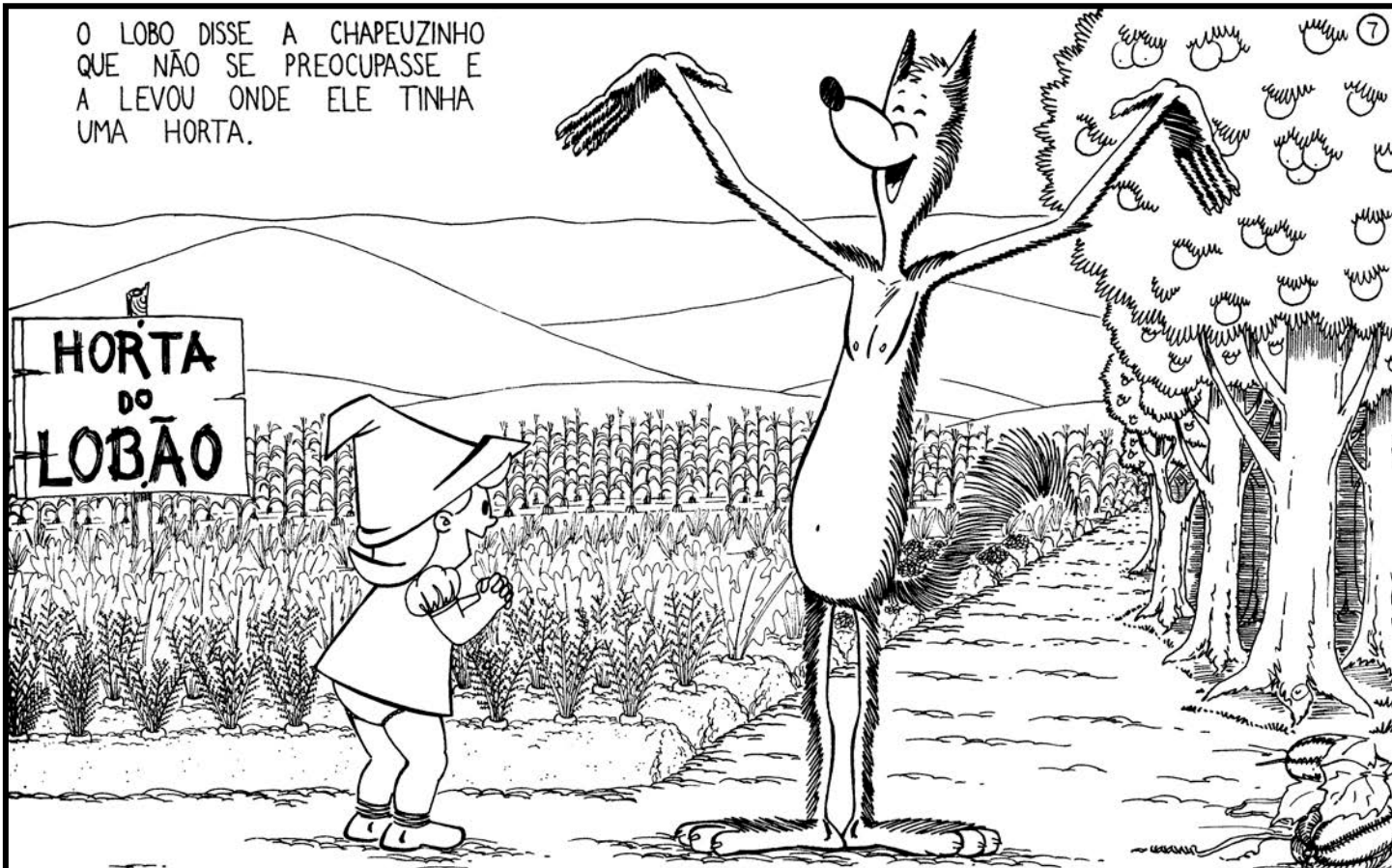


-SEU LOBO, DISSE CHAPEUZINHO, MINHA VOVOZINHA ESTÁ MORRENDO DE FOME,  
EU TENHO QUE LEVAR COMIDA PARA ELA.



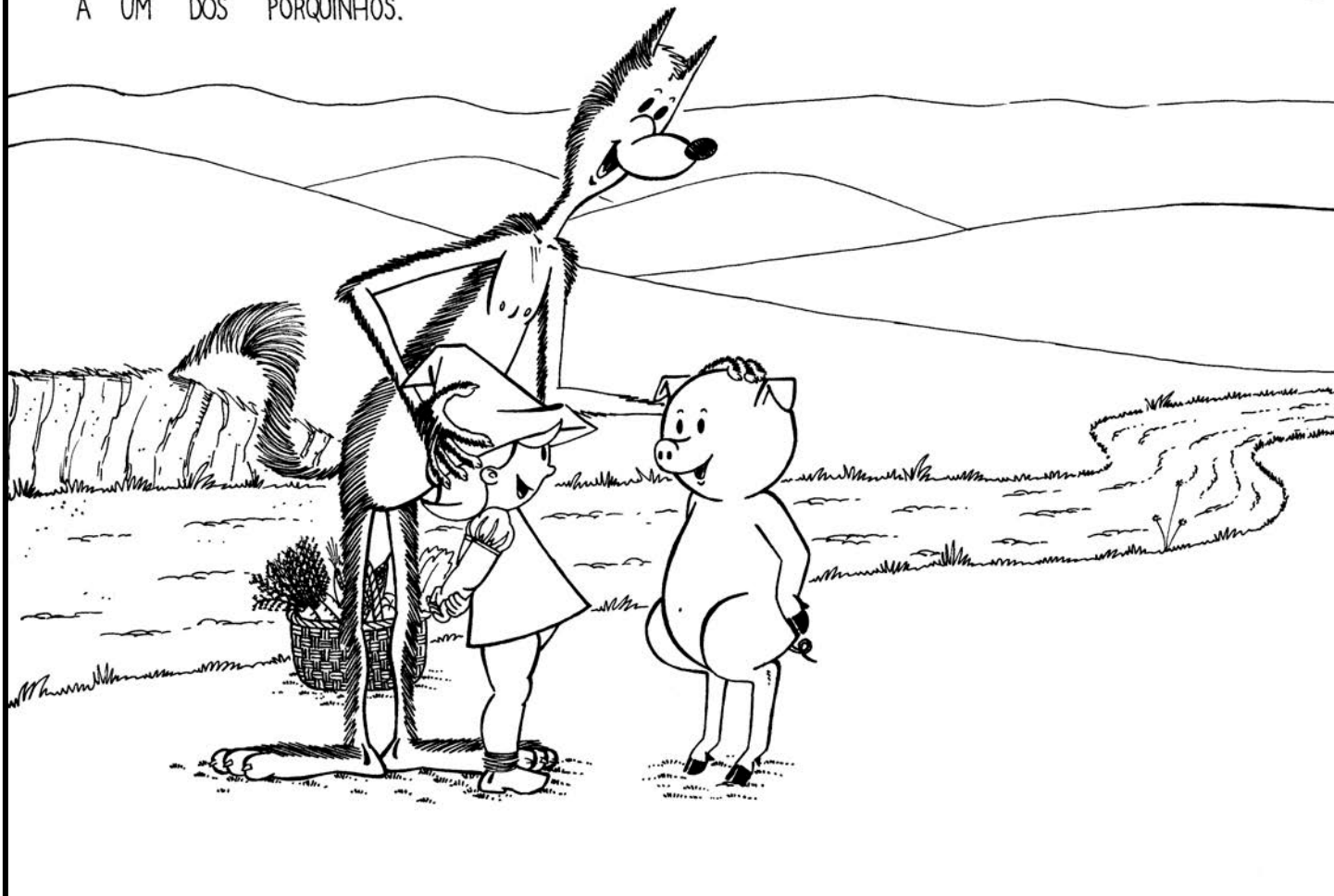
ASSIM ESTÁ AGRADECIDA A NOSSA FELICIDADE...

O LOBO DISSE A CHAPEUZINHO QUE NÃO SE PREOCUPASSE E A LEVOU ONDE ELE TINHA UMA HORTA.



- COMIDA NÃO HÁ DE FALTAR, FALOU O LOBO, AQUI EU TENHO MILHO, ALFACE, ABÓBORA, LARANJA, CENOURA E MUITAS OUTRAS COISAS. VOU LHE DAR UMA CESTA CHEIA DE LEGUMES, FRUTAS E VERDURAS PARA VOCÊ E SUA AVÓ.

COM A CESTA CHEIA DE ALIMENTOS, O LOBO APRESENTOU CHAPEUZINHO A UM DOS PORQUINHOS.

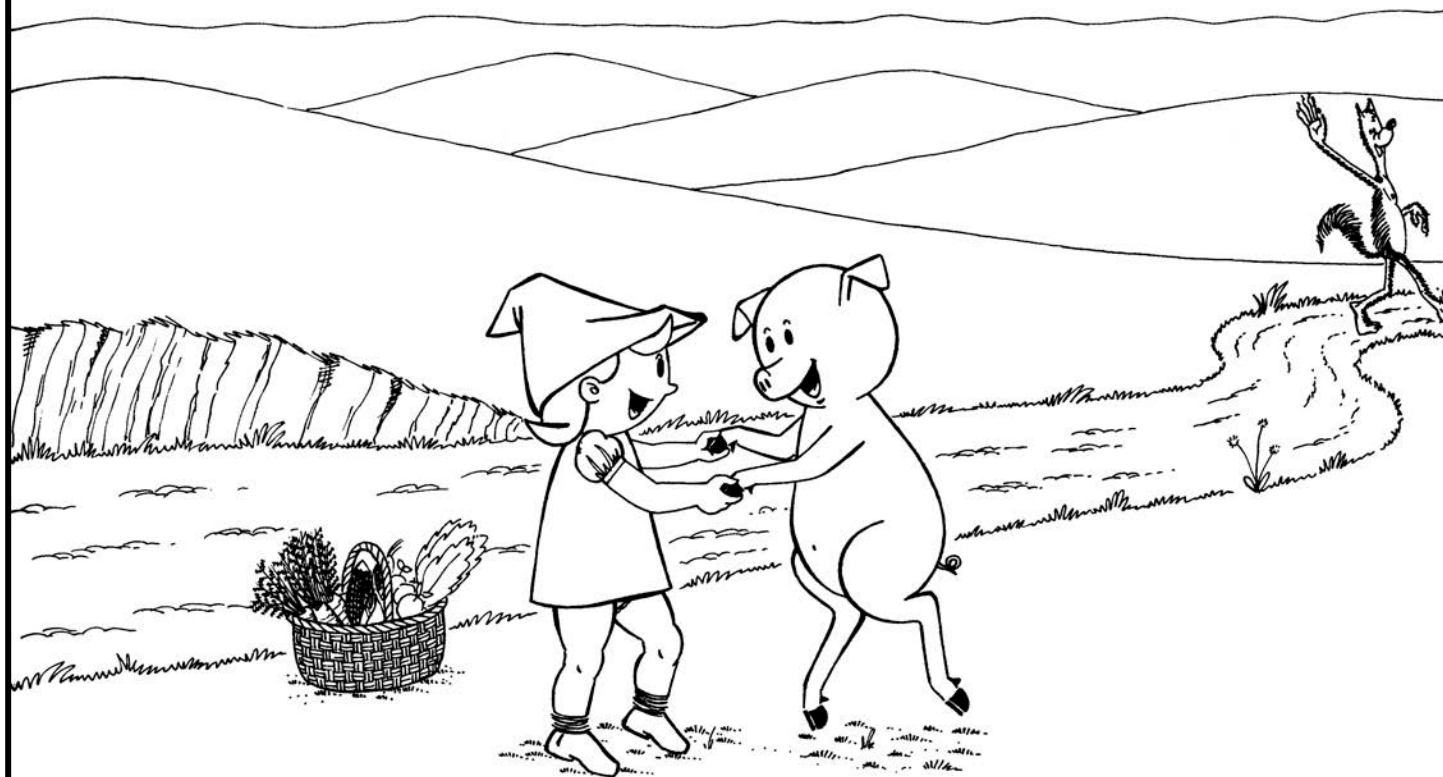


9. A GENTE ESTÁ FAZENDO PLANOS, ESTABELEÇENDO REGRAS, ANTES DE CONHECER BEM ESTE LUGAR...



CHAPEUZINHO E O PORQUINHO LOGO SE TORNARAM AMIGOS.

9



O LOBO TINHA QUE IR EMBORA CUIDAR DA HORTA E OS DEIXOU BRINCANDO.

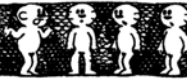
MAS COMO TINHA A AVÓ DOENTE ESPERANDO, CHAPEUZINHO SE DESPEDIU DO PORQUINHO E TOMOU O CAMINHO DE CASA.

10



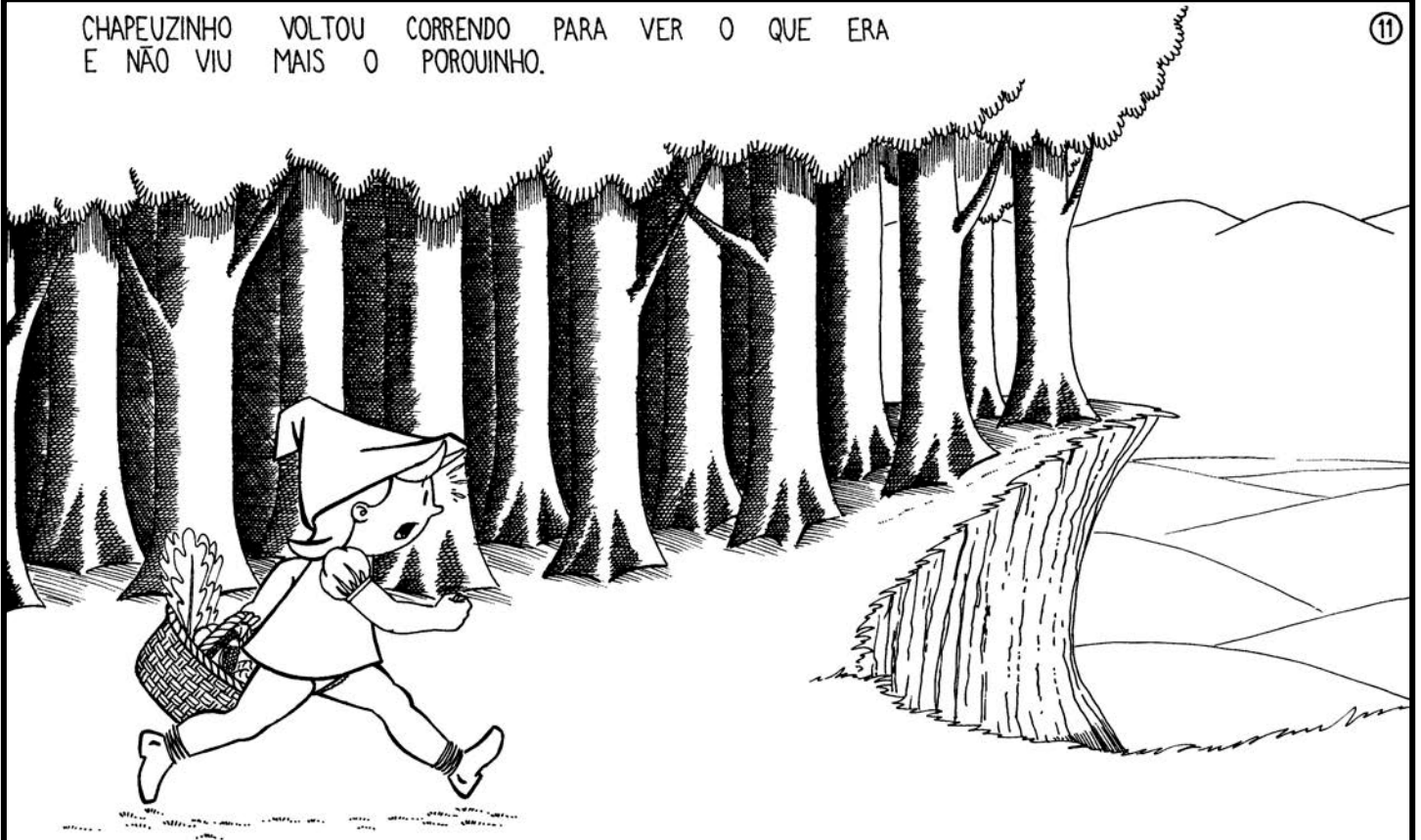
ELA IA PELA ESTRADA, CONTENTE POR TER RESOLVIDO SEU PROBLEMA, QUANDO OUVIU UM GRITO.

COMO A GENTE SABE SE JA NAO  
EXISTIAM OUTRAS REGRAS PRE-ESTABELECIDAS  
ANTES DA GENTE VIR PARA CA?



CHAPEUZINHO  
E NAO VIU  
VOLTOU CORRENDO PARA VER O QUE ERA  
MAIS O PORQUINHO.

11

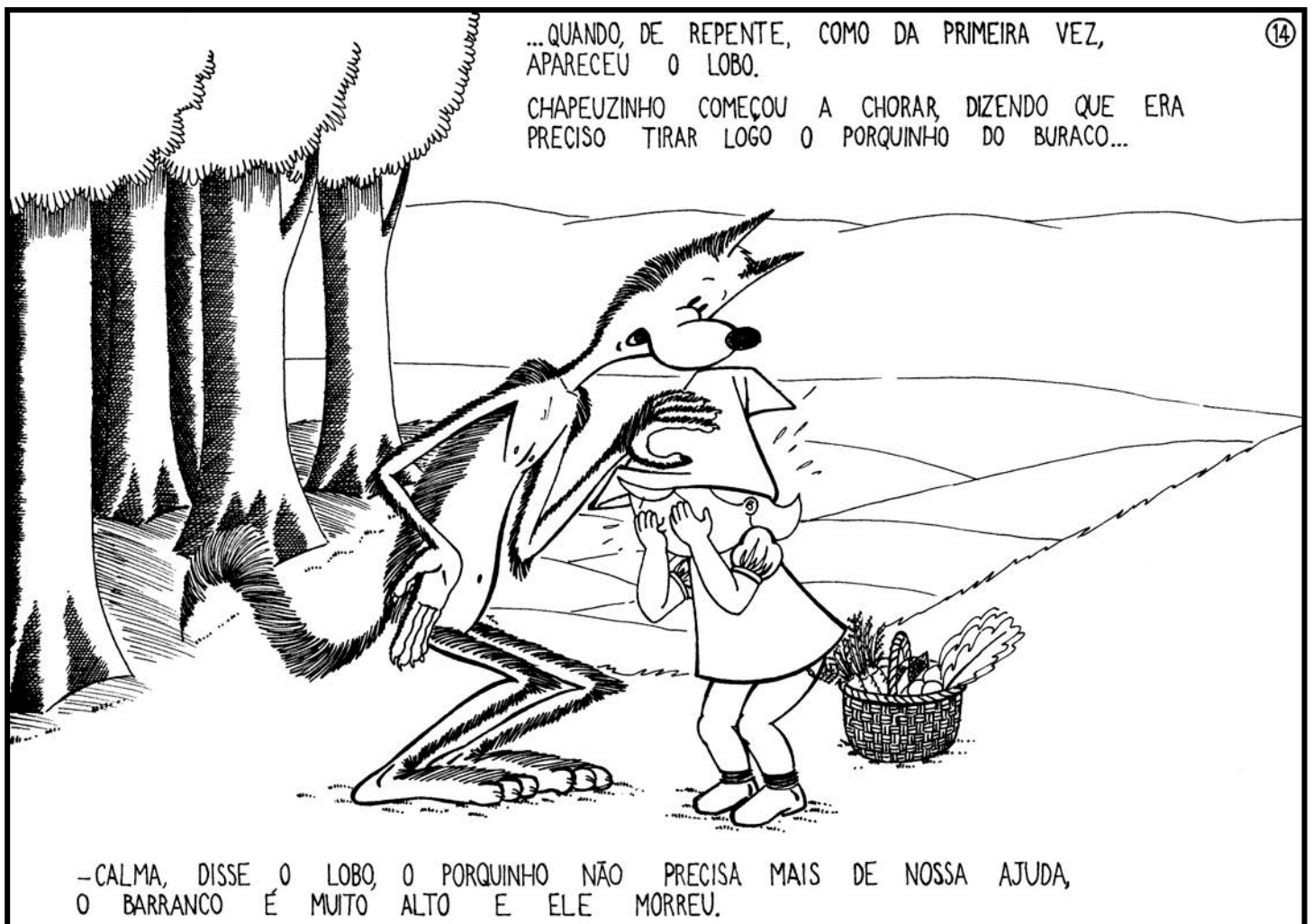
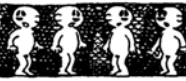


LOGO A SUA FRENTE VIU UM BARRANCO  
E SE APROXIMOU PARA VER O FUNDO.

E NO FUNDO ELA VIU O PORQUINHO,  
SEU AMIGO QUE TINHA  
CAIDO LA EMBAIXO.

12

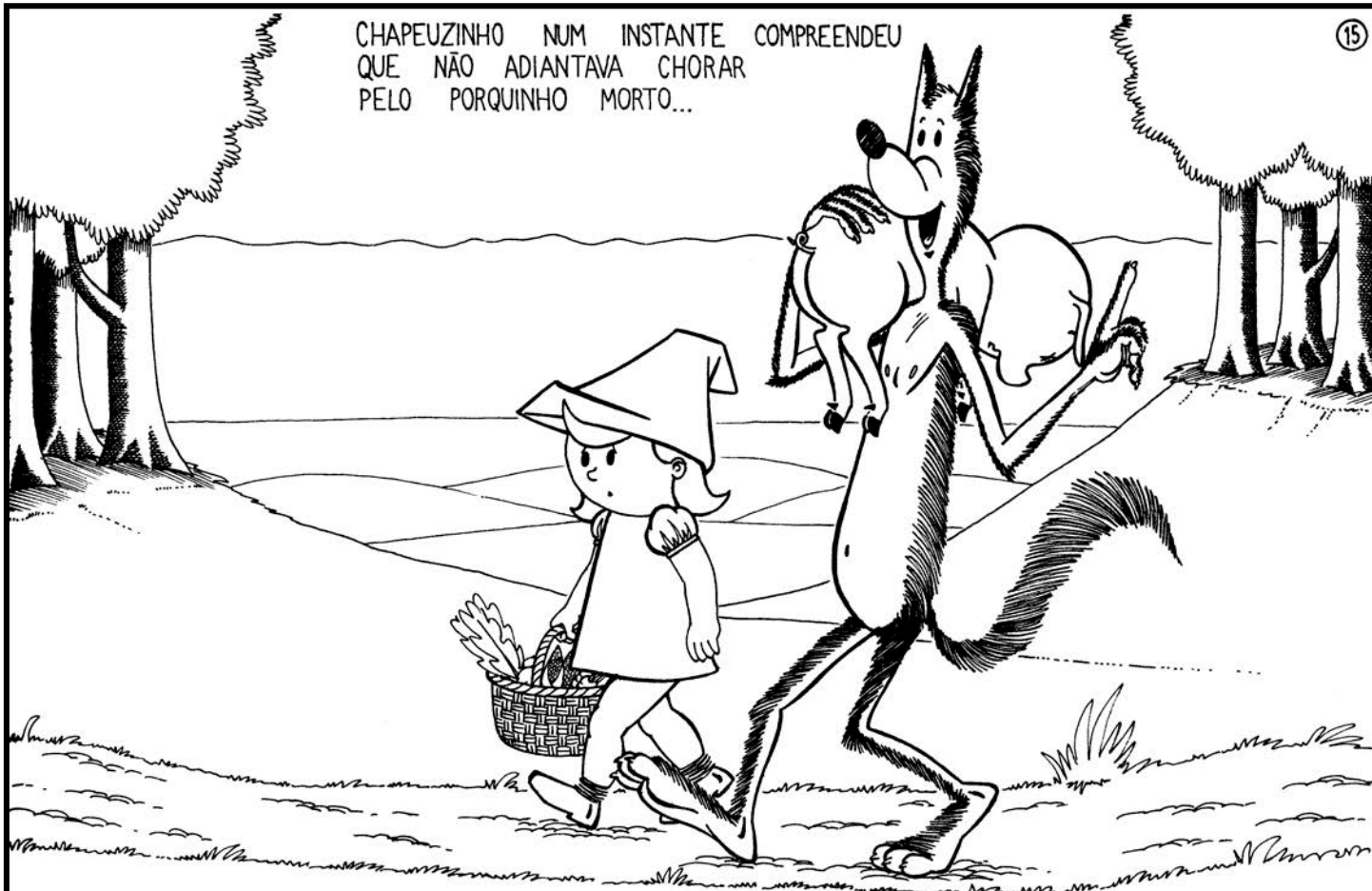






CHAPEUZINHO NUM INSTANTE COMPREENDEU  
QUE NÃO ADIANTAVA CHORAR  
PELO PORQUINHO MORTO...

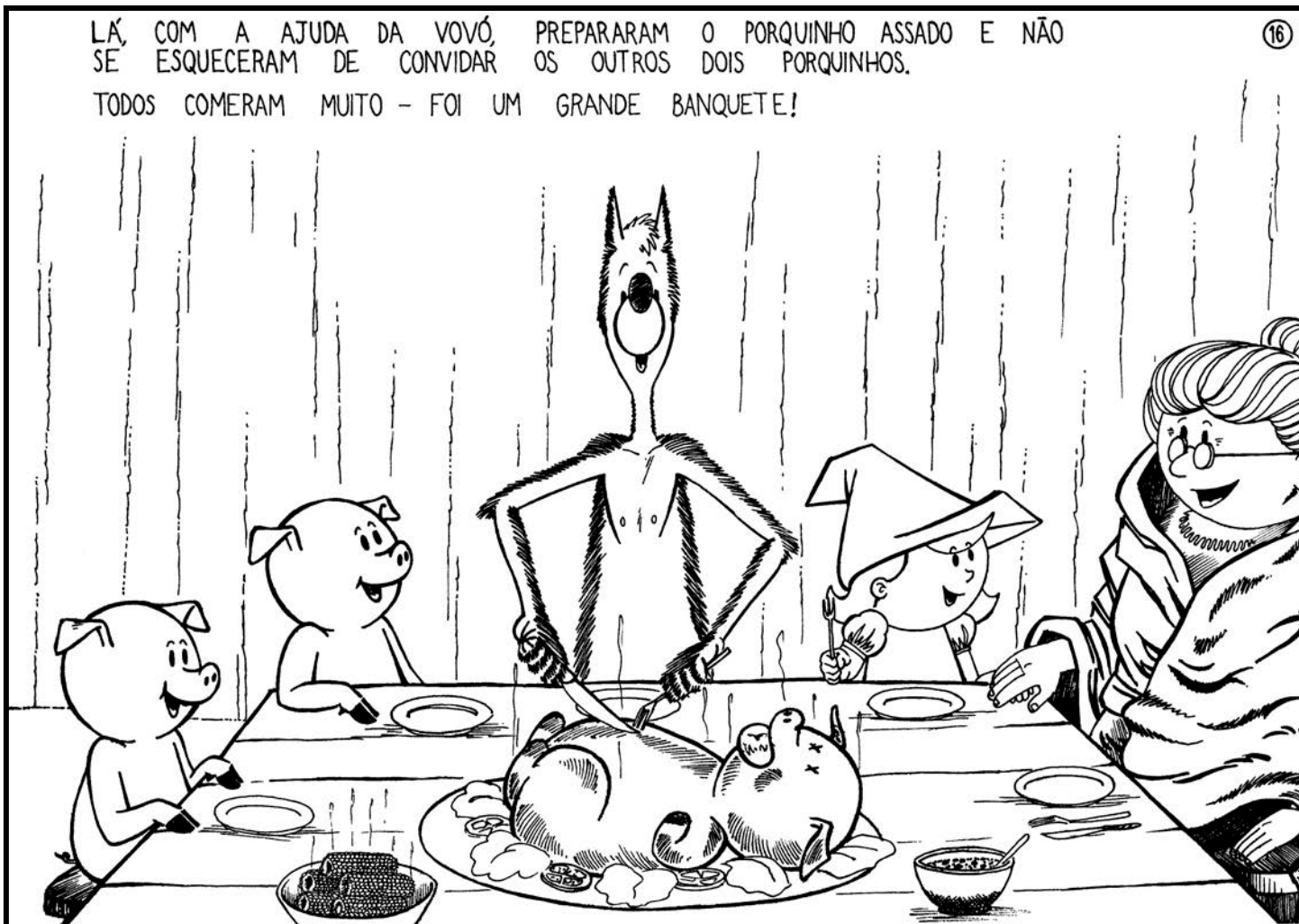
15



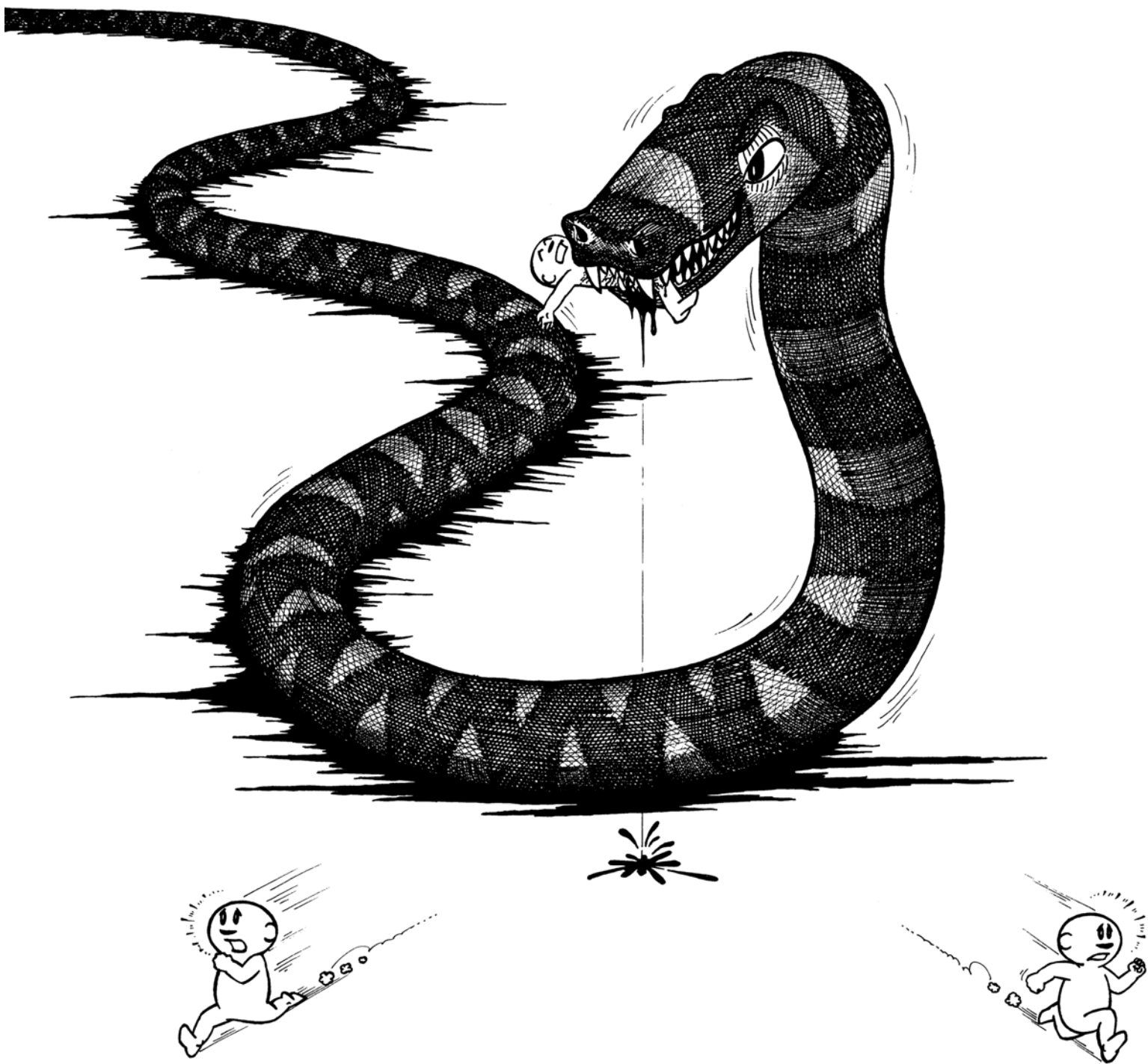
O LOBO PEGOU O PORQUINHO E FOI COM CHAPEUZINHO  
PARA A CASA DA AVÓ DELA.

LÁ, COM A AJUDA DA VOVÓ, PREPARARAM O PORQUINHO ASSADO E NÃO  
SE ESQUECERAM DE CONVIDAR OS OUTROS DOIS PORQUINHOS.  
TODOS COMERAM MUITO - FOI UM GRANDE BANQUETE!

16







Todos os personagens que aparecem na 1ª e 4ª capas são utilizados sem qualquer autorização de seus autores ou proprietários.

